



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO- UFPE**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS- DCG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA- PPGeo**

**JONATH TAVARES BARBOSA**

**A FEIRA DE CARUARU E SEU LUGAR NA CIDADE:**  
**USOS E APROPRIAÇÕES POR COMERCIANTES E MORADORES**

**RECIFE**

**2024**

JONATH TAVARES BARBOSA

**A FEIRA DE CARUARU E SEU LUGAR NA CIDADE:  
USOS E APROPRIAÇÕES POR COMERCIANTES E MORADORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEO-UFPE) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.

RECIFE

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Barbosa, Jonath Tavares.

A Feira de Caruaru e seu lugar na cidade: usos e apropriações por comerciantes e moradores / Jonath Tavares Barbosa. - Recife, 2024.

113f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024.

Orientação: Caio Augusto Amorim Maciel.

Inclui referências.

1. Lugar; 2. Feira; 3. Patrimônio; 4. Caruaru. I. Maciel, Caio Augusto Amorim. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

JONATH TAVARES BARBOSA

**A FEIRA DE CARUARU E SEU LUGAR NA CIDADE: USOS E APROPRIAÇÕES  
POR COMERCIANTES E MORADORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em geografia. Área de concentração: regionalização e análise regional.

Aprovada em: 29/08/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (Orientador – Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Emílio Tarlis Mendes Pontes (Examinador Externo)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Prof. Dr. Pedro Paulo Pinto Maia Filho (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Vale do São Francisco

*Dedicatória*

*Aos meus filhos (Joaquim e Liz) que sempre me recebem com um sorriso lindo no rosto, uma inocência pueril e um amor sem tamanho, à minha esposa Sabryna, meus pais (Eliete e Nailton), meus irmãos (Sarah e David) e ao meu eterno amigo Gabriel Gondim (in memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer à Deus pela oportunidade de conseguir finalizar mais esse ciclo na minha vida.

Agradeço ao meu Orientador, Professor Dr. Caio Augusto Amorim Maciel, que foi fundamental para o desenvolvimento de minha pesquisa com orientações precisas e pontuais, a cada conversa, a cada orientação ele sempre me tranquilizava nas minhas preocupações com o trabalho em si. Já disse para ele e gostaria de deixar registrado que a Universidade precisa de mais pessoas como ele, empáticas.

Agradeço também aos Professores Emílio e Pedro, integrantes da banca, que deram contribuições valiosas para o enriquecimento desse trabalho.

Aproveito também para agradecer ao Professor João Domingos, que conheci através de Caio, sendo fundamental nessa pesquisa sempre muito solícito, com boas indicações e os contatos que puderam enriquecer essa dissertação.

Agradeço aos meus pais (Dona Eliete e Seu Nailton) por toda luta, esforço e apoio que sempre deram para que eu pudesse chegar até aqui, priorizando nossa educação e preocupando-se para que pudéssemos dar nosso melhor e hoje, os frutos estão sendo colhidos e estou podendo realizar um sonho que deixei de lado por 10 anos. Toda dedicação de vocês foi a força que me movia para não desistir, sobretudo nos momentos difíceis no meio da caminhada. Tenho certeza de que estão muito felizes com essa conquista que não é só minha, é deles também.

Agradeço também aos meus irmãos (Sarah e David) que sempre me apoiaram nas minhas decisões e estiveram todos os dias ouvindo minhas angústias e os medos principalmente durante esse tempo do mestrado. À David, uma dedicação especial, foi meu maior incentivador e a pessoa que mais esteve de perto dando conselhos, pontuando questões pertinentes à dissertação desde a elaboração do projeto até o final da dissertação. Tem um coração gigante e está sempre pronto para ajudar as pessoas, tenho muito orgulho por tudo que ele construiu em sua vida acadêmica, pelo professor que se transformou e tenho certeza de que vai alcançar coisas grandes. Essa dissertação tem muito dele e sou eternamente grato por tanto e por tudo.

Agradeço também à minha companheira Sabrynna pela parceria, incentivo para que eu pudesse ingressar no mestrado e por cuidar tão bem dos nossos filhos (Joaquim e Liz) enquanto preciso trabalhar e estudar. Seu apoio foi fundamental, especialmente nos momentos que estive bem fragilizado, com a ansiedade no ápice a ponto de não conseguir concentrar para colocar as ideias no eixo para concluir essa dissertação. Essa vitória é nossa, é dos nossos filhos e vamos poder dizer para eles que conseguimos juntos passar por essa etapa que foi difícil e desgastante, mas não desistimos. Amo muito você, meu amor, e obrigado por tudo que você fez e faz por

nossa família, és um exemplo de mãe, companheira e profissional pois, dentre tantas qualidades que tens, a ética e o compromisso com que leva sua profissão são um exemplo para mim.

Aos meus filhos, Joaquim e Liz, que são o bem mais precioso que tenho nessa vida. Vocês são meu combustível para continuar indo atrás de meus sonhos e ser exemplo de pai, homem e sobretudo, de uma pessoa que não desiste por causa das dificuldades e poderá dizer para vocês que o papai conseguiu transpor as barreiras do medo, da incerteza, da ansiedade e atingiu suas metas. O sorriso de vocês renova minha força. Papai ama demais esses bebês.

À minha tia Edjane, a qual tenho um carinho muito grande pela dedicação desde os primeiros anos de minha vida e pela preocupação com minha saúde e com minha alimentação, sobretudo quando estou trabalhando em Caruaru.

Ao meu amigo Gabriel Gondim (*in memorian*) um dos poucos caras que acreditavam mais em mim do que eu mesmo, sempre com uma palavra de incentivo e levantando nossa autoestima era um amigo para todas as horas.

Ao meu amigo Wagner, que daqui uns meses também será mestre, meu mais sincero obrigado pelas conversas, conselhos e debates que tivemos ao longo desses 5 anos de amizade que construímos trabalhando juntos em Agrestina. Tenho uma admiração muito grande pelo cara que é e aprendo a cada conversa que temos, especialmente, sobre a vida. Amo você, meu velho.

Aos amigos Carlos e Rafael (mestre em andamento também), que assim como Wagner, nesses 5 anos de convivência tornaram-se parte de minha vida e conversamos diariamente em nosso grupo de whatsapp (Os comparsas), nome que faz jus à nossa união. Em todos os momentos o incentivo e a torcida pela aprovação e desenvoltura do trabalho foram presentes.

Ao meu amigo Fred que também está concluindo sua dissertação o meu agradecimento pelas palavras de apoio, pelas resenhas e incentivo desde sempre. Sou seu fã, meu irmão.

Ao meu amigo Luiz Phillipe que desde sempre foi um grande incentivador em tudo que me proponho a fazer. São pessoas como ele que precisamos nos rodear.

Ao meu amigo Pedro, doutorando em história, pelo incentivo e apoio além das dicas valiosas até os últimos dias para que eu pudesse concluir essa dissertação.

Ao meu amigo Giovanni que sempre tinha uma palavra de conforto e apoio durante essa caminhada árdua da dissertação.

Ao meu amigo Bruno de Kemartan que esteve sempre dando conselhos, torcendo por mim e ajudando nos debates da dissertação.

Ao meu amigo Fernando Francisco que desde o período da graduação mantemos essa amizade que perdura até os dias atuais, não tenho como descrever o quanto és importante para mim.

Aos amigos da casa de Caruaru – Daniel, Jesus, Luiz e Matheus pelas conversas e resenhas sempre muito leves que faziam relaxar nos momentos necessários.

Ao meu amigo e cunhado Hedy, o qual, tenho uma admiração profunda pelo ser humano e artista que é. Nossa parceria vem de longas datas, desde 2005, do pré-vestibular ao curso de Geografia na UFPE e hoje, quis o destino que eu fosse pai dos seus sobrinhos.

À minha amiga Mariana pelos conselhos e parceria desde sempre nos bons e maus momentos.

Ao querido Eduardo, secretário do PPGEO, pessoa ímpar e sempre prestativo com sua paz de espírito e tranquilidade ajudando pessoas ansiosas como eu. Lembro bem do dia que recebi o email e, ao entrar em contato, percebeu que meu sobrenome era igual ao de David e teve o cuidado de avisá-lo também sobre o remanejamento e esse gesto ficou marcado como uma atitude nobre e de cuidado para com o outro.

Aos amigos do grupo ‘Santa Gigante’ – Deyvinho, Júlio, Sérgio, Rafael e Berg – por todas as resenhas diárias que temos. Fazendo um destaque para meu amigo e irmão Deyvinho onde tivemos um amor à primeira vista, sobretudo, por causa de uma paixão em comum que nos uniu, o glorioso Santa Cruz.

Por fim e não menos importante, à todos os amigos da escola ABC onde leciono desde 2015 e tenho um carinho todo especial por todos, especialmente Robinho e Estrela que sempre me apoiaram e foram compreensíveis quando precisei deixar atividade para acompanhar as aulas do mestrado, meu mais sincero agradecimento.

## RESUMO

O trabalho tem a finalidade de discutir a importância da Feira de Caruaru para os moradores e comerciantes a partir de uma abordagem da Geografia Cultural. A pesquisa investigou a relevância afetiva e a conexão profunda que a feira possui, não apenas com a cidade, mas também, com as pessoas que frequentam ou dependem dela para retirar o sustento, sobretudo no vizinho bairro do Vassoural, demonstrando uma relação de lugar que se estabelece cotidianamente dentre moradores e feirantes. Do ponto de vista teórico a dissertação propõe o diálogo entre perspectivas existencial-ontológicas e econômico-sociais de lugar, com base em uma revisão de literatura sobre o conceito. Além de um importante centro turístico, a feira apresenta um grande destaque no âmbito econômico e cultural, visto que movimenta o comércio local e integra a identidade do Agreste pernambucano com suas peculiaridades. Diante disso, as atividades escolares também são afetadas pela dinâmica comercial, pois uma parcela dos estudantes são trabalhadores e, conseqüentemente, em dias de “sulanca” (confeções) a frequência diminui. A metodologia adotada incluiu revisão bibliográfica e iconográfica, além de entrevistas e trabalhos de campo. As três principais fontes de informação para a construção dos dados da pesquisa foram levantamentos bibliográficos de teses, dissertações e artigos; levantamentos iconográficos e fontes documentais; e a análise do dossiê do IPHAN. Nas entrevistas, utilizou-se uma abordagem hermenêutica, interpretando os discursos como dispositivos de ação e participação na realidade observada. Apesar da feira deter importante título de patrimônio imaterial, a pesquisa constatou que muitos dos moradores não apresentam uma relação direta com os discursos e atividades relacionadas ao processo patrimonial, por conta da forma como esse reconhecimento foi estabelecido, sem grande participação popular, porém demonstram grande afeto ao lugar. Dessa forma, foi possível discernir o significado da Feira de Caruaru para diferentes grupos sociais, bem como suas conexões identitárias, afetivas e simbólicas com os diferentes subespaços que envolvem o fenômeno, incluindo o bairro do Vassoural.

**PALAVRAS-CHAVES:** Lugar; Feira; Patrimônio cultural, Identidade, Caruaru

## **ABSTRACT**

The purpose of the work is to discuss the importance of the Caruaru Fair for residents and merchants from the perspective of Cultural Geography. The research investigated the affective relevance and the deep connection that the fair has, not only with the city, but also with the people who attend or depend on it to make a living, especially in the neighboring neighborhood of Vassoural, demonstrating a relationship of place that is established daily between residents and fairground vendors. From a theoretical point of view, the dissertation proposes a dialogue between existential-ontological and economic-social perspectives of place, based on a literature review on the concept. In addition to being an important tourist center, the fair has a great prominence in the economic and cultural sphere, since it moves local commerce and integrates the identity of the Agreste of Pernambuco with its peculiarities. In view of this, school activities are also affected by the commercial dynamics, as a portion of the students are workers and, consequently, on days of "sulanca" (clothing) attendance decreases. The methodology adopted included a bibliographic and iconographic review, as well as interviews and fieldwork. The three main sources of information for the construction of the research data were bibliographic surveys of theses, dissertations and articles; iconographic surveys and documentary sources; and the analysis of the IPHAN dossier. In the interviews, a hermeneutic approach was used, interpreting the discourses as devices of action and participation in the observed reality. Despite the fact that the fair holds an important title of intangible heritage, the research found that many of the residents do not have a direct relationship with the discourses and activities related to the heritage process, due to the way this recognition was established, without great popular participation, but they show great affection for the place. In this way, it was possible to discern the meaning of the Caruaru Fair for different social groups, as well as its identity, affective and symbolic connections with the different subspaces that involve the phenomenon, including the Vassoural neighborhood.

**KEYWORDS:** Patrimony; Fair; Caruaru; Broom; Place

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01</b> – Representação da Feira e dos seus setores por parte do IPHAN .....	19
<b>FIGURA 02:</b> Comanda de pagamento da conta na Barraca da Tia Guida .....	21
<b>FIGURA 3a:</b> Placas rodoviárias indicando os geossímbolos de Caruaru.....	55
<b>FIGURA 3b:</b> BR-232 no trecho que corta o município de Jaboatão dos Guararapes.....	55
<b>FIGURA 3c:</b> BR-408 no trecho que corta o município de São Lourenço da Mata, ao fundo, o teto da Arena de Pernambuco.....	55
<b>FIGURA 4:</b> Banda de Pífanos ( <i>Pife</i> ) .....	56
<b>FIGURA 5:</b> Entrada do Alto do Moura .....	64
<b>FIGURA 6a:</b> Feira de Artesanato e Polo Gastronômico .....	65
<b>FIGURA 6b:</b> Disposição dos restaurantes no polo gastronômico .....	65
<b>FIGURA 6c:</b> Portal de entrada da feira de artesanato.....	65
<b>FIGURA 6d:</b> Placa de inauguração do polo gastronômico .....	65
<b>FIGURA 7:</b> Restaurantes tradicionais .....	66
<b>FIGURA 8:</b> Mercado Cultural Casa Rosa .....	67
<b>FIGURA 9:</b> Feira Livre .....	68
<b>FIGURA 10:</b> Mercado de Flores .....	72
<b>FIGURA 11:</b> Fretista no meio da Feira .....	82
<b>FIGURA 12:</b> Feira do Troca .....	87
<b>FIGURA 13:</b> Boxes da Brasilit .....	88
<b>FIGURA 14:</b> Avenida Rui Limeira Rosal (Dia de Sulanca).....	92
<b>FIGURA 15:</b> Feira de Artesanato com banda de Pífanos animando os frequentadores .....	100
<b>FIGURA 16:</b> Bancos de feira livre fixos .....	102

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 01</b> – Perfil Geral dos Entrevistados .....	78
---	----

## LISTA DE MAPAS

<b>MAPA 01</b> – Mapa de localização do município de Caruaru, Pernambuco.....	17
<b>MAPA 02</b> – Localização da Escola Luiz Pessoa em relação a Feira de Caruaru .....	18
<b>MAPA 03</b> – Mapa das rodovias federais que cortam Caruaru, Pernambuco .....	52
<b>MAPA 04</b> – Cidades do Polo das Confecções no Agreste Central de Pernambuco.....	61
<b>MAPA 05</b> – Mapa de localização do Mercado Cultural Casa Rosa e dos boxes da Brasilit ..	67
<b>MAPA 06</b> – Mapa dos espaços de medo na Feira de Caruaru .....	85
<b>MAPA 07</b> – Mapa de localização da Ladeira do Vassoural, Caruaru/PE .....	97
<b>MAPA 08</b> – Mapa dos setores da Feira de Caruaru.....	104

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b> .....	14
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	23
<b>CAPÍTULO 01 – A GEOGRAFIA E AS DISCUSSÕES SOBRE O LUGAR: O SUJEITO E SEU LUGAR NA PAISAGEM</b> .....	31
<b>1.1 Lugar: uma categoria que apresenta abordagens distintas na geografia</b> .....	32
<b>1.2 A percepção do lugar no ensino de Geografia</b> .....	41
<b>1.3 A Feira e o lugar</b> .....	46
<b>CAPÍTULO 02 – A FEIRA DE CARUARU E SUAS PARTICULARIDADES</b> .....	51
<b>2.1 A feira pulsa, a cidade vive: Uma simbiose histórica</b> .....	52
<b>2.2 A Feira de Caruaru como elemento identitário e patrimonial</b> .....	62
<b>2.3 A feira de Caruaru entre a patrimonialização e os olhares locais</b> .....	68
<b>CAPÍTULO 3 – A FEIRA DE CARUARU: USOS E APROPRIAÇÕES DOS MORADORES E COMERCIANTES</b> .....	74
<b>3.1. A Feira de Caruaru e seus agentes sociais</b> .....	75
<b>3.2. A Feira de Caruaru e o bairro do Vassoural</b> .....	91
<b>3.3. A Feira de Caruaru: usos, apropriações e redes de sociabilidade</b> .....	99
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110

## PRÓLOGO

A história desse estudante, professor e pesquisador tem alguns personagens importantes que foram fundamentais para que ele chegasse nesse estágio em que se encontra. Foram anos de dedicação, luta e esforço para que pudesse realizar o sonho de entrar no mestrado e concluir mais uma etapa que, com certeza, trará vários frutos bons na caminhada profissional e acadêmica.

Inicialmente, os grandes responsáveis por toda essa trajetória foram nossos pais, Dona Eliete e Seu Nailton, que sempre nos incentivaram para os estudos e fizeram todos os esforços possíveis e impossíveis para que seus três filhos (Sarah, Jonath e David) concluíssem os estudos e fossem além do que eles foram. Lembro bem de ouvir ‘mainha’ falando do sonho de entrar numa universidade, de ter feito vestibular e não conseguir entrar em virtude de uma série de fatores.

Minha vida escolar pode ser dividida em dois momentos, o primeiro – onde considero o mais importante – foi numa escola de bairro aqui em São Lourenço da Mata-PE onde permaneci até a 8ª série (hoje 9º ano), período bastante rico do ponto de vista da aprendizagem, pois, havia uma preocupação com a apreensão do conteúdo e de bons resultados. O segundo, o mais difícil, foi em uma escola estadual também próxima de casa, escola essa que estava passando por uma reforma e de início, as aulas aconteceram sob regime de revezamento sendo uma semana com aula e outra sem.

Ainda no ensino médio, o sucateamento das escolas públicas na época era grande e a ausência de professores foram um problema que só seria sentido anos depois, em 2004, quando fui prestar meu primeiro vestibular. Com isso, participei de um pré-vestibular gratuito que a prefeitura da cidade promoveu e foi a partir daí que as carências de conteúdos, sobretudo na área de exatas, começaram a surgir. Nesse momento percebi que as coisas não seriam tão fáceis como eu imaginava, de fato, não foram. Como mencionado, 2004 foi um ano de primeiro contato com esses processos seletivos e acabei não obtendo êxito, mas também, devo ressaltar que a dedicação não foi a ideal, faltou empenho que veio em 2005.

No ano de 2005, o comprometimento foi maior, o curso escolhido para prestar vestibular foi Geografia na UPE (Universidade de Pernambuco) e Ciências Sociais na UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco), porém, o objetivo de entrar na universidade não foi possível, o mais próximo foi 83º lugar no vestibular da UPE, ou seja, 23º colocação do remanejamento. Existia a esperança de ser chamado, acompanhei o calendário das convocações, mas não era o ano ainda.

Já em 2006, aí sim, esse foi meu ano, momento no qual estava bastante desgastado com toda a trajetória até então percorrida, mas desistir não era uma opção. Foi o ano mais difícil em virtude de tudo que estava passando, a pressão pelo resultado era muito grande, a cobrança que tinha comigo era maior e tinha que ser nesse ano. De fato, foi bastante complicado pois as aulas aconteciam de segunda à sábado, das 7:30 às 11:45 e no turno da tarde eu era o estagiário do cursinho pré-vestibular que estudava, pois, era bolsista e precisava prestar serviços para custear os estudos.

A memória afetiva daqueles momentos ficou cravada como uma tatuagem e me fizeram/fazem valorizar cada conquista que tive ao longo desses anos seguintes. O dia 18/12/2006 ficou marcado como o dia que virou uma chave em minha vida e pude verbalizar: Eu sou professor, mainha! Nessa época, não tínhamos a facilidade dos fluxos de informações da atualidade e o listão só poderia ser acessado através de download do documento e com uma internet discada para somente depois, pesquisar nominalmente cada estudante. Como criamos um laço de amizade e já era tradição do cursinho irmos receber o resultado na sede deles, fizemos todo um ritual e comparecemos para acompanhar o tão esperado triunfo.

Aprovado na UPE, o Natal e réveillon daquele ano foi bastante animado e de alívio, pois, a meta do ano havia sido concluída. A outra parte da história traz uma felicidade dupla especialmente porque marcou a aprovação na UFPE minha e de David, ambos em Geografia, porém, David entrou no bacharelado e minha vida foi para o lado da licenciatura, profissão que sou apaixonado e desde 2007 faz parte de minha rotina.

Os anos de graduação foram divididos com a sala de aula e pouco aproveitei de congressos, encontros e simpósios, encontros que são cruciais para o enriquecimento enquanto acadêmico e pesquisador. Ao mesmo tempo, ganhava experiência e uma bagagem na educação que se tornaram fundamentais para o amadurecimento do professor que sou hoje, com 16 anos de sala de aula e muita empolgação para ensinar.

Em 2011, tive oportunidade de ingressar no PREVUPE (Pré-vestibular da Universidade de Pernambuco), onde permaneci até o ano de 2018 colecionando bons momentos e muito aprendizado. Durante esses anos pude ver sonhos realizados, aprovações que vieram para mudar a história de tantos alunos com histórias parecidas com a minha, tanta vontade de vencer. Em 2014, tive o prazer de ser convidado para compor a equipe do Prevupe de Bom Jardim, no agreste setentrional pernambucano, pude reencontrar alunos que tive em 2010 na cidade vizinha, João Alfredo. O detalhe desse episódio é que fui professor deles durante o ensino fundamental e só nos revemos no pré-vestibular. Foi lá também que fui homenageado com a Distinção Honorífica de Mérito Cultural e Cidadania pelos serviços prestados ao município.

Ainda no ano de 2011, juntamente com alguns amigos, montamos um pré-vestibular que se tornou referência na cidade pelo pioneirismo e ousadia da proposta pedagógica apresentada. De acompanhamento psicológico à levar apoio aos nossos alunos até o dia da prova, foram ações que nos renderam, no ano de inauguração, a primeira aprovação em medicina de um cursinho na cidade. Esse feito nos trouxe uma grande credibilidade que ultrapassou os limites municipais e chegou nas cidades vizinhas e passamos a ter vários estudantes de fora. Em 2012, fomos ousados e saímos de uma casa improvisada com aproximadamente 60 m<sup>2</sup> para um prédio com 250 m<sup>2</sup>, a partir daí, conseguimos ajudar mais estudantes a entrar nas universidades afora.

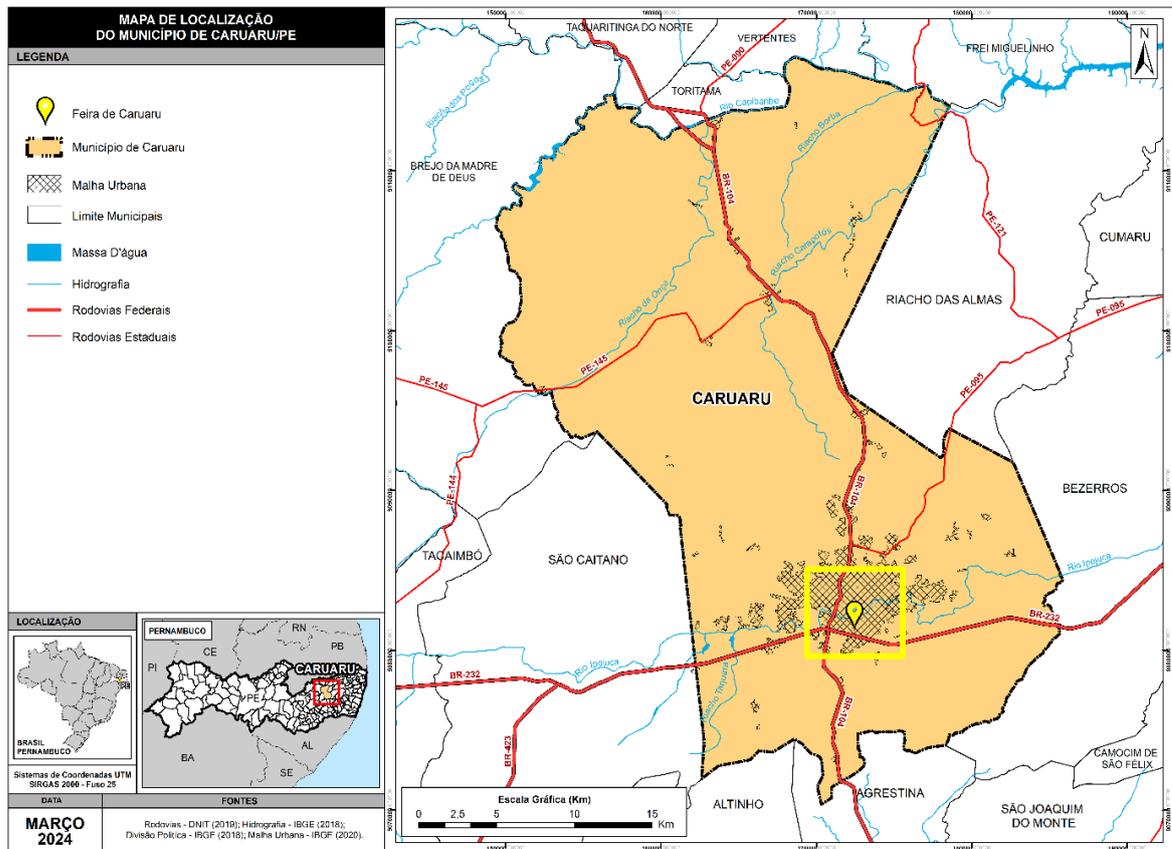
Em 2015, entrei nessa escola que tenho um carinho todo especial, o ABC, onde estou até o momento. Falo com muito orgulho dela porque cresci profissionalmente e como pessoa, pois, a sensação é de estar trabalhando em família. Inicialmente, comecei com apenas 2 aulas, e na atualidade tenho 12.

No ano de 2018, pude sentir mais uma vez a emoção de ser aprovado num concurso público. Desta vez, em Agrestina, município vizinho à Caruaru. Tomei posse em 2019 e permaneço até o momento.

Um dos episódios mais marcantes dessa trajetória é a caminhada em direção ao mestrado, desejo antigo, porém, arriscado somente em 2019.

Deixei esse momento para agora por causa da conexão com esse trabalho de pesquisa e com minha labuta diária. Em maio de 2014, fui convocado para assumir meu primeiro cargo público de professor no município de Caruaru – cidade que me apaixonei à primeira vista – e hoje, a feira de Caruaru e suas nuances são o objeto desse trabalho (Mapa 01). A prova desse concurso foi feita em 2010, ano no qual estava ingressando nos dois últimos semestres para conclusão da graduação. Como fiquei fora das vagas, fui acompanhando as chamadas atento, ansioso e esperançoso para que minha vez chegasse, e de fato chegou. Com mais de 9 anos como servidor, sinto que ainda posso contribuir mais, sobretudo com essa pesquisa de mestrado que vai trazer frutos valiosos para a educação municipal.

## MAPA 01 – Localização do município de Caruaru, Pernambuco



Elaborado por: Ester Claudino.

A ideia de pesquisar sobre a Feira surgiu porque a escola onde estou lotado está localizada no bairro do Santa Rosa, porém, também atende a comunidade do Vassoural (Mapa 02). Com isso, em dias de feira da sulanca – momento no qual a cidade recebe muitos compradores que revendem em suas cidades – esses bairros mencionados são afetados diretamente e o funcionamento da escola também. Esses impactos da Feira nas atividades da escola podem ser observados a partir das questões destacadas por uma entrevistada para a pesquisa, que também é aluna da escola. De acordo com suas palavras, “eu estou faltando agora. Muito, assim, na segunda eu estou sentindo o peso, mas eu vou voltar... Porque está puxado agora. Aí sempre quando eu estou livre da Feira já é umas sete e pouca. Aí... [começo a trabalhar na] madrugada e fico o dia todo” (Entrevistada 05, 18 anos, trabalhadora, entrevista realizada em 23/09/2022).

A partir dessa inquietação, a feira transformou-se num local onde passei a frequentar e perceber que existem diferentes espaços e formas de ocupação/ uso dele. Ao mesmo tempo, aquela visão turística que tinha sobre ela foi mudando e entrou o olhar do geógrafo-pesquisador e apareceram vários questionamentos, os quais, iremos discorrer ao longo do trabalho.

## MAPA 02 – Localização da Escola Luiz Pessoa em relação a Feira de Caruaru



A área de influência da feira é muito mais ampla do que se imagina, pois, existe toda uma rede que funciona em função e para ela. Uma das coisas percebida é o comércio paralelo que acontece juntamente com ela, por exemplo, vendedores ambulantes de água e lanches, guardadores de carros, fretistas (carregadores de mercadorias), estacionamentos improvisados em terrenos baldios e acidentados da região do entorno dela. De fato, ‘... de tudo que há no mundo, tem na Feira de Caruaru...’ foi materializado por conta de várias visitas a ela.

Os diferentes espaços atribuídos à feira (artesanato, sulanca, troca, ervas, flores, flandres, mercado de carne, farinha etc.) são frequentados por diversos atores sociais e em alguns, como o caso da feira de artesanato – cartão postal de Caruaru – o Mercado Cultural Casa Rosa (antigo matadouro), configuram-se como espaços pensados, organizados e estruturados para o turista. Em contrapartida, há os locais que são mais comuns às pessoas que vivem na cidade, àqueles que consomem e fazem parte dela. Esses mesmos espaços não são dotados de infraestrutura adequada ou organização, pois, cresceram desordenadamente e carecem do olhar do poder público. Alguns desses espaços podem ser observados na imagem

abaixo (Figura 01), onde é possível observar os setores da feira estruturados por parte do IPHAN<sup>1</sup>.

**FIGURA 01 – Representação da Feira e dos seus setores por parte do IPHAN**



Fonte: IPHAN, 2009.

Apesar de passada mais de uma década desde a territorialização da feira pelo órgão de preservação do patrimônio cultural do país, as “feiras dentro da feira” continuam seguindo essa mesma divisão, apenas com reformas de alguns equipamentos como mercado de carnes e mercado de cereais, bem como a criação de “praças de alimentação” em setores de lanche.

Portanto, analisando a feira como uma pessoa que já foi visitante e passou a ser um frequentador, é preciso levantar alguns questionamentos sobre essas diferenças e principalmente uma segregação entre as diferentes ‘feiras dentro da feira’. Outro assunto que

<sup>1</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

desperta ansiedade em todos os envolvidos é a constante possibilidade de realocação para outros lugares, até mesmo fora da zona estritamente urbanizada. A Feira ocorria originalmente no centro da cidade, tendo a Rua do Comércio como eixo. Devido ao seu contínuo crescimento foi remanejada em 1992 para onde se encontra até hoje, amplo terreno às margens do rio Ipojuca. Todavia, como seu dinamismo não cessa, são recorrentes as notícias e temores de uma nova realocação. Primeiramente, a quem interessa e beneficiado será por uma reconfiguração/reestruturação da feira? Quais seriam os pontos positivos disso? Será que os moradores e feirantes dessas áreas invisibilizadas aumentariam suas rendas e conseqüentemente atrairiam mais pessoas para consumirem seus produtos? Essas são algumas perguntas que tentarei debater ao longo dessa dissertação, tendo, porém, como ponto focal a relação das pessoas com o lugar atual. Em segundo plano, mudanças geram desconfortos, adaptações e novas formas de uso e ocupação do espaço. Todas essas questões surgiram ao longo da pesquisa e me fizeram pensar sobre os impactos da feira nas pessoas, como de fato elas enxergam esse lugar.

Outro ponto importante de ser destacado é que a feira tem uma movimentação considerável nesses pontos onde os visitantes/turistas não conseguem chegar, há todo um comércio que funciona em dias de sábado, na feira livre, com a venda de produtos básicos da alimentação diária. Circular nessa parte é interessante porque a feira é um local de sociabilidade e interação que está presente nas cidades e Caruaru surgiu por intermédio dela, logo, a feira pulsa e a cidade gira em torno do comércio.

Nos bairros mencionados acima (Vassoural e Santa Rosa) os seus moradores têm alguma relação com a feira, quer como feirante, quer como frequentador ou até mesmo ter trabalhado em algum momento da sua vida dada à proximidade e às oportunidades que ela proporciona. Em virtude disso, percebi que os estudantes mais comunicativos tinham uma vivência efetiva na feira, negociando com seus pais ou alguma outra pessoa que lhes deem oportunidade.

Com isso, um dos pontos que irei explorar no capítulo 3 trará um pouco dessas múltiplas relações de pessoas residentes nesses bairros com a feira e suas particularidades. Essas questões tornaram-se mais relevantes por conta da percepção dos impactos causados pela feira no decorrer do ano letivo proporcionando para o corpo docente a necessidade do manejo adequado para sanar e compreender que as dinâmicas da comunidade precisam ser levadas em consideração pela escola.

Ao perceber tais situações, consegui entrar no universo da feira e compreender a importância dela para quem a vive de fato, pude entender que, enquanto visitantes só conseguimos ver uma pequena parte de uma grande teia de relações e significados

representados por ela. A caminhada entre os becos e bancos nos faz entender como ela pulsa, como se dá todo o jogo de negociação diretamente com o cliente, fato que não presenciamos em grandes centros de compras.

Dentre tantos lugares, a parte culinária também chamou atenção pela forma como as comidas são negociadas. A quantidade e variedade do que se vai comer também é um elemento que o cliente escolhe, misturar raízes com diferentes proteínas são coisas peculiares da feira, além do que, alguns vendedores ambulantes que circulam por ela oferecendo seus produtos e dispostos a vender e ofertam diversas formas de pagamento, até a de pegar o valor no estabelecimento em que o comprador se encontra almoçando, que em contrapartida adiciona o mesmo valor no final da conta do restaurante (ver figura 02). São talvez relações com resquícios dos modos interpessoais de mercar e mantendo certas relações de confiança de uma cultura secular dentre os feirantes.

Portanto, essas e outras características bem específicas são de conhecimento daqueles que, de sol a sol, vivem a feira na sua forma mais simples e original, lugar esse que aprendi a admirar, conviver, frequentar e me sentir como parte desse conjunto de atores sociais. Ouvir histórias da evolução do seu crescimento, sua origem e chegada até o parque 18 de maio é um privilégio daqueles que tem o hábito de frequentar e conversar com os feirantes.

**FIGURA 02 – Comanda de pagamento na Barraca da Tia Guida, na Feira de Caruaru, com item acrescentado para facilitar compra de item de um passante pelo cliente**

Descrição / Quantidade X Unitário	Total
BRAHMA DUPLO MALTE	
3 (GRF) X R\$ 10,00	R\$ 30,00
CAFÉ DA MANHÃ	
1 (PRATO) R\$ 20,00	R\$ 20,00
ÁGUA DE 500 ML	
1 (G PET) R\$ 2,00	R\$ 2,00
BODÉ COSTELA	
1 (PRATO) R\$ 20,00	R\$ 20,00
SARAPATEL PETISCO	
1 (PRATO) R\$ 15,00	R\$ 15,00
CARNE C/FRITAS OU QUEIJO	
1 X R\$ 30,00	R\$ 30,00
EMPRESTADO	
1 X R\$ 40,00	R\$ 40,00
REFRIGERANTE 290 KS	
2 (GRF) X R\$ 5,00	R\$ 10,00
<b>Total a Pagar</b>	<b>R\$ 187,00</b>

OBRIGADO A PREFERENCIA E VOLTE SEMPRE CHAVE PIX 81 9-9228-5214

O termo '*emprestado*' refere-se a um produto que foi comprado a um dos vendedores ambulantes que passam pelo local. Autor: Jonath Tavares, 03-09-2022

Por fim, entendendo um pouco da trajetória até a descoberta desse tema, posso concluir momentaneamente esse prólogo dizendo que há ainda um longo caminho para os próximos objetivos, e um deles é completar mais um prólogo com a história do desdobramento dessa dissertação.

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação propõe desenvolver um estudo sobre os usos e apropriações desenvolvidos pelos moradores e comerciantes do bairro do Vassoural (Caruaru, Pernambuco) em relação à Feira de Caruaru, uma das maiores feiras livres do país, localizada nos limites administrativos desse bairro. A Feira corresponde a um lugar de destacada expressão turística, econômica e cultural para o município de Caruaru, sendo considerada um dos principais motores que estimularam o desenvolvimento urbano, social e econômico de Caruaru e de sua região de influência no Agreste pernambucano.

A Feira começou a se desenvolver no século XVIII a partir da articulação de distintos fatores, mas sobretudo à intensificação do comércio de gado e das atividades da pecuária, que contribuíram para a expansão das atividades econômicas e do povoamento no Agreste e no Sertão nordestino (Andrade, 2005; Araújo, 2011). Nesse contexto, a Feira de Caruaru começou a se desenvolver a partir da transformação de uma antiga fazenda – a Fazenda *Caruru* – que funcionava como um posto de apoio e de comércio para boiadeiros, tropeiros e mascates. Essa fazenda, que se localizava no caminho utilizado para fazer o transporte de gado entre o sertão e a zona canavieira do litoral, permitiu o desenvolvimento desse posto comercial, que foi se consolidando a partir de uma rede de “convergência social” e do fortalecimento das “relações de trocas comerciais no local”, possibilitando a ampliação da Feira e, em torno desta, a construção da cidade de Caruaru (Brasil, 2009; Araújo, 2011).

Entretanto, além da importância para a expansão urbana do município, a feira também corresponde a uma destacada forma simbólica para o imaginário cultural da região Nordeste (e do Brasil, por extensão). Por exemplo, ela tornou-se célebre ao longo do século XX, através do sucesso da música “A Feira de Caruaru”, composição de Onildo Almeida, cantada por Luiz Gonzaga<sup>2</sup>, que destaca: “A Feira de Caruaru, faz gosto a gente ver. De tudo que há no mundo, nela tem *pra* vender, na Feira de Caruaru”. Neste ponto, é importante destacar que, conforme destacado por Araújo (2011), a Feira de Caruaru foi imortalizada em cerca de 302 músicas, dentre as quais a destacada acima. Sobre a música “A Feira de Caruaru”, na pesquisa pudemos entrevistar o seu compositor, que nos explicou a sua relação particular com a feira e como pensou a música. De acordo com suas palavras:

Olha, essa questão de origem, a gente pode encarar assim, de mais de uma maneira. Porque eu era mesmo criança, frequentador da feira. Todos os sábados eu ia

---

<sup>2</sup> A composição foi gravada pela primeira vez por Luiz Gonzaga em 1957, em compacto que também contou com a música “Capital do Agreste”, composição de Onildo Almeida para comemorar o centenário do município de Caruaru.

para a feira com meu pai, com minha mãe. E fui crescendo e fui observando que na feira, que ela tinha coisas que não era de vender em feira. A feira era na rua principal do comércio, de... avenida, comércio muito forte. A feira era ali no centro, como em toda cidade, na feira do centro da cidade. E a feira foi se desenvolvendo a ponto de ela chegar até onde hoje é o colégio das freiras. Aquela descida ali da crise de novembro. E nesse local eu observei que tinha alguns carros para vender. A Feira de Caruaru vendia até automóveis. Quando você tinha qualquer coisa para se desfazer e não conseguia, ia para a feira, eu estava ali vendo e isso aí vendia. Então, por essas e outras coisas, a Feira de Caruaru era uma feira diferente das demais, nas demais cidades. Porque a feira de uma cidade se limita a vender frutas, verduras, comestíveis, no decorrer da semana as pessoas se abastecem nas feiras. Mas a Feira de Caruaru tinha roupa pronta, tinha objetos de vender em lojas e tinha umas barraquinhas em frente às próprias lojas. Aquilo que a loja vendia, as barraquinhas vendiam também. Linha, botões, tesoura, alfinete, elástico, coisa que não é vender em feira. Na feira você vai e você abastece banana, laranja, manga, batata, macaxeira, feijão, farinha. Esses são os objetos que se vendem em feira [...] Fui observando, porque todos os sábados eu ia para a feira quando criança, com meus pais. E de um certo tempo eu comecei a observar essas coisas da feira e fui anotando. E quando eu tinha uma relação já que não cabia mais no papel, numa lista muito grande, então eu parei, eu digo aqui, dá para fazer o que eu quero, uma música. Eu tive a ideia de fazer uma música mostrando o que era a Feira de Caruaru. [...] Eu não inventei a feira, eu descrevi a ponto de que até o povo de Caruaru dizia: e tem tudo isso na feira? Eu digo que isso não é 10% do que a feira tem. (Entrevistado 07, 96 anos, entrevista realizada em 28/04/2023)

Devido a essa importância econômica, histórica e cultural, atualmente a Feira é considerada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – como um Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, na perspectiva de um lugar de memória e de referência para a história e cultura do Nordeste. Ela foi inscrita no Livro de Registro dos Lugares<sup>3</sup> do IPHAN em 2006, a partir da justificativa que a Feira corresponde a “um lugar de memória e de continuidade de saberes, fazeres, produtos e expressões artísticas tradicionais” do Nordeste (Brasil, 2009).

Neste sentido, considerando a Feira de Caruaru como uma expressão do patrimônio imaterial e cultural da cidade, e como uma marca da sociabilidade urbana do uso da rua e de territorialização da cultura popular (Araújo, 2011; Mascarenhas e Dolzani, 2008), destacamos como objetivo dessa pesquisa uma análise dos usos, apropriações e redes de sociabilidade expressas pelos moradores e comerciantes no bairro do Vassoural (Caruaru/PE) nas suas relações cotidianas com a Feira de Caruaru. Como esse bairro encontra-se diretamente vinculado com a Feira, propõe-se o estudo a partir da perspectiva do lugar, considerando o

---

<sup>3</sup> O Livro de Registro dos Lugares do IPHAN foi criado para registrar os mercados, feiras, santuários e praças onde se concentram e/ou se reproduzem práticas culturais coletivas. De acordo com a abordagem do órgão, os “lugares são aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local, onde são realizadas práticas e atividades de naturezas variadas, tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais”. Esses lugares seriam considerados como patrimônio a partir da consideração que são lugares focais da vida social de uma localidade, sendo tematizados em representações simbólicas e narrativas culturais, além de participarem da construção dos sentidos de pertencimento, memória e identidade dos grupos sociais a ele associados. Maiores informações: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>.

conceito como um modo de estar e de entender o mundo que se (re)constrói a partir das interseções, encontros e elos afetivos expressos pelos indivíduos nas relações com a sociedade e o espaço vivido (Haesbaert, 2017).

O interesse pelo desenvolvimento dessa pesquisa surgiu a partir da atuação como professor da rede municipal de ensino de Caruaru, desenvolvendo atividades em uma escola localizada no bairro do Vassoural, próximo à Feira. Ao longo das atividades realizadas nos últimos anos letivos, conseguimos observar e identificar a existência de diversas interações de ordem social, econômica, cultural e afetiva dos estudantes, moradores e comerciantes locais com a Feira: estudantes que trabalham na Feira; a necessidade de adaptar as dinâmicas da escola aos dias de ocorrência das atividades comerciais mais intensas e aos ritmos locais; a observação das mudanças nos usos do bairro e, por extensão, da cidade, de acordo com os fluxos do comércio, dentre outros.

Conforme destacam os documentos normativos da Educação Básica nas esferas Nacional e Estadual – a Base Nacional Curricular Comum e o Currículo de Pernambuco, por exemplo – a Geografia, enquanto disciplina do currículo escolar, precisa considerar “o sujeito e seu lugar no mundo” como uma das unidades temáticas que estruturam o debate disciplinar no Ensino Fundamental (Brasil, 2017; Pernambuco, 2019). Assim, ao observar as relações existentes entre as dinâmicas da Feira e o cotidiano do bairro e da escola, em conexão com as demandas exigidas na prática docente, passamos a refletir de que forma poderíamos desenvolver análises geográficas capazes de aproximar o conhecimento geográfico escolar dos saberes cotidianos e da realidade vivenciada pelos estudantes nos seus espaços vividos imediatos (a escola, a Feira de Caruaru, o bairro e a cidade).

A partir do interesse inicial de realização dessa pesquisa, observamos que a Feira de Caruaru, considerada como uma das feiras brasileiras mais significativas no que se refere aos valores históricos, sociais, culturais e econômicos, apresenta uma quantidade considerável de estudos (Almeida, 2015, 2018; Araújo, 2011; Brasil, 2009; Silva, 2007). Porém, esses estudos usualmente se preocupam em analisar a feira através dos seus aspectos econômicos e das suas relações com escalas e problemas mais amplos que envolvem o município de Caruaru, o Estado de Pernambuco e a região Nordeste, sobretudo. No entanto, existem poucas análises sobre as relações internas que podem ser observadas no contexto da feira com o bairro onde ela está inserida, assim como seus habitantes. A partir da percepção dessa questão, resolvemos estudar a Feira de Caruaru na perspectiva do lugar, considerando as dinâmicas internas no/do bairro.

Assim, como professor na rede municipal de educação que vivencia a rotina do bairro do Vassoural, consideramos a importância de desenvolver uma pesquisa que problematize a

Feira de Caruaru no lugar onde ela está inserida, considerando as “tramas de enredos” e experiências intrínsecas do lugar. Em outras palavras, analisar o envolvimento mútuo das pessoas pelo “‘pulsar’ mais intenso da vida local, que estimula e ressoa suas especificidades para outros recantos da célula urbana” (Halley, 2015, p. 10). Entender a Feira de Caruaru a partir do espaço imediato que a cerca, assim como pelas relações de lugar aí estabelecidas, corresponde a uma questão fundamental para compreender a produção do espaço e a forma como são apresentadas, em suas diversas expressões, as identidades, relações espaciais, representações e usos do espaço da cidade.

Assim, ao desenvolver esse trabalho buscamos construir uma análise que valorize os contextos geográficos próximos à vida cotidiana e à realidade da cidade e dos seus moradores, buscando compreender como são estabelecidas as relações entre as pessoas com a sociedade e a (re)construção cotidiana dos espaços em suas diferentes escalas. Com isso, destacamos que essa pesquisa apresenta uma relevância e importância para a Geografia pois pode nos ajudar a compreender e valorizar como se constroem as individualidades e identidades territoriais de cada lugar, permitindo compreender a heterogeneidade dos lugares e a convivência de indivíduos e grupos sociais com interesses e identidades diversas.

### **Problemática e questões da pesquisa**

Como destacado acima, a Feira de Caruaru se apresenta como uma forma simbólica espacial com importante papel para o debate histórico, sociocultural, identitário e urbanístico que envolve a cidade de Caruaru, o estado de Pernambuco e a região Nordeste. Como destaca a recomendação de salvaguarda apresentada pelo IPHAN, a Feira se apresenta como um “lugar estruturante de relações socioculturais”, que comunica alguns dos elementos que compõem a identidade e a cultura do Nordeste. Dentre outras questões, a feira possibilita: a permanência de elementos da cultura nordestina tradicional; a conservação da memória de práticas socioeconômicas e culturais que fazem parte da sociedade local; a valorização dos “patrimônios vivos” que ainda trabalham na Feira, expressos pelos artesãos, raizeiros e representantes religiosos (Brasil, 2009, p. 88).

Conforme destacado por Araújo (2011), a Feira de Caruaru corresponde a um ponto focal de referência da cultura pernambucana e nordestina pelo conjunto de formas de expressões, saberes, ofícios, modos de fazer, viver, comer, vender e comprar que abrigam na diversidade do seu conjunto de feiras. Apesar de ser apresentada com seu nome no singular, a Feira de Caruaru corresponde a um conjunto de feiras que apresentam graus distintos de

temporalidade, de enraizamento na cultura local e no imaginário da sociedade local, regional e nacional (Brasil, 2009; Araújo, 2011). De acordo com o dossiê apresentado pelo IPHAN, a Feira pode ser dividida entre: Feira do Artesanato; Feira do Gado; Feira da Sulanca; Feira do Paraguai (ou *de Importados*); Ademais, conforme pudemos observar durante os trabalhos de campo da pesquisa, outras feiras podem ser mencionadas enquanto partes do conjunto das feiras, tais como: a feira de flandres, a feira *do troca*, a feira de raízes e das flores ornamentais, dentre outras dinâmicas específicas.

Essas diferentes feiras representam, além de distintos usos do espaço público, uma diversidade de produtos e de tipos de comércio que comunicam aspectos da cultura regional: o comércio de gado e de produtos de couro; a venda de artes cerâmicas esculpidas no barro, como as figuras criadas por Mestre Vitalino e Mestre Galdino, que expressam aspectos da cultura regional; produtos alimentares que envolvem as gomas e farinhas de mandioca, variações de carnes locais, ervas e raízes medicinais; comércio de roupas e produtos têxteis, dentre outras. Esses diferentes usos do espaço público contribuem para conformar uma “trama de enredos” estabelecidas nos processos cotidianos que envolvem as ações de moradores, comerciantes, turistas e clientes delineadas na vivência e experiências com a vivência do lugar (Halley, 2015).

Igualmente, essas dinâmicas que envolvem a Feira se sobrepõem aos aspectos comuns e cotidianos da vida do bairro do Vassoural. Pode-se observar a existência de usos e interesses múltiplos que possibilitam uma confluência de olhares e vivências sobre e para a feira que incluem: o poder público (nas gestões municipal, estadual e nacional); grupos que envolvem o turismo cultural e a sociedade civil, como feirantes, fregueses e moradores locais (Araújo, 2011). Esses interesses múltiplos também contribuem para a observação de encontros e desencontros que envolvem os usos do espaço público, as transformações nas dinâmicas do bairro e diferentes vivências dos moradores, comerciantes, visitantes e feirantes.

A partir dessas observações iniciais, aponta-se a questão central do trabalho: quais são os usos, apropriações e redes de sociabilidades construídas pelos moradores e comerciantes do bairro do Vassoural (Caruaru/PE) nas relações cotidianas com a Feira de Caruaru? Em outras palavras, de que forma se estabelecem os laços sociais, culturais e econômicos entre as dinâmicas socioespaciais do bairro do Vassoural com a Feira de Caruaru?

Ao construir essa questão central, interessa-nos problematizar a dinâmica urbana, cultural e econômica que envolve as relações dos moradores e comerciantes do bairro do Vassoural com a Feira. Buscamos analisar de que forma a feira se conecta à dinâmica urbana, econômica e cultural do bairro, considerando que as feiras livres são, além de um ambiente favorável ao comércio, um *loci* de sociabilidade (Araújo, 2011): são lugares privilegiados onde

se desenvolvem uma série de interações sociais, práticas no espaço público e expressões identitárias na construção do espaço urbano.

Como o bairro do Vassoural encontra-se diretamente conectado com a Feira (tanto pela proximidade geográfica quanto pelo grande número de moradores locais que trabalham na feira) propõe-se problematizar essas questões a partir da perspectiva do lugar, considerando esse conceito como um modo de estar e de entender o mundo que se (re)constrói a partir das interseções, encontros e elos afetivos expressos pelos indivíduos nas relações com a sociedade e com o espaço vivido (Haesbaert, 2017).

Para auxiliar o desenvolvimento da pesquisa, apresentamos algumas questões secundárias: Quais são os significados culturais associados à Feira pela população (moradores e comerciantes) do bairro Vassoural? De que forma a organização do bairro do Vassoural e da cidade de Caruaru se estruturam a partir das dinâmicas da Feira de Caruaru? Como os moradores do bairro do Vassoural se organizam para trabalhar na Feira? Quais as contribuições da Feira de Caruaru na movimentação da economia e da dinâmica cultural no bairro do Vassoural?

A partir dessas questões, apresentamos o **objetivo central** da pesquisa: apreender e analisar os usos, as apropriações e as redes de sociabilidades construídas pelos moradores e comerciantes do bairro do Vassoural (Caruaru, Pernambuco) a partir das suas relações cotidianas com a Feira de Caruaru. Para auxiliar o desenvolvimento da pesquisa, alguns objetivos específicos foram construídos: (i) Compreender os significados culturais associados à Feira pela população do bairro Vassoural; (ii) Identificar de que forma a organização da cidade e, sobretudo, do bairro do Vassoural se estrutura a partir das dinâmicas da Feira de Caruaru; (iii) Apreender quais as relações de trabalho existentes entre os moradores do bairro Vassoural com a Feira e analisar como ela interfere na dinâmica escolar; (iv) Entender de que forma a Feira de Caruaru contribui para movimentar a economia e a dinâmica cultural do bairro do Vassoural.

## **Metodologia**

Para atingir os objetivos aqui apontados, propusemos algumas técnicas de execução que incluíram revisão bibliográfica e iconográfica, análise de documentos, de publicações, de projetos e de ações de gestão da Feira de Caruaru, além de um conjunto de entrevistas e análises de campo. As fontes de informação corresponderam ao primeiro passo considerado para apreender a dinâmica do tema escolhido em suas vinculações com a realidade socioespacial considerada. Buscando abarcar o máximo de informações sobre as questões elencadas, foram

consideradas três fontes primárias de construção dos dados da pesquisa: levantamentos bibliográficos com base em teses, dissertações e artigos; levantamentos iconográficos, fontes documentais como por exemplo, o dossiê do IPHAN e seu Manual de inventário participativo, além de entrevistas e trabalhos de campo.

Nos levantamentos bibliográficos e iconográficos privilegiou-se uma revisão da literatura em obras que se relacionavam ao estudo e análise das feiras livres em sua relação com a lógica cultural e econômica. Utilizaram-se também obras que dialogam sobre a dinâmica dos processos urbanos, sobre o processo de expansão da feira e da cidade de Caruaru como Almeida (2015), Almeida (2018) e Ferreira (2021), além da seleção de obras sobre a abordagem humana na geografia, com um enfoque sobre o estudo do lugar e das vivências do espaço como Santos (1996), Santos (2008) e Tuan (1983).

Na análise das fontes documentais, a análise de documentos, publicações e projetos do poder público foi conduzida buscando compreender os discursos oficiais destes atores sobre a Feira de Caruaru, o bairro do Vassoural e a cidade de Caruaru. Dentre as fontes, os documentos do IPHAN tornaram-se importantes diretrizes para delinear a importância cultural da feira, pois permitiram considerar de que forma a retórica da feira como patrimônio imaterial contribui para a dinâmica dos usos do espaço público atualmente verificados como as áreas do artesanato, da sulanca e das frutas e verduras.

Nas entrevistas e trabalhos de campo, enfim, buscou-se assumir uma postura hermenêutica e reflexiva de análise nos discursos analisados, pensando-as não apenas como uma coleta de dados, mas interpretando-as como um dispositivo de ação e participação na realidade observada. A metodologia do trabalho de campo consistiu em duas etapas: numa primeira, analisou-se a movimentação nos dias de feira – onde se observa um maior fluxo de pessoas – e nos demais dias, onde a movimentação cai e usualmente frequentada pela população local. Num segundo momento, foram realizadas “7” entrevistas de caráter investigatório com moradores do bairro do Vassoural e comerciantes da Feira. Nesse momento, buscou-se descobrir o que a feira representa para os diferentes grupos sociais e de que forma ela tem influência nas dinâmicas familiares. A coleta desses dados baseou-se na necessidade de cada uma dessas etapas, sendo mais aprofundada no segundo momento, o de tratamento dos dados das entrevistas.

A partir dessas estratégias metodológicas, objetivou-se apreender de que forma as dinâmicas culturais e econômicas se conectam. De um lado, compreender as ligações identitárias, afetivas e simbólicas que aproximam diferentes grupos sociais com os espaços da Feira. Por outro lado, analisar como a perspectiva cultural estimula o desenvolvimento de toda

uma cadeia produtiva que envolve a Feira, contribuindo para o desenvolvimento econômico da cidade e dos comerciantes locais das mais diversas ordens (estacionamentos, restaurantes, barraqueiros etc.).

A dissertação está organizada da seguinte maneira: no capítulo 1 há uma abordagem do conceito de lugar centralizado nas perspectivas de Tuan (1983) e Massey (2017) exemplificando com as falas dos entrevistados suas teorias. No capítulo 2, serão tratados aspectos econômicos e culturais importantes sobre o município de Caruaru e a sua respectiva relação com a feira. No capítulo 3, teremos uma análise das entrevistas realizadas e um aprofundamento das relações de sociabilidade estabelecidas pelos feirantes, comerciantes e moradores.

## CAPÍTULO 1 - A GEOGRAFIA E AS DISCUSSÕES SOBRE O LUGAR: O SUJEITO E SEU LUGAR NA PAISAGEM

Conforme destacamos acima, nessa dissertação buscaremos analisar os usos, as apropriações e as redes de sociabilidades que são construídas pelos moradores e comerciantes da cidade diretamente relacionados com a Feira de Caruaru. Considerando que essas relações – de moradores e comerciantes – são permeadas de relações identitárias as dinâmicas da Feira encontram-se intimamente conectadas ao cotidiano do bairro, neste capítulo iremos apresentar algumas discussões sobre o conceito de lugar.

Através da observação das especificidades da Feira de Caruaru e do bairro do Vassoural, nossa abordagem sobre o lugar buscará dialogar com as abordagens defendidas por Tuan (1983) e Massey (2017). Buscaremos dialogar com esses autores por considerar que a Feira de Caruaru, um dos principais entrepostos comerciais do Nordeste, apresenta uma dualidade, quando abordada a partir do conceito de lugar: por um lado, a feira é palco de relações afetivas, cotidianas e subjetivas das pessoas que trabalham nela e moram no seu entorno; por outro lado, a feira também é a expressão de uma dinâmica econômica e cultural representativa de uma sociedade globalizada, com a comercialização de produtos importados e com algumas transformações no lugar – na feira e no bairro – advindas dessas mudanças. Essa dualidade do lugar também pode ser reforçada com a questão apresentada por Relph (2014, p. 31), que considera que o lugar é “existencial e ontológico”, mas também “econômico e social”. De acordo com suas palavras:

Lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro; não é apenas a distinção e apreciação de fragmentos de geografia. O núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. **O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. Isso é muito existencial e ontológico. Mas é também econômico e social, pois em toda parte estamos presos em maior ou menor grau nas forças neoliberais e da globalização [...]** Então, por algum estranho e improvável desvio, parece que ideias provenientes de interpretações fenomenológicas de lugar e do ser podem ter valor pragmático a fim de encontrar caminhos para lidar com os enormes temas global/local que surgiram no início do século XXI (Relph, 2014, 31-32, grifo meu).

Nesse sentido, parte-se da abordagem de Yi-Fu Tuan, que considera o lugar como a esfera que carrega uma série de simbologias e significados ligados à existência das pessoas e construído a partir de uma relação afetiva muito forte com seus pertencentes ou até mesmo aqueles que são indiferentes à essas questões. O autor classifica essa situação como *'Topofilia'*,

que corresponderia aos laços afetivos estabelecidos entre os seres humanos com o meio ambiente.

A concepção de Doreen Massey, por sua vez, aborda o lugar com uma perspectiva de que eles possuem particularidades dos grupos sociais que o compõem e sofrem influência do meio externo, da globalização que trazem características assimiladas pelos atores sociais. A autora sustenta a concepção de um "sentido global de lugar"<sup>4</sup>, o qual reconhece a interdependência e a diversidade intrínseca dos lugares em um contexto globalizado e interdependente. Com isso podemos compreender essa dualidade da perspectiva de lugar a partir do contexto da Feira de Caruaru.

A partir dessas considerações, iremos apresentar nesse capítulo uma discussão teórica acerca do conceito de lugar, à luz do diálogo entre os autores e as apreensões sobre a Feira de Caruaru. No tópico 1.1., iremos apresentar algumas abordagens teóricas sobre o conceito de lugar na Geografia. No tópico 1.2., por sua vez, buscaremos discutir a perspectiva do lugar como uma construção social e relacional, evidenciando o papel dos atores sociais, no plano do cotidiano, na (re)construção dos lugares. Por fim, no ponto 1.3., buscaremos apresentar uma concepção do lugar a partir da perspectiva do Ensino de Geografia em diálogo com a BNCC e a abordagem cultural da Geografia.

### **1.1 Lugar: uma categoria que apresenta abordagens distintas na geografia**

A geografia é uma ciência que apresenta alguns conceitos-chaves, os quais, foram/são bastante discutidos ao longo do tempo. Considerando a constelação geográfica de conceitos apresentada por Haesbaert (2014), o espaço corresponde à categoria central da Geografia, sendo através desta que se estruturam os conceitos trabalhados pela Geografia: o lugar, o território, a paisagem, o ambiente e a região. Perante essa proposta de Haesbaert (2004) e a partir do nosso objeto de pesquisa, buscaremos estabelecer um diálogo com o conceito de lugar, que apresenta algumas especificidades e proporciona uma apreensão das relações afetivas e cotidianas das pessoas com o espaço. Como os demais conceitos, o lugar apresenta diferentes correntes de pensamento e abordagens teóricas que colocam distintas perspectivas e contribuem para a compreensão das questões tratadas nesse trabalho.

---

<sup>4</sup> MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

Conforme Haesbaert (2004, p. 43), o conceito de lugar, junto com o de paisagem, são mobilizados na Geografia quando a ótica espacial dos fenômenos analisados envolve questões mais simbólicas, culturais ou mesmo subjetivas. De acordo com o autor, apesar da amplitude do conceito de lugar na Geografia, especialmente na literatura anglo-saxônica, o conceito de lugar “acaba sempre envolvendo questões que se manifestam em torno dos processos de construção identitária e/ou do espaço vivido” (Haesbaert, 2004, p. 43).

Para Souza (2013), por sua vez, existem em torno da ideia de *place* três aspectos ou significados dentro da discussão geográfica: as ideias de localização (como área geográfica físico-material que é afetada pelos processos econômicos de escala mais ampla), de local (sem relação com uma escala particular) e o sentido de lugar. Ainda de acordo com esse autor, é a partir da década de 1970 que o espaço passa a assumir mais diretamente uma dimensão cultural-simbólica, envolvendo o espaço percebido e vivido que é dotado de significado e envolve questões como identidade, intersubjetividade e trocas simbólicas.

No entanto, é importante destacar que antes de ser um conceito científico, a palavra *lugar* costuma ser amplamente utilizada no cotidiano, com diferentes acepções no senso comum. O *dicionário* (Aurélio 2000) define lugar como o espaço físico que pode ser delimitado e encontra-se diretamente relacionado com a localização de algo ou alguém. No *senso comum*, tal conceito também pode possuir um caráter mais subjetivo e abrangente, levando-se em consideração não apenas os aspectos físicos, mas também alguns aspectos socioemocionais e culturais, como as relações pessoais, as memórias e experiências afetivas.

Assim, as diversas concepções de lugar podem ser compreendidas como o reflexo da complexidade das relações humanas com o espaço em que vivem e atuam, indicando-nos que o conceito de lugar pode ser compreendido como um local identificado no mapa (localização), assim como pode representar a construção de laços afetivos (o lar, um local de refúgio etc.). Assim, levando-se em consideração os aspectos culturais, as percepções do lugar são variáveis, pois, se para algum determinado grupo aspectos espirituais são mais relevantes, para outro grupo a funcionalidade dos espaços corresponde ao aspecto mais central.

Igualmente, podemos observar que ao longo da história o conceito de lugar ganhou novos pontos de análise através do advento de transformações tecnológicas, sociais e culturais. O avanço da globalização, por exemplo, exerce uma influência na forma como as pessoas se relacionam com os lugares, permitindo assim uma nova configuração para entender o lugar. Assim, nas diversas concepções de lugar, pode-se observar que critérios culturais, econômicos, sociais, culturais e emocionais são usados para entender as relações individuais estabelecidas com os lugares, sendo importante considerar a validade de todas as perspectivas.

Essa diversidade de apreensões sobre o lugar também pode ser observada no contexto das discussões da Geografia. George Henderson, por exemplo, no verbete sobre lugar presente no *The Dictionary of Human Geography*, editado por Derek Gregory, Ron Johnston, Geraldine Pratt, Michael Watts e Sarah Whatmore, destaca que o lugar é um conceito central para a Geografia Humana, destacando-se as análises desenvolvidas nas abordagens da Geografia Cultural e da Geografia Econômica (Henderson, 2009). De acordo com esse autor, nas perspectivas culturais e econômicas sobre o lugar, podemos identificar três áreas centrais de discussões sobre o conceito: (i) a ideia de que o lugar se expressa a partir de uma construção dos significados; (ii) o lugar como a expressão de uma localidade; (iii) a perspectiva do sentido global do lugar, no contexto de uma sociedade globalizada.

Essas diferentes abordagens encontram-se associadas principalmente às correntes da Geografia Humanista e da Geografia Crítica. Primeiramente, a corrente humanista traz uma concepção de lugar pautada no espaço vivido e na singularidade e particularidade do local, num aspecto fenomenológico, onde as relações afetivas com o espaço são usadas como alicerce para sistematizar suas concepções. Desse modo, vai se referir ao lugar como um espaço permeado de dimensões simbólicas, culturais, políticas e sociais que só vai adquirir identidade e significado a partir das intenções humanas atribuídas a ele (Moreira, 2007; Marandola, 2014; Relph, 2014).

A abordagem crítica, por sua vez, considera outros pontos na interpretação do lugar, encarando esse conceito a partir da perspectiva de uma construção social, como um produto histórico e social. Nessa abordagem, o lugar é considerado simultaneamente a partir da sua singularidade – o que existe de singular, de único, em determinada porção do espaço – e do seu processo de formação, articulando o local ao global. Sendo assim, as constantes mudanças produzidas por uma teia de ações e atores sociais seriam responsáveis por impactar a dinâmica interna e externa, transformando-o constantemente (Carlos, 1996; Santos, 1996, 1998; Harvey, 2003, Massey, 2017).

Essas concepções distintas acerca do lugar, consideradas como complementares e fundamentais, são importantes para a nossa pesquisa, destacando-se as especificidades das relações com o lugar observadas na Feira de Caruaru. Da mesma forma, a compreensão dessas perspectivas distintas pode nos ajudar a compreender a especificidade desse conceito não em uma perspectiva dicotômica, mas a partir da dialética entre essas perspectivas e entre os fenômenos que representam. Conforme destacam Moreira e Hespanhol (2007, p. 49), essas questões dialéticas são centrais para a apreensão do lugar. Nas suas palavras:

A apreensão teórica do lugar enquanto um espaço vivido e uma construção socioespacial vêm ao encontro das reflexões sobre os bairros rurais e as mudanças (sociais, econômicas, culturais e políticas) que ocorrem em seu interior, sobretudo em virtude do crescimento das atividades sem vínculos agrícolas. Compreender o lugar é considerá-lo não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações (subjetivo-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico). Desse modo, nos bairros rurais é possível presenciar os pares dialéticos, o novo e o velho, o tradicional e o moderno, o exógeno e o endógeno, enfim, as mudanças e as permanências (Moreira e Hespanhol, 2007, p. 49).

Considerando essa dialética do conceito de lugar, cumpre agora aprofundar o debate sobre a leitura desse conceito nas abordagens humanista e crítica. Na Geografia Humanista, o conceito de lugar é discutido a partir de uma forma mais filosófica e intersubjetiva. Partindo desse pressuposto, alguns autores destacaram-se na abordagem do lugar a partir do espaço vivido e das relações (intersubjetivas) construídas pelos seres humanos com seus lugares. Nessa perspectiva, dentre outros autores, podemos citar as contribuições de Carl Sauer, Eric Dardel, Anne Buttimer, Eduardo Marandola Jr e Yi-Fu Tuan (autor que discutiremos um pouco mais nos próximos tópicos).

Na perspectiva desses autores, o lugar pode assumir diferentes perspectivas. Para Sauer (2003), o lugar pode ser compreendido como a interação da cultura humana e o meio ambiente onde a geografia deveria estudar a relação entre eles. Já para Buttimer (1982), “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”. Marandola (2014), por sua vez, interpreta o lugar como uma categoria baseada nos valores, experiências e significados que os sujeitos vivem cotidianamente no espaço. Relph (2014), em sua abordagem, propõe uma análise do lugar a partir da compreensão do mundo e dos seus significados. Para este autor, o lugar precisa ser compreendido a partir do seu caráter subjetivo e não apenas da materialidade em si.

Assim, a abordagem humanista da Geografia, em diálogo com a fenomenologia<sup>5</sup>, traz consigo uma carga de reflexão bastante pertinente porque nos faz perceber que os aspectos intersubjetivos e subjetivos se relacionam com a experiência humana e a construção histórica do espaço. Ainda dentro dessa esfera, os sentimentos e a afetividade são usados para explicar as relações das pessoas com os lugares, contribuindo para o desenvolvimento das abordagens que se multiplicaram a partir da década de 1970 na corrente que convencionou-se nomear como *Geografia Cultural* ou *abordagem cultural da Geografia*. De acordo com Bonnemaïson (2000),

---

<sup>5</sup> Ramo da filosofia que vai utilizar aspectos subjetivos para definição das coisas. surge na filosofia como ciência sobre a experiência que a consciência tem do mundo, a relação entre a consciência do saber humano e o mundo exterior a ela. Portanto, seu principal objetivo é investigar e descrever os fenômenos enquanto experiência consciente. <https://namu.com.br/portal/o-que-e/fenomenologia/> acesso em 01/03/2024.

essa perspectiva geográfica caracteriza-se por recolocar o homem no centro da explicação geográfica, considerando a vida das pessoas, suas crenças, paixões e vivências, apelando aos símbolos e emoções além dos fatos e das razões.

Segundo Rodrigues (2015), o estudo do lugar passou por mudanças ao longo do tempo e através das diferentes correntes de pensamento, iniciando como uma referência locacional e, posteriormente, passando a ser usado como uma categoria de análise mais complexa e mais profunda, abordada a partir das relações que os sujeitos estabelecem com os seus lugares a partir das suas vivências cotidianas. Nas suas palavras, a abordagem humanista da Geografia

Prioriza a microescala, propondo uma análise do lugar como mundo das experiências intersubjetivas dos indivíduos. Desse modo, a categoria ascende à condição de peça-chave da Geografia, fundamental para entender os sentimentos espaciais a partir da experiência cotidiana, do simbolismo e do apego pelo lugar (Rodrigues, 2015, p. 5038).

Edward Relph, em perspectiva próxima, destaca que nas últimas décadas a Geografia passou por uma distinção, onde é possível observar a transição do *estudo dos lugares* para a Geografia como *estudo de lugar*. Na primeira, característica da Geografia tradicional, o lugar é abordado a partir da descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo. No segundo caso, os estudos transcendem essa perspectiva descritiva e particularista, buscando apreender as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo (Relph, 2014, p. 22).

Diante disso, durante o processo de construção dessa pesquisa, nos momentos de diálogo que realizamos com as pessoas entrevistadas na Feira de Caruaru, podemos observar a construção de uma relação afetiva e sentimental das pessoas com esse espaço comercial (apego ao lugar). O aspecto subjetivo, os valores locais, os significados e as experiências individuais foram amplamente destacadas nas falas das pessoas, sendo representativas da forma como observam e vivenciam seus lugares na feira. Para essas pessoas, mesmo com todas as mudanças sociais, econômicas e espaciais observadas na feira ao longo dos anos, a sensação de pertencimento do lugar ainda permanece fortemente conectada às memórias do passado, assim como com as dinâmicas e vivências do presente, indispensáveis para sua identidade. Assim, é fundamental destacar que para compreender o lugar torna-se crucial essa análise do espaço vivido e da forma como as pessoas se relacionam com ele.

Em uma visão diferente da abordagem humanista, a Geografia Crítica, por sua vez, considera o lugar em associação com a produção do meio natural e do meio social, onde as relações humanas com o espaço formariam um conjunto de pontos que caracterizam as particularidades do lugar. De acordo com Nór (2010, p. 82), o lugar a partir dessa perspectiva

crítica pode ser considerado como um espaço diferenciado, sobretudo em comparação com outros lugares do mundo, a partir das diferentes possibilidades técnicas, condições ambientais, relações sociais e padrões culturais observadas. Essas diferenças podem ser consideradas como o produto das relações históricas, dos processos socioespaciais que influenciam diferentes espacialidades, assim como a criação de distintos vínculos do sujeito com o meio.

Alguns dos principais articuladores dessa abordagem são Milton Santos, Ana Fani Alessandri Carlos, David Harvey, Doreen Massey, dentre outros. Mesmo geógrafos humanistas, como Edward Relph e Tim Cresswell aceitaram aspectos cruciais da vertente crítica, ressaltando as possibilidades de diálogo entre diversos autores. Tim Cresswell, por exemplo, propõe uma análise crítica do lugar ao levar em consideração a interação dinâmica entre lugar e *mobilidade*, questão pouco abordada pelos humanistas. Em sua abordagem, o autor ressalta a construção de significados de lugar por meio da mobilidade, utilizando uma visão humanista-cultural incorporando as críticas das correntes marxistas. Assim, Cresswell identifica a importância da mobilidade na composição e evolução dos lugares, explicando como a interligação entre movimento e estabilidade afeta as vivências e as percepções espaciais contemporâneas, o que pode ser útil aos estudos das feiras como a de Caruaru, onde a circulação de pessoas é intensa (Cresswell, 2005).

Milton Santos, por sua vez, considera o lugar como um produto histórico e social, relacionado com a singularidade deste lugar que é resultante tanto de características históricas e culturais da sua formação, como uma expressão do seu contexto perante a globalidade dos processos. Assim, a perspectiva de Milton Santos sobre o conceito de lugar traz uma ideia complexa que relaciona esse conceito com a globalização e seu processo de fragmentação. Na perspectiva desse autor, cada lugar possui, do seu jeito, processos que envolvem a ordem do local e do global, que convivem concomitantemente. Nesse processo, o cotidiano vivido se torna um importante elo entre a ordem local e o espaço global, sendo a relação local-global reforçada pela centralidade do lugar (Santos, 1996, 2008).

Ana Fani Alessandri Carlos, de forma próxima à abordagem proposta por Milton Santos, considera o lugar através de uma complexidade, levando em consideração a sua multiplicidade de formas de análise do mundo moderno, assim como a dinâmica de produção. Para essa autora, o lugar pode ser compreendido como o ponto de articulação entre o mundo global em constituição com o local, revelando-se como uma especificidade concreta e como momento construído social e historicamente. Em sua concepção, a ideia de lugar também se encontra relacionada com a globalização e suas dinâmicas de fragmentação, destacando a importância da ligação entre o local e o global e a consideração de sua dialética. Ela ressalta que o processo

de revisitar e repensar o lugar são fundamentais, pois, o cotidiano vivido é crucial nesse quesito de ressignificação do espaço (Carlos, 1996).

David Harvey aborda o lugar sob uma ótica crítica e marxista, destacando a associação entre espaço e as relações de produção. Ele enfatiza que a teoria marxista é importante para o entendimento da formação do espaço como crucial para a reprodução do capital. Sua abordagem destaca as desigualdades existentes na distribuição de riquezas, passando de uma posição inicialmente liberal para uma visão mais direcionada com o pensamento marxista em sua obra “A Justiça Social e a Cidade”. Harvey ainda se destaca por sua contribuição na geografia crítica, trazendo para o debate tópicos importantes sobre o papel do espaço na sociedade contemporânea (Sarmiento, 2016).

Doreen Massey, por sua vez, apresenta a sua perspectiva sobre o lugar a partir da sua relação com o global, das suas conexões flexíveis às redes globais de relações. Na perspectiva dessa autora, o lugar é compreendido para além de um fixo com identidades imutáveis e petrificadas, mas como uma realidade com identidades fluídas e mutáveis, relacionadas com a dinâmica das relações de poder do capitalismo global (Massey, 2017; Souza, 2013). Em outras palavras, Massey (2017) destaca que os lugares se configuram a partir da coexistência simultânea de diferentes outros – o reconhecimento da coetaneidade – e das relações de poder do sistema capitalista global.

De acordo com Massey (2017), as diferentes culturas e sociedades do mundo podem ser vistas e compreendidas como tendo suas próprias histórias e suas geografias particulares. No contexto de um mundo cada vez mais global, essas diferentes sociedades apresentam interações e interdependências que se expressam a partir das geometrias de poder, que corresponde a uma questão central para compreendermos as relações de/no lugar. Para a autora, essas questões também se expressam na escala local, na dinâmica dos lugares, sendo por isso importante questionarmos a noção romântica do lugar como entidade simplesmente coerente, com características “eternas”, singulares e, usualmente, não problemáticas. Mais útil para compreender os lugares seria considerá-los como “lugares de encontro”, a partir da perspectiva de suas complexidades e diferenças internas (Massey, 2017, p. 38-40). De acordo com as suas palavras:

Os lugares são lugares de encontro de diferentes pessoas, diferentes grupos, diferentes etnias. Em termos humanos, eles são o emaranhamento, a reunião de diferentes histórias, muitas delas sem qualquer ligação anterior com as outras. [...] A área da cidade em que vivo replica isto em uma escala maior e uma maneira de imaginar as cidades inteiras é na verdade [vê-las] como uma reunião de lugares-de-diferença intensamente complexa (essa diferença não tem de ser dramática ou etnicamente definida, por exemplo. Nós somos cada um de nós diferentes). A consequência disso

é que **“lugares”, a partir de um edifício de apartamentos até uma cidade inteira, exigem a negociação. O cotidiano, de uma centena de maneiras, demanda diretamente a negociação da nossa diferença.** Algumas vezes fazemos isso; em outras há abismos de desigualdade e/ou incompreensão; implicando na violência e no confronto. [...]A análise aqui é que “comunidade” - geralmente implícita no sentido de coerência não problemática – simplesmente não existe; não basta existir, aliás, tem de ser sempre negociada. E dado que as geometrias de poder internas do espaço de lugares às vezes podem ser quase tão complexas como na escala global, essa negociação será difícil e permanente. **Tendo em vista que a negociação nunca vai acabar, pode-se argumentar que não só a noção estática e romântica da comunidade local (que é inatingível) como também o reconhecimento das relações de poder internas nas negociações é politicamente mais saudável do que um anseio por uma conformidade pacificada.** Uma democracia saudável não exige a supressão da diferença, mas uma abertura para isso e uma vontade de negociar (Massey, 2017, p. 39-40, grifos meus).

Portanto, esses autores defendem a existência de outros fatores para definição do lugar que vão além da questão filosófica e da perspectiva afetivo-identitária. Nessa perspectiva, o lugar é considerado a partir das constantes mudanças da realidade socioespacial, considerando que a partir das necessidades do mercado, da adequação estrutural do sistema econômico e das transformações socioeconômicas das sociedades as dinâmicas de lugares se transformam, assim como as relações das pessoas com os lugares.

Destacadas essas questões, passaremos agora a refletir como a ação das pessoas, no plano do cotidiano e através de uma perspectiva relacional, corresponde a um aspecto central para a (re)construção do lugar e de suas dinâmicas específicas. Em nossa perspectiva, lugar e sujeitos sociais se articulam a partir de uma relação mútua de construção que se dá no espaço cotidiano, num contexto social amplamente permeado por “negociações” de todo tipo e permeável às mudanças socioeconômicas globais, como apontado acima por Massey.

Como foi visto, o debate acerca do lugar é cheio de nuances, particularidades e abordagens que destacam as relações afetivas e formas de identificação das pessoas com o espaço. Todos esses pontos precisam ser entendidos como parte de um processo complexo onde se observa a construção da ideia de pertencimento por intermédio das relações sociais que se expressam no espaço vivido. Conforme destacamos anteriormente, na abordagem humanista da Geografia, sobretudo a partir da perspectiva da fenomenologia, a experiência humana aparece como o ponto crucial para definição do lugar.

A partir dessas apreensões, podemos compreender que a relação das pessoas com os lugares acabam sendo reflexo de toda uma conjuntura vivida por aqueles que vivenciam e participam no dia a dia desses espaços. Por exemplo, no caso da Feira de Caruaru, onde as dinâmicas cotidianas envolvem atividades econômicas e comerciais, a construção social e relacional do lugar na Feira, com as suas identidades com e para o lugar, perpassam de forma direta as dinâmicas econômicas e relações de trabalho. Assim, buscamos defender nessa

pesquisa que a construção histórica, relacional e identitária com o lugar, como defendida por autores como Dardel (2003), Tuan (1983), Relph (2014) e Holzer (2003), envolve diretamente as relações de trabalho e atividades econômicas desenvolvidas pelos comerciantes/moradores do bairro Vassoural.

Como destacam Moreira e Hespanhol (2007), sublinham a importância de compreender o lugar via experiências diretas das pessoas e suas interações sociais, enfatizando a complexidade e a riqueza de significados ali presentes. Outra questão importante, segundo os mesmos autores, para apreender as relações e dinâmicas das pessoas com os seus lugares envolve a questão histórica, ou seja, a compreensão sobre como as práticas cotidianas e relações afetivas das pessoas com seus lugares são condensados em um processo que é vivido e compartilhado historicamente. Ou seja, a forma como os comerciantes e moradores do bairro Vassoural se relacionam com a Feira de Caruaru tem ligações diretas com a forma como essas pessoas se instalaram nesse bairro e na cidade de Caruaru, em extensão, assim como com o contexto histórico que explica o crescimento da cidade, do bairro e de suas dinâmicas comerciais. Conforme destacam essas autoras:

A identidade, o sentimento de pertencimento e o acúmulo de tempos e histórias individuais constituem o lugar. Este guarda em si o seu significado e as dimensões do movimento da história, apreendido pela memória, através dos sentidos. Há uma multiplicidade de relações e especificidades da produção espacial global (Moreira e Hespanhol, 2007, p. 54).

Da mesma forma, a perspectiva apresentada por Tuan (1983) nos ajuda a reforçar a centralidade das atividades cotidianas – incluindo as comerciais – para a construção de uma dinâmica social e relacional com o lugar na Feira de Caruaru. De acordo com esse autor, o lugar pode ser compreendido como uma criação que estará relacionada com a experiência e com o tempo vivido, onde o profundo envolvimento das pessoas na (re)construção do lugar torna-se fundamental para a compreensão da categoria geográfica em questão. Diante disso, observou-se que a noção de pertencimento e participação ativa na construção do lugar é um ponto bastante forte no bairro do Vassoural, conforme destacou uma das entrevistadas no trecho apresentado a seguir:

“Olha, a Feira pra mim representa uma vida. Representa uma vida e uma... Uma superação e um tudo! Um patrimônio de vida!  
Porque você veja, aqui meus filhos cresceram, estudaram, não se formou porque não quiseram. Que nem você conhece a minha menina. E tudo foi dentro desse barracinho aqui na feira.  
Quer dizer que essa Feira foi minha vida, professora e mãe. Pra mim essa Feira foi tudo isso. Minha vida, minha professora e minha mãe. Hoje eu tenho uma casa pra morar, na Feira; meus filhos se formaram, na Feira. Eu estou aqui conversando com vocês, com quase setenta anos, na Feira. É ou não é?” (Entrevistada 01, 70 anos, Comerciante, 03-09-2022)

Dessa forma, a análise feita durante os campos *in loco* e nas entrevistas realizadas foi fundamental para a percepção de que existe uma relação muito íntima entre o bairro, a feira, as relações de trabalho e os diferentes grupos sociais que compõem o recorte de pesquisa aqui considerado. Tais questões, serão trabalhadas mais detalhadamente no capítulo 3, onde iremos apresentar as falas, percepções e laços afetivos de alguns entrevistados. Após a breve revisão conceitual sobre lugar, é importante considerar as relações entre ensino de geografia e a realidade da feira, uma vez que esta pesquisa surgiu de minha atuação enquanto professor em Vassoural, bairro vinculado ao espaço estudado.

## **1.2 A percepção do lugar no ensino de Geografia**

Conforme destacamos no prólogo e na introdução dessa dissertação, essa pesquisa se desenvolveu, dentre outras influências, através da minha prática docente realizada ao longo de 10 anos (a partir de 2014) no município de Caruaru-PE. Ao assumir como professor efetivo da rede municipal, leciono desde então nas turmas de educação básica no bairro do Vassoural. A partir dessa experiência, pude perceber a identificação dos estudantes com a cidade e com seus elementos culturais, destacando-se a centralidade da Feira de Caruaru. Assim pude compreender que além de ser uma importante atração turística da cidade fomentada pelo poder público, em especial, durante as festividades juninas, esse espaço também se expressa como um lugar para os habitantes que moram, vivem e trabalham no bairro do Vassoural.

A partir dessa percepção, no desenvolvimento das atividades escolares, observando a geograficidade das relações dos estudantes e da escola com a Feira, busco nas atividades escolares propostas em sala explorar essa identificação e relação dos estudantes com o lugar, sobretudo com a Feira de Caruaru. Igualmente, é possível perceber que essa relação direta de pertencimento dos estudantes se dá não apenas com o espaço da feira, mas também com as festividades juninas que movimentam a cidade no mês de junho e com espaços como o Alto do Moura e seu artesanato local, dentre outros.

Nesse sentido, a partir da consideração dessas questões, pude perceber que a Feira de Caruaru e a relação afetiva e cotidiana dos estudantes com esses espaços comerciais podem ser mobilizados no ensino de Geografia, permitindo aos estudantes compreenderem as dinâmicas espaciais a partir do seu lugar no mundo. No caso específico da Feira de Caruaru, diversos temas tratados no ensino de Geografia podem ser tratados a partir de exemplos que são vivenciados cotidianamente nos espaços da feira.

No caso do tema dessa pesquisa, diversas relações com a Feira podem ser percebidas, dentre elas, inicialmente a de quem é visitante da cidade (como o meu caso, que vou para Caruaru a partir da Região Metropolitana do Recife) e no seu trajeto, especialmente pela BR-232. Saindo da capital, é comum encontrar algumas placas de trânsito que anunciam tais pontos turísticos, destacando-se a centralidade da Feira, gerando uma espécie de geossímbolo característico da cidade de Caruaru. Para o município de Caruaru, que surgiu por conta da passagem e da parada obrigatória dos tropeiros que iam em direção ao sertão em meados do século XVIII, a Feira corresponde a um espaço central para compreendermos as dinâmicas particulares de Caruaru e do Agreste de Pernambuco, conforme destacado na citação a seguir.

O caso de Caruaru e a importância no Agreste pernambucano, pode ser explicado pelo crescimento da povoação, em vários aspectos. Os mesmos aspectos históricos das origens ao tornar-se povoado continuavam contribuindo no crescimento. Pois, desde a segunda metade do século XVIII, a Fazenda tornou-se passagem obrigatória do Litoral ao Sertão; a existência da Capela como o aspecto mais significativo, e depois como sede de uma Freguesia: Paróquia; a Feira com a força agregadora para o comércio e, com o tempo, outros caminhos foram abertos, facilitando a comunicação de Caruaru com as capitânicas vizinhas, como ocorre até a atualidade. De modo que este lugar se tornou em poucas décadas no maior centro urbano no Vale Médio do Ipojuca, com uma força comercial incomparável para a época. (Ferreira, 2021, p. 139)

Esse cenário é suficiente para quem é turista e está de passagem pela cidade, visitar a feira – especialmente a feira do artesanato – e conhecer aqueles bordados, os objetos de barro ou até mesmo pequenas lembrancinhas que remetem aos símbolos nordestinos. Essa parte da feira foi pensada e planejada para isso, para ser o cartão postal de quem visita Caruaru, e naturalmente, o é. Como destaca Massey (2017, p. 37), muito da nossa “geografia” está na mente, destacando-se que “carregamos conosco imagens mentais do mundo”. Considerando que essas imagens mentais do mundo podem, por vezes, estar em conflito ou ser até mesmo a causa de conflitos, as “imagens mentais” da Feira expressas pelos turistas podem divergir das construídas pelos moradores e feirantes, possibilitando o desenvolvimento de certos embates nessas diferentes vivências com a Feira. Por exemplo, ao passo que o fluxo de pessoas aumenta, a infraestrutura para comportar o grande número de visitantes também tem se expandido a partir da construção de novos “lugares turísticos”, pensados para que estes tenham melhor qualidade e conforto no atendimento, causando transformações e acarretando novas dinâmicas à Feira e às sociabilidades dos feirantes e moradores.

No entanto, como já foi discutido nos tópicos anteriores, para além dessa dinâmica externa – a relação dos turistas com a Feira de Caruaru – pode-se observar uma relação direta e íntima dos moradores e comerciantes com esta feira enquanto um lugar. Conforme destaca Bonnemaison (2000), na relação espaço/sociedade, o espaço é, sem dúvida, produzido por uma

sociedade, assim como essa sociedade se cria em um determinado espaço cultural. Assim, sendo o conceito de lugar um dos trabalhados pela Geografia no contexto escolar, a análise da Feira e das suas relações com o desenvolvimento de Caruaru e das sociabilidades locais nas atividades escolares permite-nos adicionar a dimensão cultural nas atividades da Geografia, considerando-o a partir da realidade vivenciada e observada no bairro do Vassoural e nos espaços imediatos da Feira.

Para o ensino de Geografia, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que norteia a ação docente sobre como abordar as temáticas disciplinares. Dentre outras questões, esse documento apresenta como uma de suas unidades temáticas a proposta de abordar ‘o sujeito e seu lugar no mundo’, apresentando como objetivo promover a reflexão sobre as noções de pertencimento e identidade. Tomando como base essa unidade temática, pode-se observar a conexão entre a vivência dos estudantes, comerciantes e frequentadores da feira, e da forma como estes se relacionam com ela (tema que será aprofundado no capítulo 3) com as questões trabalhadas na Geografia Escolar.

O ensino de geografia no Brasil proposto pela BNCC propõe, em sua concepção geral, o estímulo da compreensão do mundo a partir da realidade imediata dos estudantes. Nesse aspecto, o conceito de lugar assume uma centralidade nos debates desenvolvidos por essa disciplina no contexto escolar, permitindo compreender as ações humanas ao longo do tempo e nos diferentes grupos sociais espalhados pelo planeta. Ao mesmo tempo, incita uma interação com outras áreas do conhecimento, assim como outras escalas além da local, para enriquecer o raciocínio geográfico.

Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas (como Matemática, Ciência, Arte e Literatura). Essa interação visa à resolução de problemas que envolvem mudanças de escala, orientação e direção de objetos localizados na superfície terrestre, efeitos de distância, relações hierárquicas, tendências à centralização e à dispersão, efeitos da proximidade e vizinhança etc. (BNCC, 2017, p.359).

Essa perspectiva apresentada pela BNCC dialoga, de forma direta, com a abordagem cultural da Geografia aqui proposta, conforme o sentido dado à Geografia Cultural posterior ao seu *cultural turn*, a partir da década de 1970. De acordo com Claval (2002, p. 20), pode-se compreender que o objetivo da Geografia Cultural é, em diálogo direto com os pressupostos da BNCC, “entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas”. Assim, a abordagem cultural da Geografia pode contribuir, no contexto da Geografia escolar, para a

análise e reflexão das temáticas trabalhadas a partir da experiência direta e subjetiva dos estudantes com os seus lugares de vida.

Um outro ponto importante a ser destacado na BNCC é que a partir da utilização correta dos conceitos o estudante terá uma visão espacial do que acontece numa escala local e global e reconhecer diferentes processos, tais como: i) os impactos causados pela pressão demográfica no meio ambiente; ii) a má distribuição de renda que afeta os países, principalmente, os pobres; iii) as disputas territoriais e geopolítica, entre outras coisas. Desse modo, a geografia será parte crucial da formação cidadã do estudante em questão. Dessa forma, a BNCC na perspectiva do ensino de geografia visa promover a reflexão de novas formas de ver e compreender o mundo de maneira ampla e crítica a fim de formar um cidadão que além de saber resolver os problemas da vida cotidiana, saiba também analisar as múltiplas relações que conformam a realidade.

Neste ponto, convém reforçar que, a partir de Massey (2017, p. 37), “o objetivo fundamental da educação – a ação de questionar, ao invés de aceitar um pensamento superficial” pode ser fortalecido se considerarmos essa formação cidadã dos estudantes a partir das imaginações geográficas dos estudantes. Em outras palavras, contribuir para que os estudantes pensem geograficamente, considerando as “geometrias do poder” através das quais o mundo é construído, pensando criticamente a geograficidade dos problemas considerados, independente das suas escalas.

Retomando a ideia do eixo ‘o sujeito e seu lugar no mundo’ supracitado anteriormente, tanto a BNCC quanto o currículo do município de Caruaru-PE trazem essa questão que o docente em sala pode abordar de diversas maneiras, a depender da comunidade onde a escola estará inserida. Considerando os contextos locais, esses documentos estimulam o debate sobre como eles (os estudantes) se sentem parte do processo de identificação sociocultural e como contribuem no processo de transformação espacial do lugar. É nesse viés que o papel do professor de geografia torna-se primordial para promover a reflexão através da observação da paisagem, da reflexão sobre como os seres humanos interferem e interferiram ao longo dos anos e como elas aconteceram. Não é uma tarefa simples de ser realizada, porém, contextualizando com a realidade do educando é possível atingir o objetivo de ser parte do todo.

Diante disso, a realização de atividades simples e práticas, são alternativas que despertam tais questões. A elaboração de croquis e mapas mentais com os pontos de referência do bairro ou até mesmo um mapa do caminho percorrido de sua casa até a escola podem ser opções simples e capazes de exercitar a percepção do espaço, quais são os pontos de destaque de sua comunidade e principalmente onde ele estará inserido nesse contexto.

Por exemplo, na escola onde leciono, propus essa atividade de elaboração de croquis e mapas mentais foi proposta no ano de 2023 para salas distintas, como parte das atividades da disciplina de Geografia. Nessas atividades, a Feira de Caruaru surgiu na produção de diversos alunos, assim como a identificação dos ‘fabricos<sup>6</sup>’ ou confecções, fazendo perceber o quanto a atividade comercial faz parte do dia a dia dos estudantes e que se faz necessário explorar essa situação. Nas turmas maiores e na modalidade EJA, o foco ficou na exploração do comércio e serviços através da perspectiva local-global e global-local, especialmente para compreender as interferências do mercado externo na dinâmica comercial local.

Por conseguinte, o dia de feira da sulanca é um evento que mexe com toda uma estrutura local e movimentada diversos tipos de atividades lucrativas, desde a venda de lanches à estacionamentos improvisados em terrenos acidentados, os quais, acabam envolvendo grande parte dos moradores. Trazer para sala de aula essa problemática e explicar que as atividades econômicas globais, podem sim, ser entendidas e explicadas a partir da vivência local é uma outra maneira de contextualizar o assunto na prática. Trataremos um pouco mais sobre essas questões no capítulo 3 desse trabalho, na perspectiva do sentido mais abrangente e filosófico do lugar, no caso, a Feira de Caruaru.

Por fim, consideramos que o exercício desse “pensar geograficamente” a partir da realidade vivenciada pelos estudantes na sua relação direta com a Feira de Caruaru e com o bairro do Vassoural pode contribuir para, em diálogo com Massey (2017) e Relph (2014), ajudar aos jovens a explorar a natureza controversa do mundo, experienciadas nas relações destes com os seus lugares do cotidiano. Ao reconhecer essas dinâmicas particulares dos lugares, os estudantes podem compreender e interpretar as suas próprias reações às pessoas e aos lugares, buscando refletir sobre as perspectivas dos outros que podem ser diferentes das suas. O reconhecimento daquilo que Massey chama como a consciência da coexistência simultânea dos diferentes outros, ou o reconhecimento da coetaneidade e das relações de poder que conformam os lugares, em cotejamento com o afeto e as tramas de relações calcadas na proximidade, tal que destacadas pela geografia humanista de Relph e Tuan.

Da mesma forma, torna-se importante considerar, ainda em diálogo com Massey (2017), que grande parte da nossa “geografia” (e dos lugares que construímos) são construídas a partir das imagens mentais que carregamos do e sobre o mundo, sendo importante a reflexão sobre as

---

<sup>6</sup> São locais onde funcionam manufaturas para produzir roupas diversas (masculinas, femininas ou infantis) para que sejam comercializadas na feira. A maioria desses trabalhadores não são regulamentados de acordo com as leis trabalhistas.

imaginações geográficas dos/das alunos/alunas, de onde estas vêm e sobre como estas influenciam a forma como nos relacionamos com os lugares. A partir dessa abordagem, o ensino de Geografia pode ajudar os estudantes a explorarem a complexidade e variedade dos lugares, considerando as diferentes perspectivas, pontos de vistas e “pontos de encontro” e de negociação dessa diversidade no lugar (Massey, 2017).

### **1.3 A Feira e o lugar**

Essa pesquisa se enquadra num contexto de debates e análises que se observam em disciplinas como Geografia, Ciências Sociais, Antropologia e História que envolvem uma reflexão sobre as feiras livres como expressão da história, da formação territorial e das redes de sociabilidade observadas nas cidades brasileiras (Almeida, 2015, 2018; Araújo, 2011; Jesus, 1992; Mascarenhas e Dolzani, 2008). Amplamente difundidas em todo o Brasil, as feiras livres apresentam ligações históricas com o processo de formação social e territorial do país, podendo ser lidas como uma herança da tradição cultural de origem ibérica, implantada durante o período de colonização (Jesus, 1992; Araújo, 2011). Como destacam Mascarenhas e Dolzani (2008, p. 75), as feiras livres no Brasil, apesar da sua grande diversidade, podem ser consideradas como uma “modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos”.

Além das feiras livres para distribuição de produtos alimentares, no Brasil também pode ser observado uma grande importância de outras feiras, como as de gado que, dentre os séculos XVIII e XIX, contribuíram para a formação de alguns núcleos de povoamento que, posteriormente, se transformaram em importantes centros urbanos, sobretudo no interior do Nordeste (Jesus, 1992). Araújo (2011) destaca que as feiras tradicionais que atualmente se encontram no Nordeste brasileiro, dentre os quais a Feira de Caruaru, se desenvolveram a partir de um conjunto de fatores históricos, tais como: a estrutura econômica regional; a densidade demográfica; os meios de comunicação que se davam usualmente por meio do transporte animal; a composição étnica, dentre outros aspectos.

Entretanto, uma das principais questões que contribuíram para o desenvolvimento dessas feiras foi a expansão da pecuária e do comércio de gado entre os séculos XVIII e XIX. Conforme destaca Andrade (2005), a atividade pecuária criou diversas áreas de repouso onde as tropas paravam para descanso, estimulando a formação nesses espaços das primeiras povoações e vilas de alguns espaços do interior nordestino. Essas povoações estimularam a

formação das primeiras nucleações agropastoris, de atividades comerciais primitivas e da construção das primeiras estradas, que acompanhavam os “caminhos do gado” (Andrade, 2005; Araújo, 2011).

Conforme Araújo (2011, p. 39), na dinâmica regional do Nordeste “é das praças comerciais formadas a partir do comércio do gado que surgem as feiras livres, as quais foram um importante elemento para o desenvolvimento das cidades”. A cidade de Caruaru é um dos casos representativos desse processo, cujo desenvolvimento se iniciou a partir da feira livre que se formou a partir de um desses postos de apoio e de comércio à atividade pecuária, favorecido por sua localização geográfica e sua importância mercantil para a região do agreste pernambucano (Brasil, 2009; Araújo, 2011).

A partir de um cenário inicialmente agrário, representado pela antiga Fazenda Caruru, que foi transformada a partir do século XVIII em um posto de apoio e de comércio no caminho utilizado para fazer o transporte de gado entre o sertão e a zona canavieira do litoral, formou-se a Feira de Caruaru e a própria cidade, atualmente uma das principais da região do Agreste de Pernambuco. Conforme as palavras de Araújo (2011, p. 41):

[...] a cidade de Caruaru tem sua origem no século XVIII, em uma fazenda chamada Caruru que dava pouso aos tangedores, tropeiros, viajantes e mascates, com um rio próximo para dar de beber aos bois, o rio Ipojuca. Tal aglomeração permitiu o surgimento de pequeno comércio de itens e serviços ligados à lida com o gado, com o resultando, com o passar do tempo, na feira. Esta, contudo, só se configurou plenamente quando José Rodrigues da Cruz, proprietário da fazenda, construiu, em 1781, uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição. Foi no seu adro que uma pequena feira se formou para dar sustentação às novas funções que a Fazenda Caruru vinha adquirindo e que, então, com a construção da capela, se ampliavam. De ponto de apoio a boiadeiros e viajantes, a fazenda passou a ser também o lugar para onde os habitantes da região do vale do rio Ipojuca acorriam para realizar suas obrigações religiosas [...]. Na medida em que o povoado se dinamizava e crescia, o espaço foi também apropriado pela feira que, por sua vez, se beneficiou de suas dimensões generosas. Nesses dias de comércio ao ar livre, Caruaru não era apenas uma passagem e um ponto de apoio, mas um lugar de convergência das gentes, dos produtos e das artes de um território que, dia a dia, ficava maior.

Atualmente, Caruaru se apresenta como um dos polos comerciais mais importantes da região e uma das principais cidades médias de Pernambuco. A feira se ampliou, recebe milhares de visitantes por ano e se tornou um Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, conforme a salvaguarda do IPHAN. Devido ao grande crescimento da Feira e aos problemas que ocorriam no centro de Caruaru nos dias de feira, ela foi transferida em 1992 para o Parque 18 de Maio, em uma área com mais de 40 mil metros quadrados localizado no bairro do Petrópolis, vizinho ao bairro do Vassoural (Araújo, 2011; Almeida, 2015; 2018).

A mudança da Feira para esse amplo terreno provocou um conjunto de mudanças no lugar, alterando desde sua configuração territorial aos usos e apropriações do bairro. Como

destaca Silva (2007), a transferência da Feira para fora do centro da cidade ofereceu uma melhor infraestrutura e maior espaço para as atividades comerciais. Essa mudança permitiu uma maior consolidação e expansão da Feira, que passou a ocupar não apenas o terreno do Parque 18 de Maio, mas ampliou-se e absorveu as ruas vizinhas ao parque, dentre as quais, do bairro Vassoural.

Neste sentido, considera-se nesta pesquisa que a Feira de Caruaru corresponde a uma forma simbólica espacial (Corrêa, 2010 data) que possibilita uma aproximação de questões econômicas, culturais e as demais dinâmicas estruturantes do espaço urbano. Tal questão indica-nos a possibilidade de discutir suas dinâmicas a partir da abordagem da geografia cultural que focaliza a temática das relações entre economia, cultura e espaço: compreender como os espaços com valores culturais e patrimoniais – como o caso da Feira de Caruaru – podem contribuir para a produção de bens e serviços econômicos, essenciais para a reprodução da dinâmica urbano-regional (Corrêa e Rosendahl, 2010; Do Rio, 2010; Gertler, 2010; Jesus, 1992). Assim, ao considerar a abordagem cultural e econômica para o estudo da Feira como um fenômeno urbano, preocupa-nos observar as dinâmicas de uso e produção do espaço público da cidade, buscando analisar de que forma a dimensão social e cultural da produção econômica funciona para comunicar a cultural regional e manter a dinâmica dos sistemas locais de produção.

A partir dessa abordagem, esperamos contextualizar a Feira dentro da comunidade onde ela está inserida, buscando compreender de que forma essa feira se adaptou ao bairro e vice-versa, promovendo transformações culturais, sociais e econômicas do/no bairro e da/na feira. Tal abordagem permite-nos desenvolver uma reflexão crítica da Feira como um espaço vivido, possibilitando a compreensão da rede complexa de processos, agentes, sentidos, pertencimentos e identidades observadas nesse espaço.

Com destacou Cosgrove (2012), a geografia está em toda parte, sendo reproduzida diariamente por todos nós na nossa relação com o espaço, a partir de nossas dinâmicas cotidianas e ações sociais. Se a Feira de Caruaru pode ser considerada como um espaço de articulação entre as vivências, saberes e expressões culturais da comunidade onde está inserida, a abordagem cultural pode nos ajudar a compreender criticamente a dinâmica desses espaços vividos, abordando suas identidades sociais, relações e conflitos.

Por fim, esses debates indicam a possibilidade de considerar tais questões a partir da dinâmica do lugar, considerando-o como a categoria geográfica vinculada aos valores, às experiências e aos significados dos sujeitos que produzem e vivem cotidianamente o espaço (Haesbaert, 2017; Halley, 2015; Tuan, 1983). Nessa perspectiva, o lugar pode ser considerado

como uma trama de significados que é constantemente (re)construído pela experiência e pelas relações afetivas com o lugar. Para essa abordagem cultural, o lugar encontra-se imbricado com as relações cotidianas, o que coloca no debate questões como o espaço vivido, os modos de vida e as relações de pertencimento e de identidade. Assim, na interação das pessoas com seus lugares cotidianos, os sujeitos e seus lugares são indissociáveis, configurando a expressão empírica e subjetiva da totalidade do espaço cotidiano (Haesbaert, 2017; Halley, 2015).

A feira é lugar de encontros, relações de sociabilidade e de grande importância histórica para a sociedade. Elas trazem uma carga de valores e costumes, saberes e ofícios que são passados geração a geração e que ao mesmo tempo avançam com as modificações do espaço promovidos por seus atores sociais. Inicialmente, quando surgiram, a ideia do abastecimento era seu único objetivo, com isso, elas começaram a se estabelecer e realizar a comercialização do excedente. As feiras livres surgiram durante a idade média, especialmente para comercializar o excedente produzido. De acordo com Pirenne *apud* Gonçalves 2019

Referindo-se às feiras, Pirenne (1965) as considera como um dos fatos de maior relevância na organização da economia da Idade Média, existindo em vários países e tendo grande expressão até o final do século XIII. As feiras abundavam “[...] nos diferentes lugares, os mesmos caracteres, de modo que podem ser consideradas como um fenômeno internacional inerente às condições mesmas da sociedade europeia. A época do seu apogeu foi a do comércio errante” (Pirenne, 1965, p. 103, *apud* Gonçalves, 2019, p. 26).

Por outro lado, as feiras populares ocupam diferentes espaços e estão espalhadas pelo mundo afora reunindo e misturando conhecimentos, saberes, ofícios e ainda variadas manifestações culturais que agregam valor e propagam os costumes de onde estão inseridas. São locais de grande importância histórica e revelam, para aqueles que as frequentam tanto esporadicamente quanto os que estão ali diariamente e tiram seu sustento, espaços carregados de identidades e visões diversas.

No Brasil, foram surgindo a partir do processo de ocupação do interior, onde os pontos de paradas ao longo dos percursos se transformaram numa área de trocas de mercadorias e que foram evoluindo com o tempo, mostrando sua força e como foram fundamentais na formação de diversas cidades.

No Brasil as feiras livres remontam ao período colonial. A importância dessas feiras se manifesta no abastecimento direto de consumidores, na geração de renda para a população rural e na animação do comércio urbano. Mas **sua relevância ultrapassa a economia para compreender também hábitos alimentares, costumes sedimentados e a própria cultura. Prova isso o destaque das feiras nas diversas manifestações culturais brasileiras.** (Araújo e Ribeiro, 2018, p. 561, grifo nosso).

Ainda de acordo com as feiras livres, podemos reforçar suas origens e suas principais características no trecho a seguir:

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas, está presente na maioria das cidades brasileiras, sobretudo naquelas com população superior a 300 mil habitantes (excetuando-se obviamente o Plano Piloto da capital federal, Brasília, pautado em princípios urbanísticos singulares). Desempenham ainda hoje papel relativamente importante no abastecimento urbano, apesar das políticas públicas adversas que tiveram de enfrentar nos últimos 30 anos (Mascarenhas e Dolzani, 2008, p. 75).

Com base nessas questões, é possível perceber que as feiras ganham uma conotação de expoentes da cultura, permanência de costumes e de um comércio quase sempre negociável, além de produtos trazidos pelos próprios produtores que são os mesmos que comercializam, criando um vínculo com o consumidor, um encontro entre a cidade e o campo, de acordo com Araújo e Ribeiro (2018).

No que diz respeito à Região Nordeste, as feiras foram fundamentais para o processo de ocupação do interior, pois, os núcleos que se formaram tiveram relação direta com a pecuária, através das feiras de gado. Essa atividade contribuiu para formação de vilas e cidades e transformou as feiras numa modalidade de comércio muito popular na região e que perduram até os dias atuais (no caso da feira de Caruaru, existe um movimento que já vem de alguns anos para retirada da feira do centro e remanejá-la para um outro local, veremos essa questão e seu porquê no capítulo 3).

As feiras sempre tiveram grande importância na dinâmica socioespacial da região Nordeste do Brasil. Em princípio, atreladas, sobretudo, ao importante papel da pecuária, destacando-se nesse sentido as feiras de gado que deram, ao mesmo tempo, origem a vilas e cidades. O papel desempenhado pela pecuária no sertão nordestino fomentou o aparecimento da feira, que foi se ampliando de modo a tornar essa modalidade de comércio muito popular no Nordeste. As feiras tiveram grande importância nos núcleos urbanos de povoamento na região, de modo que várias cidades se originaram com elas (Gonçalves, 2019, p. 53).

Portanto, as feiras possuem suas particularidades e fazem parte da história de nosso país, mantendo até certo ponto costumes do período colonial como a comercialização de produtos diretamente vindos do campo, estabelecendo assim, uma conexão entre o rural e o urbano, o campo e a cidade. Na região Nordeste elas vão mais além, pois, são ainda parte preponderante no contexto urbano devido sua variedade de produtos comercializados, fato que foi sendo expandido a partir do momento que elas começaram a receber produtos da agricultura, artesanais e mais recente das indústrias. Toda essa evolução fez surgir vários núcleos urbanos no agreste e sertão nordestino. Destacadas essas questões, passaremos agora a analisar a Feira de Caruaru e seu contexto particular no espaço urbano considerado.

## **CAPÍTULO 2 – A FEIRA DE CARUARU E SUAS PARTICULARIDADES**

Nesse capítulo serão trabalhados aspectos importantes sobre a Cidade de Caruaru que a colocam num patamar de destaque no agreste pernambucano, tais como: a sua economia pautada no comércio, sobretudo sua feira, que deu origem à cidade; a sua importância cultural com o “maior e melhor São João do mundo”, questão que é muito explorada, do ponto de vista turístico e econômico por diferentes agentes públicos e privados; e o processo de patrimonialização por parte do IPHAN da Feira de Caruaru.

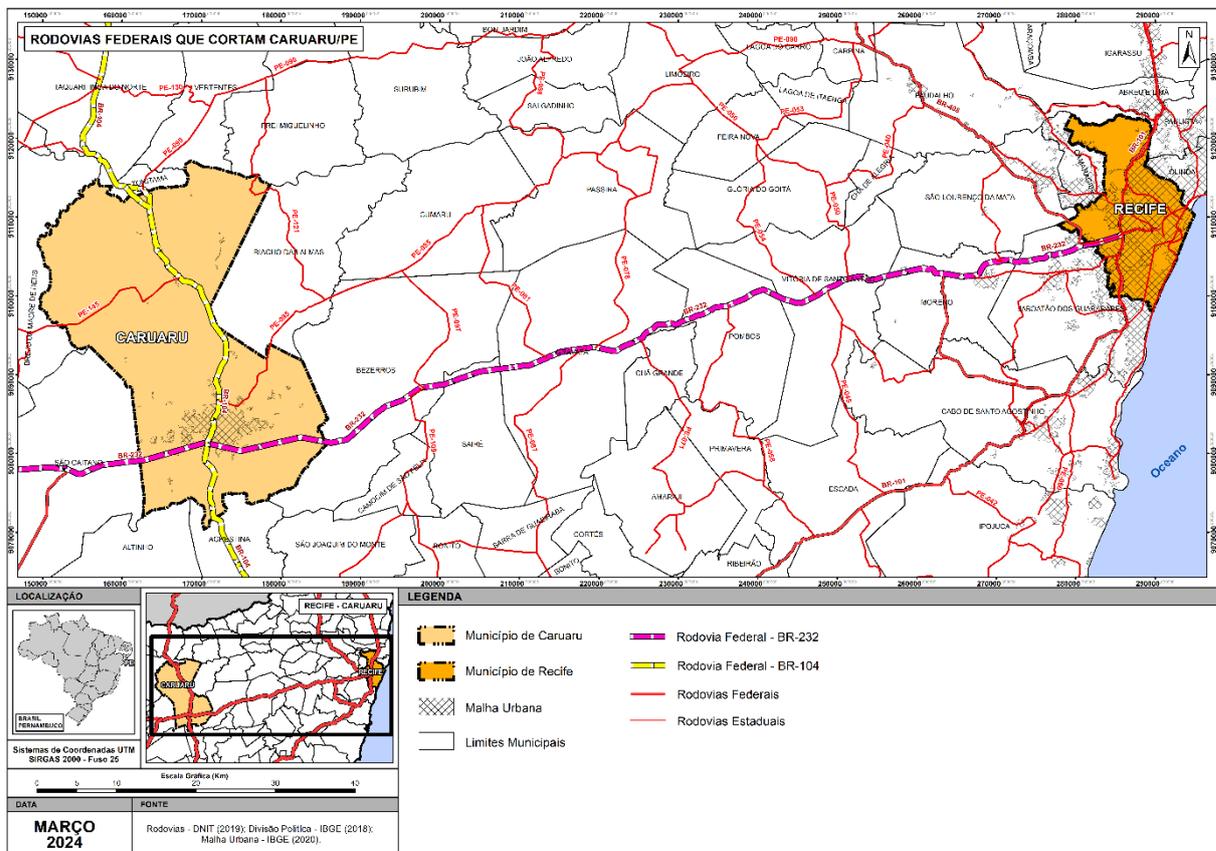
Por ser uma cidade notadamente conhecida por suas particularidades econômicas e culturais, Caruaru também é um centro aglutinador de serviços da região do agreste central pernambucano exercendo influência direta nas cidades vizinhas. Com isso, a capital do agreste, título pelo qual é reconhecida, Caruaru tornou-se referência em vários setores, como por exemplo, na área educacional, possuindo polos da UPE – Universidade de Pernambuco – e da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco (universidades públicas) e algumas faculdades particulares, tais como UNINASSAU – Centro Universitário Maurício de Nassau, ASCES – Unita – Centro Universitário Tabosa de Almeida, UNIFAVIP – Centro Universitário Favip Wyden – etc.; além dos cursos técnicos espalhados pelo município, como SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – e Grau Técnico, por exemplo. Todas essas informações contribuem para mostrar a relevância de que não somente as atividades comerciais são importantes para o município, mas também outras atividades como as educacionais.

Outro ponto de destaque nesse capítulo é a questão do processo de patrimonialização da Feira e seus desdobramentos. Nas atividades de campo realizadas ao longo da pesquisa, assim como na vivência no dia a dia da escola, podemos perceber que esse título atribuído à Feira de Caruaru pelo IPHAN, muito embora contribua com a valorização cultural do espaço, não é enfatizado na cidade. Apesar da consciência desse título, a sua real importância não é sublinhada no cotidiano dos feirantes, dos moradores e da esfera educacional. Assim, podemos observar que alguns dos atores que compõem a feira desconhecem o caráter patrimonial da Feira, assim como não se reconhecem como participantes desse todo ou da sua participação para o crescimento, funcionamento e valorização da Feira. Portanto, podemos identificar que as discussões sobre o patrimônio são questões centrais para compreendermos a Feira dentro do contexto cotidiano da cidade, sobretudo porque observamos a carência de um trabalho mais efetivo sobre educação patrimonial nas escolas do município.

## 2.1 A feira pulsa, a cidade vive: Uma simbiose histórica

A cidade de Caruaru, popularmente conhecida como a “Capital do Agreste” ou a “Capital do Forró”<sup>7</sup>, corresponde a um dos principais centros urbanos do estado de Pernambuco, sobretudo devido à sua importância política, cultural e econômica. Esses destaques atribuídos à Caruaru colocam a cidade em evidência no cenário regional e estadual. Por conta desses fatores atrativos, Caruaru torna-se um polo de atrações turísticas, sobretudo durante as festas juninas tão celebradas no Nordeste. Entretanto, não é apenas por conta do forró e das festas do período junino que Caruaru é conhecida. Devido ao município ser cortado por duas rodovias Federais – a BR-232 (no sentido leste-oeste) e a BR-104 (no sentido norte-sul), além de duas rodovias Estaduais, a PE-95 e a PE-145 – observa-se que Caruaru exerce uma centralidade urbana potencializada pela presença dessas infraestruturas rodoviárias – conforme pode ser observado no mapa 03 a seguir – que contribui para o processo de atração sob vários municípios vizinhos, servindo como um centro aglutinador de serviços.

**MAPA 03. Rodovias federais que cortam Caruaru, Pernambuco**



Elaborado por: Ester Claudino.

<sup>7</sup> Ganhou destaque a partir da música ‘Capital do Forró’ de Jorge de Altinho e Lindolfo Barbosa gravada pelo Trio Nordestino e lançada em 1980.

Um aspecto que confirma a centralidade urbana de Caruaru para o agreste do estado de Pernambuco e para a região Nordeste pode ser observado através do REGIC (Região de Influência das Cidades), pesquisa realizada pelo IBGE sobre a rede urbana brasileira, a hierarquia dos centros urbanos e suas regiões de influência. De acordo com esse estudo, publicado em 2018, Caruaru corresponde a uma capital regional B – centros urbanos com alta concentração de atividades de gestão, mas com menor alcance e influência em comparação com as metrópoles – perfil de centralidade semelhante à de João Pessoa (Paraíba), sendo um dos principais centros urbanos do interior do Nordeste, vinculada à rede urbana de Recife<sup>8</sup> (IBGE, 2020). Ademais, convém destacar que, de acordo com o último Censo demográfico, com resultados divulgados em 2023, Caruaru corresponde ao quarto município mais populoso de Pernambuco, com uma população de 378.052 – atrás apenas de Recife (1.488.920), Jaboatão dos Guararapes (643.759) e Petrolina (386.786), respectivamente.

Um aspecto que confirma a importância cultural e a centralidade urbana de Caruaru, sobretudo a sua importância como “Capital do Forró” de Pernambuco pode ser simbolizado pelo destaque dado para a cidade que já pode ser observado a alguns quilômetros de distância, ainda na capital pernambucana. Por intermédio das placas presentes nas rodovias indicando os pontos simbólicos de Caruaru, quer seja pelo título com que ela é conhecida, quer seja por seus pontos turísticos (a Feira de Caruaru e o Alto do Moura).

Essas placas podem ser compreendidas como uma expressão central da importância geossimbólica da cidade no nível estadual, regional e nacional, guardadas as devidas precauções. Por intermédio de sua importância cultural, enraizada e perpetuada nas músicas de Luiz Gonzaga e de outros que cantam sobre o Nordeste, a Feira de Caruaru assume uma centralidade simbólica nessas expressões culturais. Ademais, essa importância cultural contribui para que a economia do município se fortaleça, influenciando nas atividades econômicas dos pequenos comerciantes que viajam até a *capital do forró* para comprar produtos e revender em suas cidades.

Quando mencionamos a importância cultural de Caruaru, estamos considerando a perspectiva apresentada por Maciel (2004) sobre as paisagens metonímicas: aqueles lugares e/ou paisagens que apresentam uma importância geossimbólicas e são capazes de representar

---

<sup>8</sup> De acordo com a REGIC, a rede urbana brasileira está estruturada em duas dimensões: a hierarquia dos centros urbanos, dividida em cinco níveis, e suas regiões de influência, identificadas pela ligação das cidades de menor porte para as de maior hierarquia urbana. Os cinco grandes níveis da rede urbana são: i) metrópoles (subdivididas entre a Grande Metrópole Nacional, Metrópole Nacional e Metrópole); ii) Capitais Regionais (compostas pelas Capitais Regionais A, Capitais Regionais B e Capitais Regionais C); iii) Centros Sub-Regionais (divididos em Centros Sub-Regionais A e Centros Sub-Regionais B); iv) Centros de Zona (divididos entre Centros de Zona A e Centros de Zona B) e Centros locais.

um todo que é mais plural. Assim, mesmo compreendendo que Caruaru é mais diverso e tem expressões territoriais que vão além desses símbolos, compreendemos que esses discursos e imaginários que são mobilizados e apresentados nessas placas contribuem para criar certos simbolismos e certas metonímias geográficas sobre Caruaru. A Feira, o forró, o artesanato de barro e outros símbolos contribuem para a formação de um imaginário e uma imagem sobre a cidade, expressas nas placas e constantemente mobilizadas nas referências à Feira.

Nesse sentido, para a consolidação de Caruaru como geossímbolo do agreste de Pernambuco, dois fatores precisam ser destacados: o Forró e o artesanato feito com o barro. O forró é um ritmo que remete ao Nordeste e, em especial, ao sertão. Caruaru é uma cidade que, de certa maneira, ainda resguarda a tradição do forró, pois, além de ter sido cantada por Luiz Gonzaga como a *capital do Forró*, atualmente ostenta esse título comemorando o São João com mais de 30 dias de festas. Através dessa realidade, a cidade atrai cada vez mais turistas a partir da mobilização dessa retórica e desse imaginário que a caracteriza como a *capital do Forró*. Por exemplo, de acordo com dados apresentados pela Prefeitura de Caruaru sobre as festas juninas de 2023, Caruaru recebeu mais de 3,6 milhões de pessoas batendo o recorde de visitantes, assim como, é importante destacar que mais de R\$ 620 milhões foram arrecadados durante o período (09/04 até 29/06) contemplando mais de 70 dias de festa nos 25 polos de animação<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Informações disponíveis em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/ultimas/2023/07/balanco-do-sao-joao-2023-de-caruaru-com-recorde-de-publico-com-3-6-mi.html>. Acesso em 10 abr. 2024.

**FIGURA 03 – Placas rodoviárias indicando geossímbolos de Caruaru**



03a (De cima para baixo, da esquerda para a direita): BR-101 nas proximidades da alça que conduz para a BR-232, que dá acesso à cidade de Caruaru. Autor: Jonath Tavares, 12-02-2023.

03b: BR-232 no trecho que corta o município de Jaboatão dos Guararapes. Autor: Jonath Tavares, 15-02-2023.

03c: BR-408 no trecho que corta o município de São Lourenço da Mata, ao fundo, o teto da Arena de Pernambuco. Autor: Jonath Tavares, 18-02-2023.

De forma correlata ao forró e às festas juninas, outro elemento diretamente associado à imagem e à retórica de Caruaru corresponde ao artesanato, sobretudo aquele realizado pelo artesão e ceramista Mestre Vitalino. Ganhando notoriedade nacional através das suas peças de cerâmica que apresentam figuras populares do interior nordestino (por exemplo, animais da fauna local, os trios do forró pé de serra e outras expressões culturais), a obra desse artesão de Caruaru usualmente é associada à cidade, atraindo milhares de turistas que vão até à cidade visitar e conhecer o local onde ele viveu e criou suas esculturas de barro.

**FIGURA 04 - Banda de Pifanos (*Pife*)**



Artesanato de barro que retrata aspectos da cultura nordestina e feito pelos artesãos que tem suas bases no Alto do Moura e abastecem a feira de artesanatos. Foto: Jonath Tavares, 2024

Porém, a centralidade urbana e cultural de Caruaru vai além das festividades juninas, destacando-se também a sua importância como um influente polo comercial que, somado às questões culturais, promovem uma ampla rede de sociabilidade relacionada com as atividades comerciais vistas a partir da Feira de Caruaru e dos *fabricos* relacionados ao Polo de Confeções do Agreste<sup>10</sup>. As atividades comerciais, junto das expressões culturais, contribuem para construção de um leque de relações de sociabilidades na cidade e na Feira de Caruaru que se expressa através das dinâmicas produtivas. Como destacam Corrêa e Rosendahl (2010, p. 8), no contexto contemporâneo observa-se uma crescente convergência entre a economia e a cultura, assim como do impacto destas na produção do espaço. Numa cidade como Caruaru, onde as questões do imaginário cultural são constantemente mobilizadas como um produto

<sup>10</sup> O Polo de Confeções do Agreste contempla as feiras de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe movimentando mais de 5 bilhões na economia por ano, segundo o Núcleo Gestor da Cadeia Têxtil e de confeções de Pernambuco (NTCPE). Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2023/05/29/gigante-no-agreste-de-pe-polo-de-confeccoes-garante-renda-e-emprego-para-mais-de-24-mil-pequenos-empresendedores.ghtml>. Acesso em: 04 abr. 2024.

local, a sua produção econômica caracteriza-se cada vez mais por traços culturais, enquanto a cultura torna-se progressivamente mercantilizada.

Conforme destacado acima, segundo os dados do IBGE<sup>11</sup>, Caruaru possui uma população de 378.052 habitantes, distribuídos em uma extensão territorial de 923.150 km<sup>2</sup>, com uma densidade demográfica<sup>12</sup> de 409.52 hab/km<sup>2</sup>. Esse contingente populacional contribui para que, além da importância cultural, Caruaru se configure como um dos municípios mais populosos do interior pernambucano, sendo o quarto maior município do Estado de Pernambuco, em termos de população, atrás apenas de Recife, Jaboatão dos Guararapes e Petrolina. Com um PIB de R\$ 23.456,58, segundo dados do IBGE, a cidade movimenta um montante financeiro muito grande em virtude de seu comércio favorecendo o crescimento do PIB e colocando Caruaru como uma das maiores economias do estado<sup>13</sup>.

Seu processo de urbanização atual está atrelado ao comércio e vários outros tipos de serviços ligados às áreas de educação e saúde, os quais, crescem muito rápido exercendo influência para as cidades de seu entorno, promovendo uma centralidade urbana à Caruaru. A atividade industrial também tem seu destaque no Polo de Desenvolvimento Sustentável do Agreste (PDSA) que fica nas proximidades do Alto do Moura e tem indústrias como a Vitória Bebidas, PM Malhas, Rural Shop, Brita Mix, Cabo's e a Andrade Distribuidora, mas, não consegue superar a força que o setor terciário tem para a cidade. Um outro ponto a ser citado é a grande expansão de condomínios fechados que atendem ao mercado imobiliário atual e uma necessidade de conforto e segurança que a contemporaneidade impôs às pessoas, criando assim, segregações socioespaciais onde se pode observar claramente os bairros de classes baixa, média e alta onde o metro quadrado possui usos, apropriações e valores diferentes dentro de um mesmo município, como por exemplo, no bairro do Indianópolis, o condomínio *Vila Serena* retrata bem essa questão, pois, nas redondezas o que se observa são habitações carentes de uma infraestrutura adequada e aglomerações que não foram planejadas corroborando para a segregação mencionada. Assim, alguns outros condomínios fechados estão surgindo e cada vez mais crescendo pela cidade, sobretudo pelo fato da nova configuração urbana que vem se

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/caruaru.html>. Acesso em: 23 out. 2023.

<sup>12</sup> Densidade demográfica corresponde a uma estimativa do processo de distribuição populacional sob o território, leva em consideração o número total de habitantes pela área do município. Vale salientar que teremos uma média da ocupação do espaço territorial e obviamente alguns pontos da cidade terão uma mancha urbana bem mais elevada.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2021/06/08/caruaru-ocupa-3a-posicao-do-pib-da-regiao-do-interior-do-nordeste.ghtml>. Acesso em 10-04-2024

mostrando no século XXI em busca de segurança e lazer como um bônus que se tem por não ter um espaço residencial amplo. Conforme acrescenta Oliveira (2016):

Em observação da cidade produzida pelas diretrizes indicadas no atual Plano Diretor, percebe-se, principalmente, a promoção de tipologias edilícias recuadas no lote e rodeadas por muros, em que as verticalizadas ou de uso comercial são servidas de grandes áreas internas de estacionamento. Nota-se que os instrumentos de planejamento, em Caruaru como em diversas outras cidades brasileiras, promovem transformações na espacialidade da cidade, principalmente, em nível local, incidindo na relação entre edificação e espaço público. A nível global contribui-se para a monofuncionalidade e unidade tipológica de grandes áreas, além da consolidação de bairros como populares, de classe média e alta. (Oliveira, 2016, p. 31-32)

Ainda nessa questão urbana, o processo de ocupação de Caruaru se dá de forma heterogênea e prioriza alguns espaços a outros, como acontece em várias cidades brasileiras. Como destaca Oliveira (2016, p. 32), Caruaru tem se conformado sob o território como uma “mancha urbana descontínua”, caracterizada pela presença de bordas imprecisas e alguns vazios internos. Igualmente, pode-se observar novas formas de segregação, como aquela entre os novos edifícios e o espaço público, assim como entre as partes urbanas, interrompendo as continuidades do próprio espaço público. Por exemplo, observa-se a diferença entre os bairros do Maurício de Nassau (caracterizado por um perfil habitacional de famílias mais ricas) e do Salgado (maior bairro da cidade, vizinho ao do Maurício de Nassau, e com perfil populacional de famílias mais pobres).

Ao observar todas essas nuances da cidade no contexto contemporâneo, torna-se também importante compreender como Caruaru surgiu e se desenvolveu, como aconteceu o seu processo de ocupação territorial, assim como qual a importância da feira e das atividades comerciais nesse processo. Da mesma forma, destaca-se a importância de compreender como a feira continua a influenciar na dinâmica atual dos habitantes e frequentadores. É importante trazer esse apanhado histórico de formação da cidade a partir da feira para buscar esclarecer quais as relações existentes entre a cidade, a feira e a ocupação territorial dessa região do agreste pernambucano.

A história de Caruaru não é muito diferente de outras cidades localizadas no Agreste e no Sertão nordestino, que se formaram ao longo do período colonial, através da consolidação de algumas atividades agropastoris e comerciais, tais como o cultivo da cana-de-açúcar, do algodão e das atividades da pecuária. No caso de Caruaru, sua criação encontra-se ligada com a concessão de uma sesmaria – a chamada Fazenda *Caruru* – pelo então governador de Pernambuco Aires de Souza de Castro para a família portuguesa do patriarca Simão Rodrigues de Sá (IPHAN, 2009). De acordo com o Dossiê do IPHAN (2009), a sesmaria Caruru era a mais movimentada em virtude da sua localização estratégica, que permitia o estabelecimento de um

elo entre o sertão e a zona da mata canavieira, por onde passavam vaqueiros, tropeiros e mascates. Esse fator foi determinante para que surgisse um comércio que, aos poucos, foi se fortalecendo e crescendo de tal forma que deu origem a um entreposto comercial que se desenvolveu, posteriormente, na Feira de Caruaru. Ademais, a construção da capela em homenagem à Nossa Senhora da Conceição também corresponde a um fator importante que contribuiu para o processo de ocupação dessa sesmaria que, posteriormente viria a se tornar a cidade de Caruaru.

Algumas histórias divergem sobre o surgimento da cidade<sup>14</sup>, porém, há uma interseção entre algumas obras no que diz respeito à importância da construção da capela, mencionada no parágrafo anterior, no processo de ocupação da região. Como mostra Ferreira (2021, p. 115):

O uso da Fazenda como parada obrigatória e ponto de pernoite ocorreu depois da construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição, tanto pela reforma da estrada, como pela existência de uma feira. Pois, no final do século XVIII e início do XIX, Caruaru era um povoado próspero e as condições do lugar tornou-se favorável pelos melhoramentos realizados por José Rodrigues. Inclusive, contando com um incipiente comércio.

Se as histórias sobre o surgimento da Feira de Caruaru divergem de acordo com a origem dos narradores, alguns pontos, como a centralidade da igreja e das dinâmicas comerciais acima destacadas, estão sempre presentes nos relatos. Sobre essa questão, um dos entrevistados desta pesquisa forneceu-nos uma leitura desse processo que demonstra como esse processo foi apropriado pela população local, contribuindo na forma como estes interpretam os lugares e a cidade onde vivem. De acordo com suas palavras:

A feira de Caruaru ela nasceu ali de frente da Igreja da Conceição. [...] daqui para lá do lado direito, o rio passava, ainda passa ali perto, porque o rio diminuiu muito, o rio foi desaparecendo, por quê? Porque fizeram uma barragem em Belo Jardim bloqueando o rio, a água que vem de lá é a que sobra entendeu? O rio estreitou, mas o rio ali onde é a Liberdade ali, ali é rio entendeu? Era beira do rio, era por ali. Então a cidade nasceu exatamente ali onde os cavalos que vinham, o matuto com as mercadorias que vinham de Campina Grande, de Catende, Palmares, de Vitória, de Gravatá para Caruaru, para a feira de Caruaru, ela nasceu ali. Aí eles começaram por quê? Nasceu ali porque eles paravam para descansar e se alimentar. Nesse alimentar o que é que está levando aí? Eu levando farinha e tu? Tal mercadoria. Vamos trocar? aí trocamos a mercadoria, aí nasceu a feira de Caruaru (Entrevistado 07, 96 anos, entrevista realizada em 28/04/2023)

Neste sentido, compreende-se que o significado da existência de uma capela, naquela época, numa localidade que começava a se consolidar como um entreposto comercial, contribuiu para atrair um número crescente de pessoas das cidades vizinhas e, por consequência, para o fortalecimento das atividades comerciais, mesmo que temporário, mas que viria a se

---

<sup>14</sup> Para saber mais sobre a história de Caruaru em: FERREIRA, Euzébio Josué. Ocupação humana do agreste pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru. (2ª edição revista) [recurso digital] / Josué Euzébio Ferreira. Maceió, AL: Editora Olyver, 2021.

consolidar posteriormente. Como destaca Ferreira (2021), a cidade de Caruaru foi se transformando num lugar central que permitia a convergência da população em geral não apenas pela dinâmica comercial, mas também por conta da presença de uma autoridade oficial da Igreja Católica Romana, que permitia a celebração de atos religiosos e, de forma relacionada, a convergência das pessoas à região.

Assim, aos poucos, com as festas religiosas, o comércio informal foi ganhando força e consolidou o comércio formal, trazendo assim uma relação de complementaridade, segundo o que traz o Dossiê IPHAN (2009). A partir dos séculos seguintes, mais precisamente XIX e XX, a melhoria nos acessos à cidade, com o desenvolvimento das ferrovias e das rodovias, transformaram Caruaru no polo comercial mais importante da região e inspirando novos polos de confecções, como Santa Cruz do Capibaribe e Toritama<sup>15</sup> – cidades que se destacam na produção do jeans movimentando a economia do agreste.

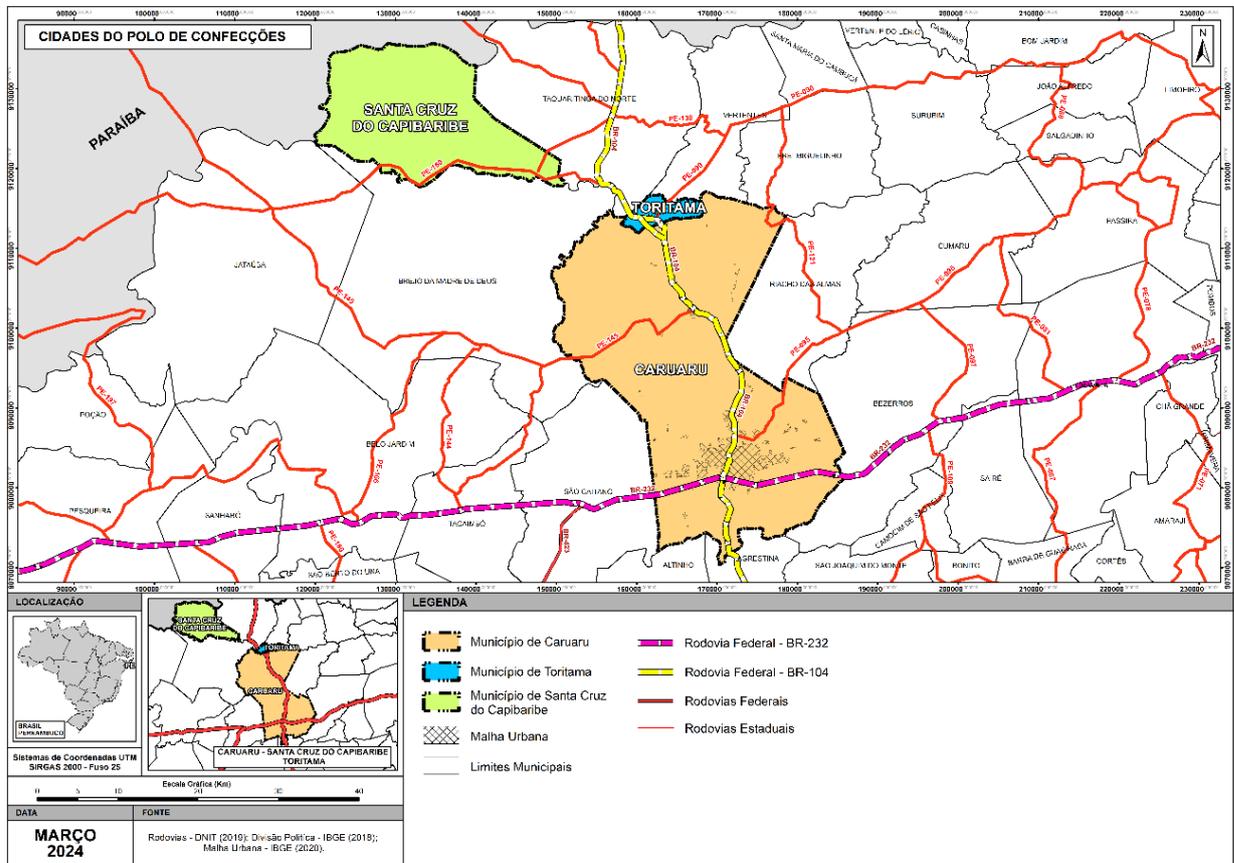
Conforme pode se observar no Mapa 04, existe uma proximidade entre as cidades, fato que contribuiu para impulsionar o crescimento econômico de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Essa proximidade permitiu na inclusão desses municípios no polo de confecções, sobretudo na produção de peças de jeans, atraindo para seus limites os compradores que se dirigem para Caruaru. A cada ano, o Polo de Confecções do Agreste movimenta em torno de R\$ 5 bilhões de reais com seus mais de 24 mil pequenos empreendedores, segundo dados do Núcleo Gestor da Cadeia Têxtil e de Confecções de Pernambuco (NTCPE)<sup>16</sup>. Portanto, os números mostram a imponência dessa região para o estado e para a região Nordeste.

---

<sup>15</sup> Cidades que estão na zona de influência de Caruaru e que passaram a investir no ramo têxtil, especialmente do jeans. Concentram um PIB elevado e produzem em grande escala. O documentário *“Estou me guardando para quando o carnaval chegar”* mostra de forma bastante genuína como os trabalhadores produzem e ‘folgam’ apenas no período carnavalesco.

<sup>16</sup> Informação disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2023/05/29/gigante-no-agreste-de-pe-polo-de-confecoes-garante-renda-e-emprego-para-mais-de-24-mil-pequenos-empresarios.ghtml>. Acesso em 10-04-2024.

## MAPA 04. Cidades do Polo das Confeções no Agreste Central de Pernambuco



Elaborado por: Ester Claudino.

Ademais, retomando a reflexão sobre o processo de expansão urbana de Caruaru que se deu com o passar dos séculos, em especial no século XX, a dinâmica da cidade e da própria feira ganharam novos contornos e novos capítulos. Destaque-se, sobretudo, os impactos da mudança da Feira para o parque 18 de Maio, sua atual localização, nos anos 1990. Essa nova configuração alterou seu lugar após dois séculos de permanência no mesmo lugar, na Rua do Comércio (nas imediações da Igreja da Nossa Senhora da Conceição – Marco zero da cidade), ocasionando novas dinâmicas na relação da Feira com a cidade.

A feira de Caruaru está situada no centro da cidade, porém, os bairros do Vassoural e de Santa Rosa também apresentam uma relação mais direta com as dinâmicas dela, pois são nesses bairros que residem grande parte dos trabalhadores. Da mesma forma, os moradores, mesmo aqueles que não trabalham nela, utilizam sua área em atividades diversas e cotidianas, além de utilizar seus espaços como rota mais curta para se chegar no centro (retomaremos essa questão no capítulo 3). Em nossa concepção, é a partir dessas ações e experiências cotidianas que a feira vai se configurando enquanto um lugar para os feirantes e moradores, no sentido que são essas experiências e envolvimento com o mundo, criando raízes e segurança, que se configuram os lugares e relações de lugaridade (Relph, 2014).

Durante os dez anos de trabalho no colégio Luiz Pessoa, localizado nessa região da cidade de Caruaru, foi possível perceber que muitos estudantes tinham na feira uma certeza de que poderiam trabalhar e sustentar suas famílias. Igualmente, pode-se observar que alguns desses estudantes já trabalhavam nela, alguns de forma autônoma (carregando frete, vendendo água, guardando carro etc.) e outros trabalhando no negócio já consolidado de suas famílias. Assim, pode-se observar uma relação direta entre as atividades da feira e o cotidiano dos moradores.

Entretanto, é notório que o espaço atual ocupado por ela não consegue mais dar conta de tanto movimento, especialmente em dias de maiores fluxos, onde se observa alguns problemas: grandes congestionamentos, falta de estacionamento, ruas interditadas, dentre outras questões. A percepção dos problemas cotidianos vivenciados nos dias de feira acabou trazendo à tona na cidade uma discussão que tem causado controvérsias e dividido opiniões entre os feirantes, os frequentadores e os comerciantes da região: uma possível mudança dela para um ponto distante do centro, possivelmente, nas margens da BR-104, numa área próxima ao polo comercial<sup>17</sup>.

Em virtude de toda essa rede de interferências que a feira promove, o ambiente escolar também sofre com a ausência de parte de seus estudantes – especialmente os que tem ligação direta com ela, em virtude de a escola estar localizada no bairro onde ocorre a mesma e seus discentes serem afetados direta e indiretamente (fato que veremos no decorrer do trabalho) – ao longo de todas as segundas-feiras (dia de feira)<sup>18</sup>.

Portanto, essa relação existente entre os bairros do Vassoural e de Santa Rosa com a feira acabou despertando a curiosidade para entender o que move as pessoas a frequentarem e a conviverem com seus espaços. Nesse sentido, a pesquisa conseguiu identificar que há uma relação muito forte dos indivíduos com a Feira de Caruaru, porém, paralelo a isso as discussões sobre o que é patrimônio e o que ele representa são de desconhecimento de grande parte da população e não existe um trabalho de valorização e divulgação do título. No próximo tópico será discutido um pouco mais a fundo essa questão.

## **2.2 A Feira de Caruaru como elemento identitário e patrimonial**

---

<sup>17</sup> Informações disponíveis em: <http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2014/04/feira-da-sulanca-de-caruaru-tera-60-hectares-e-sera-margens-da-br-104.html>. Acesso em: 24/04/2021.

<sup>18</sup> ‘Dia de feira’ é um termo utilizado para designar o dia que a sulanca acontece. O fluxo de carros, pessoas, ônibus, vans e afins aumenta e eles chegam na cidade cheios de comerciantes em busca de produtos para revender em seus lugares.

Como mencionado anteriormente, a Feira de Caruaru é um ponto turístico muito importante da cidade e é um referencial para quem vem da RMR<sup>19</sup> em direção à *capital do agreste*. As placas na BR são um indicativo de tal importância cultural e econômica, com isso, faz-se necessário refletir como é que ela chegou a esse patamar de relevância cultural e econômica. Discutiremos alguns pontos que podem nos ilustrar e esclarecer um pouco de sua imponência.

Dentre tantos elementos que caracterizam a feira, a música de Onildo Almeida é a principal referência, pois, até mesmo quem nunca visitou Caruaru, em algum momento da vida já ouviu essa música que ficou imortalizada na voz de Luiz Gonzaga. ‘A Feira de Caruaru’ levou um tempo para ser concluída, mas em 1955, seu compositor a apresentou, ainda incompleta, para um locutor amigo e este, prontamente, colocou no ar para que cantasse, a partir daí, houve uma boa aceitação por parte dos ouvintes que pediram que cantasse por mais duas vezes. No ano seguinte, Onildo concluiu a pesquisa com os itens vendidos na feira terminados com a letra ‘u’ para que rimassem com Caruaru. Em 1956, Luiz Gonzaga chega para se apresentar na rádio difusora e escutou a música, prontamente pediu a Onildo para gravá-la e em 1957 vendeu mais de cem mil cópias, segundo o dossiê do IPHAN 2009, e quase 70 anos depois ela ainda é um dos principais elementos identitários do lugar.

Outro ponto que coloca Caruaru no cenário estadual, nacional e internacional é o artesanato do Alto do Moura, lugar de Mestre Vitalino, principal expoente das artes em barro que representava figuras encontradas na região como cangaceiros, bois, vacas, Lampião e Maria Bonita e tantos outros. Com isso, evidencia seu grande potencial comercial, além de ter uma intensa produção de artigos em barro que são vendidos nas diferentes lojas na localidade, na feira de Caruaru, mais especificamente na área do artesanato, e no centro da cidade, sendo uma das principais marcas e expressões culturais do município. Ademais, o lugar, berçário do artesanato de barro e cerâmica de Caruaru, foi considerado pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura – como o maior centro de artes figurativas das Américas, fato que está presente no portal de entrada do Alto, que está distante aproximadamente 7 km do centro de Caruaru.

---

<sup>19</sup> RMR – Região Metropolitana do Recife (composta por 14 municípios, incluindo Recife, formam a maior mancha urbana do estado).

**FIGURA 05 – Entrada do Alto do Moura**



Portal de entrada do Alto do Moura onde do lado esquerdo tem a representação do Mestre Galdino e do lado direito a representação do Mestre Vitalino. Autor: Jonath Tavares 14/03/2024

Segundo Santos (2019), a obra de Vitalino ganhou destaque no mundo, estando presente em vários museus no Recife, Rio de Janeiro e até mesmo fora do país, como o Louvre em Paris. A autora ainda menciona que o artesanato tem uma contribuição significativa para a expressão identitária de Caruaru, que além de ser destaque na produção musical, consegue ter visibilidade na arte do barro.

Outro expoente das esculturas de cerâmica foi o Mestre Galdino, que teve uma trajetória um pouco diferente quando comparada com Vitalino, mas que ganhou notoriedade por sua autenticidade. ‘*Mané Pãozeiro*’ é sua escultura mais famosa e foi criada de forma bastante inusitada quando Galdino foi desafiado por um crítico de arte quando estava sendo entrevistado em um programa da TV Cultura em São Paulo, como menciona Vitorino (2013). Ainda de acordo com a autora, a escultura foi inspirada em um primo que era padeiro em São Caetano e que suas histórias se entrelaçam, como traz no trecho abaixo

Inspirado na figura do primo que era padeiro em São Caetano, Galdino cria *Mané Pãozeiro*: uma mão colocada na cabeça pelos conflitos e preocupações, já que a arrecadação com as vendas dos pães era pouca (na época o pão era muito barato), e a outra mão ele estendia para Jesus pedindo auxílio. Nota-se uma semelhança da história do seu primo com a sua: o artista também trabalhou em padaria e passou por necessidades financeiras (Vitorino, 2013, p. 74).

Não podemos negar a importância regional que Caruaru e sua feira possuem para o Nordeste e para Pernambuco, ao mesmo tempo, precisamos também ressaltar que ela vai muito mais além do que é mostrado, visto ou fotografado. Essa questão foi observada já nos passeios feitos antes de iniciar a pesquisa de campo e tornou-se latente no andamento dela, o que gerou

uma inquietação e o desejo de mostrar toda aquela parte que não era conhecida pelos ‘turistas’ e por aqueles que a frequentavam de forma esporádica. De certa forma, esses ambientes tornam-se *invisíveis* por não serem dotados de uma infraestrutura ideal para seduzir visitantes que chegam à cidade em busca de lugares acolhedores. Entretanto, esses espaços se configuram enquanto um lugar para os feirantes e moradores pois se expressam como um centro de significados construídos pela experiência, através de referências afetivas que são desenvolvidas ao longo das vidas desses indivíduos, a partir da convivência com o lugar (Relph, 2014).

Por outro lado, existem os espaços que são atrações para quem visita a cidade qualquer que seja o período do ano, são os de maior destaque e os que são mostrados como cartão postal da cidade. A feira de artesanato se apresenta como um desses lugares e, ao andar por ela, percebe-se uma organização e padronização singular que não é visto nos outros setores. Em setembro de 2020, a prefeitura municipal de Caruaru realizou uma obra que acomodou alguns comerciantes que estavam instalados por trás do artesanato e desenvolveram um espaço pensado para todos aqueles que viessem à feira, especialmente ao artesanato, pudessem fazer as refeições no polo gastronômico (Figuras 06 e 07).

#### FIGURA 06 – Feira de Artesanato e Polo Gastronômico



Figura 06a. Feira de Artesanato. Autor: Jonath Tavares, 24-01-2022.

Figura 06b. Disposição dos restaurantes no polo gastronômico. Autor: Jonath Tavares, 24-01-2022.

Figura 06c. Portal de entrada da feira de artesanato. Autor: Jonath Tavares, 21-03-2024

Figura 06d. Placa de inauguração do polo gastronômico. Autor: Jonath Tavares, 13-03-2023.

Como pode ser observado, essa porção da feira foi, de fato, reestruturada para recebimento de grande parte dos turistas, passando por uma grande reformulação estética que possibilitou a criação de espaços de convivência, de apresentações artísticas e mobilização de empresas patrocinadoras das obras. Além de uma reformulação paisagística, esse espaço também contribuiu para a criação de novas sociabilidades de moradores e turistas com ela,

sobretudo a partir do desenvolvimento de novos pontos de encontro e confraternização nos restaurantes e bares inaugurados nesse trecho renovado.

### FIGURA 07 – Restaurantes tradicionais em área requalificada

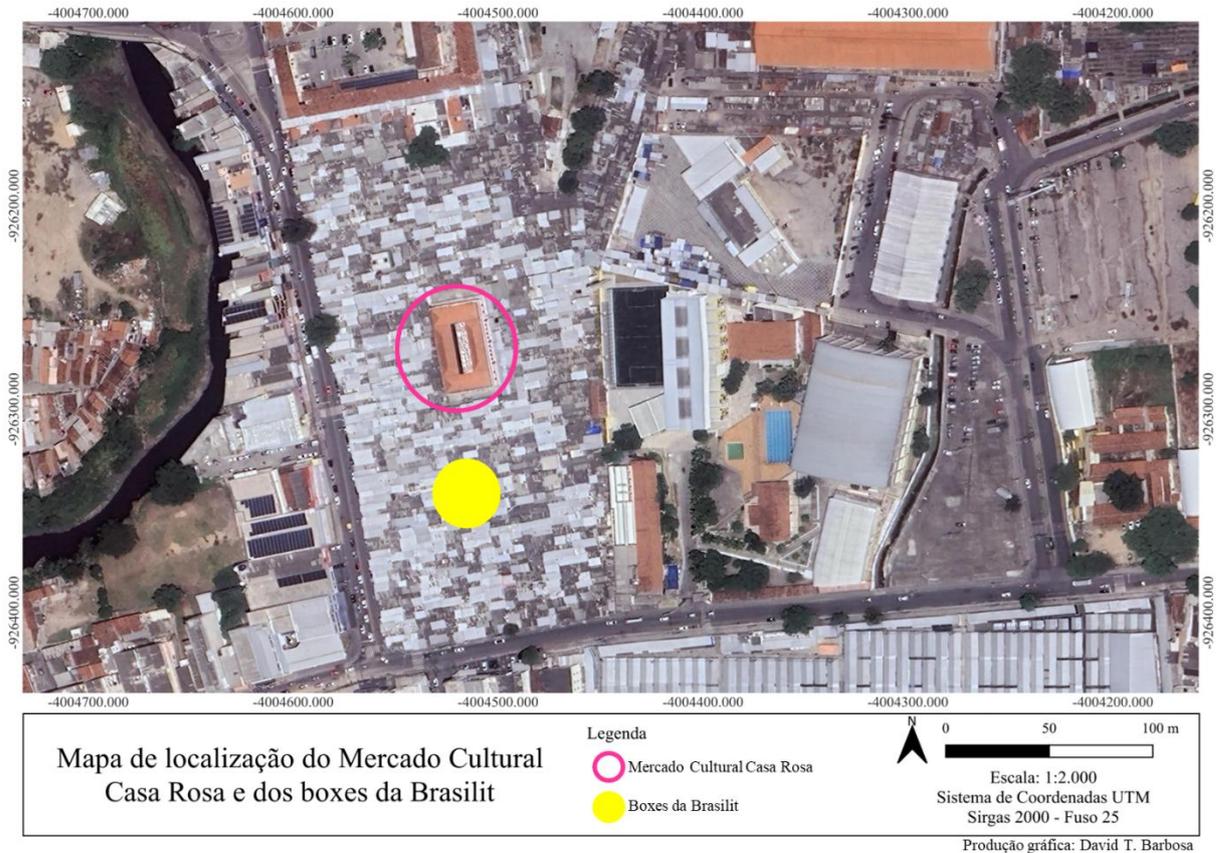


Disposição dos restaurantes no polo gastronômico, com destaque ao fundo para o empreendimento de Tia Guida, uma das personalidades mais conhecidas desse setor. Autor: Jonath Tavares, 24-01-2022.

Um outro local que não pode deixar de ser citado é o Mercado Cultural Casa Rosa (Figura 08), antigo matadouro público, que foi reformado e passou a ser utilizado como espaço gastronômico e polo de atrações turísticas. (Re)inaugurado em abril de 2022, esse espaço entra em dissonância com o que está ao seu redor, pois, está localizado bem no meio de bancos de feira que cresceram de forma espontânea e, de certa forma desorganizada, que funcionam especificamente em dias de sulanca (ver Mapa 05)<sup>20</sup>. Esse espaço ganhou notoriedade com a chegada do São João quando apresentava em sua programação artistas que animavam cantando músicas relacionadas com as festividades juninas somada à presença vários restaurantes com diversos tipos de comida onde a maioria delas, é diferente do cardápio tradicional nordestino.

<sup>20</sup> Abordaremos mais no próximo capítulo sobre as polêmicas geradas sobre a mudança da feira de lugar (fato antigo) e um fato recente de mudança do dia de feira para coincidir com os dias de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.

### MAPA 05. Mapa de localização do Mercado Cultural Casa Rosa e dos boxes da Brasilit



Elaborado por: David T. Barbosa, julho de 2024.

### FIGURA 08 – Mercado Cultural Casa Rosa



Mercado Cultural Casa Rosa, antigo matadouro da cidade que virou polo cultural e gastronômico atraindo muitos turistas que chegam até Caruaru e visitam a feira, sobretudo no São João. Fonte: Prefeitura de Caruaru. Autor: Jonath Tavares, 09-04-2022

O aspecto visual do lugar remete a um sertão *high tech*, embebido de uma carapaça midiática que difere bastante da realidade, que promove um fortalecimento da ideia de um sertão vinculado à questão religiosa e cultural, mas distante dos problemas sociais. A Casa Rosa, como é conhecida, funciona apenas de sexta até os domingos, além de feriados

transformando-se em mais uma área pensada e estruturada para quem está vindo de fora ser atraídos para tais locais.

Portanto, existem muitos espaços que podem ser explorados dentro da feira, mas, são frequentados por moradores, compradores e todos aqueles que conhecem a região e sabem onde encontrar determinados produtos e alguns serviços mais específicos. É importante frisar que muita coisa funciona em dias fixos e numa certa dinâmica que já tem toda sua estrutura. Destaca-se, por exemplo, a feira livre que acontece nos sábados (Figura 09) já nas primeiras horas do dia e atrai também, em menores proporções, pessoas de outras cidades vizinhas e até mesmo moradores dos bairros próximos a ela – Santa Rosa, Vassoural ou Rosanópolis são alguns que podemos citar – consumirem os itens trazidos por muitos produtores que comercializam seus legumes, raízes, frutas e verduras de suas próprias lavouras.

**FIGURA 09 – Feira Livre dos sábados**



Disposição dos bancos da feira livre (de alimentos) que ocorre no sábado. Autor: Jonath Tavares, 09-04-2022.

Apesar de todas essas questões, percebemos um ambiente bastante plural e frequentado por diversas pessoas vindas das mais variadas cidades da região Nordeste e de outras regiões brasileiras quer seja como turista, quer seja como revendedor em sua cidade natal.

### **2.3 A feira de Caruaru entre a patrimonialização e os olhares locais**

Ao chegar na feira, é perceptível no pórtico que fica nas proximidades da área do artesanato, os dizeres “*Bem-Vindos à Feira de Caruaru – Compositor Onildo Almeida – Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro*” e ao que aparenta, o título passa despercebido por grande parte da população que reside na cidade e que frequentam ela. Essa questão foi percebida

no decorrer da pesquisa, no diálogo com os entrevistados e com outras pessoas do convívio na cidade sendo possível refletir o quanto o poder público não explora essa situação em vários âmbitos, em especial na esfera educacional, visto que, a Estação Ferroviária, localizada no centro, também é um patrimônio cultural.

É importante citar como a discussão de patrimônio iniciou no Brasil e, a partir daí, poder compreender como um tema como esse tem sido pouco explorado e/ou mobilizado no cotidiano da cidade e dos seus moradores. Na cidade, quase a totalidade das pessoas que residem nela desconhece esse contexto patrimonial, com exceção daquelas que possuem uma relação direta ou um conhecimento prévio do assunto. Assim sendo, o (IPHAN) dispõe de projetos que fomentam o desenvolvimento da educação patrimonial nas escolas com o objetivo de popularizar e inteirar a sociedade no âmbito dessas discussões para que possam ser explorados, divulgados e compreendidos por todos.

A preocupação com o tema se deu no início do século XX – fruto do desejo de criação de uma identidade artística para o país – com o movimento modernista que culminou na origem de um projeto voltado para a preservação do patrimônio artístico nacional. Mário de Andrade foi o autor do anteprojeto que deu os primeiros passos para o fortalecimento dessa questão acarretando, segundo o IPHAN

O referido artista elaborou, em 1936, um anteprojeto para a criação do Instituto Preservacionista e as primeiras diretrizes para a proteção do patrimônio artístico nacional. Esse anteprojeto serviu de base à lei posteriormente promulgada, em 30 de novembro de 1937, como Decreto-Lei nº 25. Nesse período também foi criado o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), atualmente conhecido como IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). (Maltéz et al, 2010, p. 41)

No mais, as alterações foram sendo realizadas ao longo das décadas, mas carecem de discussões pautadas no contexto de implementação efetiva, ativa e produtiva na sociedade em busca da compreensão sobre o tema e de participação no processo, fortalecendo questões como identidade, consciência social e cidadania.

O IPHAN, em 2006, concedeu à feira de Caruaru o título de Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro levando-se em consideração tudo que ela representa, seus saberes, seus ofícios e por ser um local de sociabilidade vivenciada por todos os atores que nela se encontram. Historicamente, as feiras ganharam notoriedade por serem entrepostos comerciais importantes nas rotas daqueles que adentravam o continente durante os séculos XVIII e XIX em busca de produtos. Com Caruaru, não foi diferente esse processo e a feira foi elementar para fundação da cidade, como vimos no início do capítulo.

O processo que transformou ela em patrimônio teve início em 2004 através de iniciativa da prefeitura com a inscrição dela no Livro de Registro de Lugares – local utilizado para registrar lugares que independente de seus valores arquitetônicos ou urbanísticos, conseguem manter as atividades que possuem – e a partir daí, se deu a elaboração do dossiê sendo fruto da aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Todas essas ações aconteceram com o objetivo de levantar informações suficientes para torná-la patrimônio e por consequência elaborar o plano de salvaguarda que visa dentre outras coisas, resolver ou minimizar os problemas espaciais decorrentes do processo de crescimento exponencial que a feira teve após sua mudança para o Parque 18 de maio, há 32 anos.

O projeto denominado “Referenciamento da Feira de Caruaru com vistas ao Registro de Lugar” foi coordenado por Bartolomeu Figuerôa, professor da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. A primeira fase do inventário, o levantamento preliminar, iniciou-se em agosto de 2004 e foi concluída em dezembro daquele ano. Em janeiro de 2005, o Relatório Preliminar foi entregue à Diretoria de Cultura da Prefeitura de Caruaru, ocorrendo então a produção do vídeo que faz parte desta publicação. A segunda etapa da pesquisa, ou seja, o inventário propriamente dito, começou em maio de 2005. Além de Caruaru, foram visitados lugares importantes que estão associados à Feira, como Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. (Dossiê IPHAN, 2009; pág. 15-16).

A cada etapa concluída, uma nova surgia, e em 2006 após pesquisa de campo com vários registros fotográficos e audiovisuais o parecer referente à solicitação de registro da Feira de Caruaru como patrimônio imaterial foi encaminhado para que tomassem as devidas providências e tivesse passagem pelas diversas comissões para realizarem seus pareceres. Após todas as comissões avaliarem, em dezembro do mesmo ano, foi concedido o título de patrimônio à Feira tendo como base o dossiê e o parecer do Departamento de Patrimônio Imaterial.

Apesar de ter se tornado patrimônio, os atores envolvidos diretamente com ela, não tem noção da importância e abrangência desse título, pois, após mais de uma década do título os problemas espaciais permanecem e pode-se dizer que aumentaram devido à atração de novos vendedores que, oriundos da onda de desemprego que vem assolando o país nos últimos anos, encontram na economia subterrânea (mercado informal) uma alternativa para garantir a sobrevivência. O próprio IPHAN reconhece que o processo de patrimonialização carece de maior envolvimento das populações locais quando menciona que “*o alvo primordial dos inventários participativos*” *passou a ser a mobilização e sensibilização da comunidade para a importância de seu patrimônio cultural, por meio de uma atividade formativa que envolve produção de conhecimento e participação*” (IPHAN, 2016, p.06).

Portanto, podemos realizar alguns questionamentos como: a quem interessou esse título? As melhorias promovidas pelo poder público no parque 18 de maio estão condizentes

com o status de patrimônio cultural da feira? Por que não se tem uma divulgação mais assertiva sobre a importância da patrimonialização da feira para uma exploração econômica efetiva do título? É de interesse do poder público a organização do espaço e da feira respeitando as recomendações do IPHAN? São questões para reflexão e que geram uma inquietação especialmente pela relevância cultural e simbólica que ela possui dentro do Nordeste – atraindo pessoas de vários estados – e para o país, principalmente por influência da canção de Onildo Almeida imortalizada na voz de Luiz Gonzaga.

É notório que o poder público, em especial a prefeitura, acaba não explorando o potencial cultural existente em todo o processo de patrimônio, pois, o que se observa é um processo de deterioração dos espaços por onde a feira está inserida e uma precarização dos serviços essenciais básicos. Ao mesmo tempo, há também, a reforma do mercado de carne, houve a inauguração do mercado de flores (Figura 10), mas de uma forma pontual, sem muito impacto no que está na parte externa dessas localidades.

Essas alterações promovidas pelo poder público, buscam sobretudo, atender a demanda de uma parte de comerciantes que sempre esteve invisibilizado e era pouco frequentado – obviamente comparando-se com o contingente que a sulanca atrai. Como já mencionado, alguns setores apresentam-se como pontos de acesso/ passagem que geram medo naqueles que transitam por ela, visto que, em determinados horários tornam-se locais de consumo de drogas e práticas libidinosas, podendo acontecer delitos, como já ocorrido e relatado por algumas pessoas.

...Não, só se eu quiser passar pelo meio da Feira; mas geralmente eu não gosto, não, de ir pelo meio da Feira, não. Porque, assim, tem umas pontes que você encurtava o caminho. Mas eu acho essas pontes, aonde o senhor mesmo falou, eu acho perigosas. Descer aquela ponte ali, do Beco da Mijada, eu acho perigoso. Não é? Ela não é perigos...

Assim, ela é perigosa. Está entendendo, professor? Aí eu, particularmente, só vou se eu estiver com minha filha ou outra pessoa. Agora, sozinha eu tenho medo. E mesmo com outra pessoa eu passo assim, na, na... Porque nesse ponto, ela sai diretamente na Feira, que é a feira de alumínio. (Entrevistada 02, 48 anos, trabalhadora, 14-09-2022).

Portanto, outros relatos como esse foram ouvidos e trazem à tona um espaço que está à margem e não é valorizado pelo poder público, como a área da Brasilit, um ambiente onde não tem boxes abertos e gera medo nas pessoas que frequentam a feira e evitam passar por esses locais em certos momentos do dia.

**FIGURA 10 – Mercado de Flores**



Galpão reformado para abrigar o mercado de flores. Autor: Jonath Tavares, 14-05-2022.

Com tudo isso explanado, chegamos à hipótese de que ainda está longe de a população compreender a importância do título, da visibilidade e da possibilidade de utilização do mesmo como forma de alavancar recursos através de investimentos e a realização de eventos culturais de ordem artística e acadêmica para Caruaru. É urgente uma mudança de postura, visto que, o IPHAN realiza a cada 10 anos o processo de revalidação do título de patrimônio imaterial com o intuito de saber se ainda persistem a relevância cultural e se seus detentores têm a consciência disso. A feira de Caruaru é por si só um grande celeiro de propagação das atividades de forma geracional, onde muitos dos que estão ali, herdaram de seus pais e estão passando para seus filhos, perpetuando a tradição do lugar.

A renovação do título aconteceu em abril de 2021 na 96ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), autarquia vinculada à Secretaria Especial da Cultura, órgão do Ministério do Turismo, sendo aprovada a renovação e todos os trâmites burocráticos que se seguem. A partir daí, todos os saberes, ofícios e sua representatividade devem ser preservados.

O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, da história e da cultura de um grupo social, que pode, (ou, mais raramente não), ocupar um determinado território. Trata-se de cuidar da conservação de edifícios, monumentos, objetos e obras de arte (esculturas, quadros), e de cuidar também dos usos, costumes e manifestações culturais que fazem parte da vida das pessoas e que se transformam ao longo do tempo. **O objetivo principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar,** contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida. (IPHAN, 2012, p. 12, grifo nosso).

Portanto, a importância da renovação assim como da valorização do título é fundamental para uma utilização do mesmo com o intuito de conscientizar a população sobre a necessidade de preservar memórias, saberes e ofícios e poder também indicar quais são os objetos ou memórias que são referenciais para eles.

### **CAPÍTULO 3 – A FEIRA DE CARUARU: USOS E APROPRIAÇÕES DOS MORADORES E COMERCIANTES**

Nesse capítulo buscaremos analisar a fala e a percepção de alguns personagens importantes que residem, sobretudo no Vassoural e Santa Rosa, que trabalham, vivem e fazem a Feira pulsar no seu dia a dia. Essa questão será guiada a partir do objetivo da pesquisa, relacionada com o interesse de apreender os usos, as apropriações e as redes de sociabilidades construídas pelos moradores e pelos comerciantes dos referidos bairros. De acordo com as questões já destacadas nos capítulos anteriores, serão exemplificadas e retomadas a partir da vivência diária das pessoas, buscando explorar as suas percepções e relações com o lugar.

Conforme nossa interpretação, a perspectiva de lugar observada nas relações diárias dos moradores do bairro do Vassoural dialoga com as ideias apresentadas por Tuan (1983), onde as relações afetivas dos moradores, seja pela perspectiva da *topofilia* ou da *topofobia*, se expressam a partir dos usos cotidianos, mas diretamente relacionadas com a dimensão cultural e econômica da Feira de Caruaru. Em contrapartida, os comerciantes desenvolvem a relação com o lugar considerando que a influência dela transcende os limites do estado de Pernambuco, atraindo *sulanqueiros* de diversas partes do Brasil, sobretudo do Nordeste, o que aproxima suas perspectivas do lugar da perspectiva de Massey (2017).

Na segunda parte deste capítulo será destacado como a Feira interfere diretamente no Bairro do Vassoural, destacando as mudanças – morfológicas, simbólicas e funcionais – que são observadas na dinâmica do lugar em dia de sulanca. Com isso, torna-se importante destacar que as mudanças podem ser observadas em diferentes aspectos, como no caso da escola onde leciono, onde existem vários estudantes trabalhando nas diversas funções, o que faz com que eles fiquem ausentes das aulas nos dias de trabalho. Portanto, essa análise mais restrita pôde trazer como resposta que a Feira se torna um elemento de destaque para aqueles que estão ligados a ela, corroborando com a ideia de que a cidade gira em torno dela.

Da mesma forma, será apresentado nesse capítulo quais elementos são importantes para os atores que frequentam os espaços da feira e aqueles que trabalham nela, ou seja, saber quais seus lugares representativos e vividos. Com isso, a ideia corresponde à exposição do diálogo realizado com os comerciantes, feirantes, frequentadores e moradores no intuito de compreender o que de fato é relevante para estes atores, levando em consideração aquilo que é apresentado no Manual de Aplicação de Inventário Participativo do IPHAN, destacado no trecho a seguir:

Constitui-se, antes, numa ferramenta de Educação Patrimonial com objetivos principais de fomentar no leitor a discussão sobre patrimônio cultural, assim como estimular que a própria comunidade busque identificar e valorizar as suas referências culturais. Nessa perspectiva, considera a comunidade como protagonista para inventariar, descrever, classificar e definir o que lhe discerne e lhe afeta como patrimônio, numa construção dialógica do conhecimento acerca de seu patrimônio cultural. Alinha, ainda, o tema da preservação do patrimônio cultural ao entendimento de elementos como território, convívio e cidade como possibilidades de constante aprendizado e formação, associando valores como cidadania, participação social e melhoria de qualidade de vida (IPHAN, 2016, p. 5).

A partir desse pressuposto, nossa intenção neste capítulo será compreender a relação que os moradores estabelecem com a Feira de Caruaru, destacando a relevância que o título de patrimônio dado possui, mas buscando destacar como os moradores e os feirantes vivenciam cotidianamente, pois foi percebido no decorrer da pesquisa a existência de uma carência nesse quesito, fazendo-se necessário tal intervenção. Essa questão revela-se central pois, como destaca o IPHAN:

[...] cabe enfatizar que esta iniciativa não tem a pretensão de servir de instrumento de identificação e reconhecimento oficial de patrimônio, nem substituir as atuais ferramentas utilizadas nos processos de proteção dos órgãos de preservação do patrimônio de qualquer esfera de governo. Apresenta-se, de preferência, como um exercício de cidadania e participação social, onde os seus resultados possam contribuir para o aprimoramento do papel do Estado na preservação e valorização das referências culturais brasileiras, assim como servir de fonte de estudos e experiências no contínuo processo de aprendizado. (IPHAN, 2016, p. 7)

Portanto, tais pontos serão discutidos nesse referido capítulo com a intenção de refletir sobre a dinâmica da Feira, seu uso e apropriações por parte daqueles que a vivem diariamente e entendem mais do que qualquer outro ator social como ela está estruturada, assim como, qual sua influência no bairro e na vida das pessoas.

### **3.1. A Feira de Caruaru e seus agentes sociais**

Conforme ressaltado nos itens anteriores, feiras livres constituem lugares de sociabilidade que possuem práticas comerciais bastante antigas e que ajudaram na formação de diversas cidades. Concentram atividades que promovem o desenvolvimento social e econômico dos lugares. Com isso, podemos citar que as mudanças promovidas ao longo do tempo, como por exemplo, as novas configurações de circulação de dinheiro, afetaram as feiras e seu funcionamento mesmo buscado manter a conservação de algumas tradições, como menciona Araújo (2007).

Mesmo com todas as alterações, observa-se que elas ainda conseguem resguardar suas características iniciais no que diz respeito às negociações que são feitas na hora da compra entre

o vendedor e o consumidor, colocando a feira livre num papel de fortalecimento dessas relações sociais, ao mesmo tempo que preserva suas origens. Ainda nesse ponto, elas apresentam-se como uma modalidade de variadas formas de comercialização de produtos e caracterizam-se como manifestações socioculturais que estão em todo o país, cada uma com sua particularidade, porém, com estruturas parecidas.

Segundo Lacerda e Mendes (2019), as feiras se espalharam pelo território brasileiro e, por serem tão antigas quanto o processo de formação da sociedade, puderam acompanhar as transformações ocorridas na produção e distribuição dos produtos do campo para a cidade. Nesse sentido podemos citar que as cidades interioranas, sobretudo as nordestinas, como o caso de Caruaru, surgiram por causa dessas que se desenvolveram ao longo dos trechos de passagens dos tropeiros que adentravam o território. As autoras supracitadas destacam também que a multiplicidade de produtos nas feiras nordestinas é grande e que vão desde artigos de artesanato a utensílios para casa, além das comidas típicas da região, fato que enriquece ainda mais.

Com isso, a produção do espaço através da dinâmica das feiras se realiza através da ação da sociedade no âmbito cultural, econômico e das vivências cotidianas, sendo expressão da contribuição social que cada indivíduo promove ao longo deste processo de (re)construção do espaço. A feira de Caruaru é mais um desses espaços de sociabilidade que atraem muitas pessoas do Nordeste em função de sua importância econômica e cultural, colocando-a em um patamar de referência do expoente da cultura nordestina, por manter, sobretudo, a preservação das tradições regionais.

Neste sentido, considerando-a como um espaço de interações sociais e relações comerciais, Lacerda e Mendes (2019) ressaltam que estes espaços comerciais são marcados como lugares de encontro, caracterizadas como fenômeno econômico e social, configurando-se como um mosaico de espaços onde a multiplicidade se manifesta e se completa. Essas autoras ainda afirmam que as feiras são lugares onde tudo acontece ao mesmo tempo, numa aparente desordem, mas funcionando em harmonia.

Da mesma forma, podemos destacar que elas acabam reforçando as tradições e contribuem para fortalecer as relações sociais, sendo uma forte representação de lugar na produção do espaço e expressões de patrimônio cultural e imaterial da cidade, como afirmam Lacerda e Mendes (2019). Conforme complementa Santos (2006), cada lugar apresenta, à sua maneira, o mundo, considerando que, em suas dinâmicas, acabam se constituindo como um espaço de representação do mundo, característica que revela a centralidade da Feira de Caruaru para uma diversidade de atores sociais envolvidos.

Neste ponto, para uma compreensão mais abrangente e específica sobre essa questão, vamos analisar, a partir de então, as relações que moradores e comerciantes, assim como dos estudantes da Escola Luiz Pessoa, têm com a Feira de Caruaru e com as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que esta promove no bairro do Vassoural. Consideramos que essa compreensão se faz necessária como parte fundamental para o atendimento aos objetivos desse trabalho.

A feira de Caruaru possui uma grande quantidade de atores que se dividem em frequentadores, feirantes, moradores, comerciantes e tantos outros que compõem essa rede de sociabilidade cheia de diferentes agentes sociais. Na pesquisa, pudemos observar que existem moradores que trabalham ou tem uma relação direta com ela. Da mesma forma, existem aqueles que não se relacionam diretamente em questão de trabalho. Apesar disso, pudemos observar que a grande maioria dos moradores tem uma relação afetiva com esta. No entanto, é importante destacar que esta afetividade se expressa de forma complexa pois alguns moradores, especialmente as mulheres, relatam ter medo de alguns lugares e de práticas realizadas em alguns locais da Feira. Assim, existem os moradores que se relacionam diretamente com ela – enquanto trabalhadores das diferentes atividades comerciais – assim como aqueles que se relacionam de forma indireta, usando-a como um caminho ou uma passagem para o Centro de Caruaru, para compras ocasionais, dentre outros usos.

Sendo assim, as particularidades de cada grupo em questão poderão ser analisadas em conjunto, pois, possuem uma intersecção na relação de interesses em comum. Com isso, ao analisar o lugar no qual estão inseridos, vale salientar que a ocupação e o uso dele estará influenciado mediante as características locais e a diversidade dos atores envolvidos. Nesse sentido, considerando essa complexidade de atores, as relações com a Feira também podem ser observadas através de trabalhadores que não fazem parte do recorte oficial da “Feira de Caruaru”, mas que são ligados de alguma forma com a sua dinâmica comercial.

Por exemplo, outros atores envolvidos na dinâmica da mesma são aqueles que integram o comércio externo a ela, destacando-se o espaço no entorno do seu espaço formal, onde acaba sendo afetado nos dias de maiores movimentos e promovem um aquecimento do comércio local. Podemos exemplificar tal situação citando as farmácias, mercadinhos, açougues, padarias e alguns outros estabelecimentos que se beneficiam com o grande fluxo de pessoas nesses momentos.

No decorrer da pesquisa, foram realizadas entrevistas que serviram de respaldo para chegarmos a algumas questões que iremos discutir a seguir. Porém, antes disso, o perfil dos entrevistados foi escolhido com base no local de residência e por serem estudantes ou terem

passado pela escola onde trabalho. A faixa etária vai variar em função de estarem na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) e trabalharem direta ou indiretamente nela. Foi identificado também que as mulheres são maioria nos trabalhos da feira<sup>21</sup> nos diversos setores, pois, foi possível conversar com trabalhadoras do setor das flores, da sulanca, do polo gastronômico e do comércio no entorno dela, ou seja, várias visões sobre ela.

Ao longo da pesquisa, entrevistamos sete pessoas a partir de um modelo de entrevista semiestruturada. O perfil geral deles pode ser observado no quadro a seguir (Quadro 01), destacando-se que buscamos entrevistar pessoas de diferentes faixas etárias e de gênero – muito embora a maioria das entrevistadas tenham sido mulheres – que dialogamos a partir das redes estabelecidas na Escola Luiz Pessoa, no bairro do Vassoural.

**QUADRO 01: Perfil geral dos entrevistados**

<b>Entrevistado(a)</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Onde mora</b>	<b>O que faz/ trabalha</b>
E01 (Feminino, 70 anos)	Fundamental incompleto	Rendeiras	Comerciante
E02 (Feminino, 48 anos)	Ensino médio completo	Santa Rosa	Trabalhadora
E03 (Masculino, 19 anos)	Ensino médio completo	Vassoural	Trabalhador
E04 (Feminino, 19 anos)	Ensino médio completo	Vassoural	Trabalhadora
E05 (Feminino, 18 anos)	Ensino médio completo	Vassoural	Trabalhadora
E06 (Feminino, 95 anos)	Ensino médio completo	Bairro Agamenom	Aposentada / Dona de fabrico
E07 (Masculino, 96 anos)	Ensino médio completo	Maurício de Nassau	Aposentado / compositor

Organização: o autor, 2024

Conforme destacado no quadro acima, para atingir os objetivos, buscamos entrevistar pessoas que trabalham ou que se relacionam com a Feira de Caruaru e que residem no bairro do Vassoural (e no contíguo Santa Rosa), com a exceção dos entrevistados 06 e 07 que não residem neste bairro mas tem uma relação direta e simbólica com a Feira: a primeira, era costureira e, ao longo do tempo, criou uma confecção de roupas, especialmente de crianças e bebês, e se tornou uma importante empresária atuante na Feira, empregando mais de 40 pessoas no seu *fabrico*; o segundo, é o compositor da música “A Feira de Caruaru”.

<sup>21</sup> Para mais informações sobre essa questão analisar o referente trabalho: NASCIMENTO, Jackeline Ferreira do. A gestão praticada por mulheres na feira de artesanato de Caruaru/PE: uma análise interseccional. 2022. Dissertação (Mestrado em Gestão, Inovação e Consumo) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2022.

Da mesma forma, é importante destacar que também existem pessoas de outros bairros e municípios que trabalham nela. Por exemplo, muitos trabalhadores residem no bairro de Santa Rosa, vizinho ao bairro do Vassoural, e têm uma relação afetiva com nosso recorte de análise. Da mesma forma, também existem pessoas que moram em outros municípios, como Agrestina, e trabalham diretamente com ela. Por exemplo, uma aluna da Escola onde leciono e que reside em Agrestina trabalha em casa costurando roupa infantil por encomenda para vender em algumas lojas nas Feiras de Caruaru e Toritama. Esses casos reforçam a centralidade dela para a economia e as dinâmicas sociais locais, demonstrando que esta influência transcende os limites oficiais do bairro do Vassoural. Entretanto, por questões metodológicas e pelas escolhas do objetivo da pesquisa, priorizamos entrevistar pessoas que trabalham nela e moram no bairro do Vassoural.

Sabendo da abrangência da feira e dos seus setores, é importante frisar que os entrevistados figuram como uma parcela de trabalhadores que não se esgotam neles, havendo outros tantos trabalhadores e nosso objetivo é trazer a visão de algumas dessas pessoas que vivem diariamente na área, quer seja como comerciante ou consumidor. Ainda nesse debate, é possível identificar que os bairros do Vassoural, pela proximidade, e o bairro do Santa Rosa, são diretamente afetados pela dinâmica da feira, pois, nos dias de *Sulanca*, a organização dos bairros muda e acaba se adequando ao momento. Além desse cenário, ainda é importante citar que existem pessoas de outras cidades que comercializam nela e produzem suas mercadorias em seus fabricos que funcionam em suas próprias residências.

Nesse sentido, com o intuito de compreender um pouco sobre a dinâmica de alguns trabalhadores envolvidos nesse lugar, citando inicialmente os vendedores, que comercializam uma série de produtos, tais como: água, flanela, meias, capas de celulares, chips, lanches, trufas, chaveiros etc. São alguns exemplos da diversidade e pluralidade da feira. Um ponto de destaque é que alguns vendedores trabalham apenas nos dias de *sulanca*, devido ao maior movimento, necessitando de mais pessoas para despachar os clientes. Conforme destacou uma das pessoas entrevistadas, apesar do trabalho intenso, a atividade é satisfatória e gera identificação desses trabalhadores com o lugar. De acordo com suas palavras:

Mas, assim, pra dizer assim... Pra trabalhar fixo pra alguém, eu não quero mais. Então, pra mim ali foi, assim, eu gosto muito! Tanto que, quando eu não vou, eu sinto falta. E é uma coisa assim, uma vez na semana, você trabalha demais; mas também, assim, não é bem remunerado. Mas é bom. Pra mim, eu gosto de ir pra feira! É uma coisa assim que, você, quando está com problema, você chega na feira... [esquece os problemas]. Os cliente, tem hora que você se estressa, tem hora que você já está de boa. (Entrevistada 02, 48 anos, trabalhadora, 14-09-2022).

Um aspecto central da fala desta entrevistada corresponde a forma como alguns desses trabalhadores valorizam o seu trabalho autônomo, o negócio que construíram – ou que as suas famílias construíram – no contexto da feira. Além de expressar o orgulho dessas pessoas na forma como construíram sua atividade profissional, também revela uma capacidade dos feirantes de se adaptarem aos contextos e mudanças da economia, aprendendo a (re)construir suas atividades profissionais a depender das demandas observadas nela. Sem olvidar que se sentem bem e tecem laços de afeto naquele espaço.

Por exemplo, de forma complementar às questões apontadas na fala destacada acima, a entrevistada 05, ao explicar a dinâmica dos seus negócios, explicou que na época da pandemia de COVID-19 adaptou o seu pequeno negócio familiar para “trabalhar com máscaras”, com uma adaptação de seu negócio para produzir as máscaras sanitárias. Nesse contexto, ela ainda afirmou que chegou a empregar quinze pessoas nesta produção, sendo reduzidas para apenas três pessoas atualmente. Assim, a autonomia do trabalho e o protagonismo nos seus negócios acaba sendo uma questão valorizada na fala das pessoas e no olhar afetivo em relação com a feira.

Ainda sobre o relato desse entrevistado, podemos observar como os pontos comerciais dela são a expressão de experiências vividas que são compartilhadas por comerciantes, feirantes, moradores e visitantes. Além de espaço de trabalho e de importância econômica, a feira também se configura como um lugar, como um espaço de sociabilidade capaz de congrega um expressivo número de pessoas. Como destaca Halley (2010, p. 218), ao considerar a feira do bairro de Água Fria (Recife), tais espaços comerciais:

[...] representam em si lugares de descanso e comunhão, onde os indivíduos se sentem entre os “seus”, refazendo-se da jornada diária do trabalho, através dos jogos de dominó, das conversas amistosas, das pequenas discussões travadas sob o balcão de madeira, etc. Os temas debatidos entre o freguês e o comerciante, encontram se marcados por certa personalidade, sempre possível nessa forma tradicional de relação, onde os contatos não se estabelecem apenas entre situações mediadas pelo dinheiro.

Assim, levando em consideração essas questões, pode-se observar que para moradores e trabalhadores os locais são espaços de trabalho, para a realização de negócios e transações comerciais, mas também são diretamente vinculados às suas vivências cotidianas e particulares. Algumas dessas pessoas se relacionam com esses lugares cotidianamente e outros apenas em alguns dias da semana. Alguns trabalham de forma direta ou relacionada com ela, enquanto outros se relacionam com seus lugares apenas como um espaço de passagem ou para realização de compras cotidianas. É a partir desse conjunto de usos e apropriações distintas e

complementares que as relações com o lugar se estabelecem, o que nos indica que as expressões identitárias e relações com o lugar são multifacetadas e complexas.

Em virtude disso, outras atividades surgem e são parte dessa teia de trabalhadores que emergem nos dias da sulanca, como por exemplo, os fretistas – trabalhadores que transportam as mercadorias dos sulanqueiros para seus carros, vans ou ônibus, geralmente com uso de carrinhos de mão. No centro dessa grande feira, tais trabalhadores passam despercebidos da maioria dos presentes nela, porém, eles são essenciais para aqueles que compram para revender nas suas cidades. Segundo as observações em campo, as pessoas que trabalham como nessa função são homens, geralmente 30 e 40 anos, com pouca escolaridade e que podem ser avistados sobretudo nos dias de maior movimento, atualmente entre as quintas e sextas-feiras.<sup>22</sup>

Por exemplo, recentemente houve blitz de Auditores do Trabalho em Pernambuco e foram encontradas crianças fretistas na feira de Caruaru: “Nas feiras livres, foram encontradas crianças com apenas 10 anos de idade manuseando livremente facas e facões para cortar carnes, com grave risco de corte e mutilação. Os auditores do Trabalho também flagraram crianças franzinas a partir de 10 anos de idade disputando com adultos para carregar as compras de clientes em pesados carrinhos de mão” in: Central dos Sindicatos Brasileiros 09/08/2024<sup>23</sup>.

Além dos carregadores de frete, podemos citar os flanelinhas que se instauram nas ruas ao redor aproveitando o grande fluxo de carros para tomar conta deles nas vias ou até mesmo em estacionamentos improvisados em terrenos baldios. Tal atividade também gera receita para aqueles que, de alguma forma, procuram aproveitar os dias de movimento. Em geral, eles se caracterizam por serem homens novos, entre 20 e 30 anos, com pouca escolaridade e que, assim como os fretistas, são mais presentes nos dias de maior movimento (Figura 11).

---

<sup>22</sup>É importante frisar que antes havia muitas crianças e adolescentes (sobretudo na feira de verduras), mas que diminuiu devido às políticas de combate ao trabalho infantil. Ver: Etnografia com crianças e adolescentes que fazem frete com carro de mão na feira-livre de Rio Tinto <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17087>

<sup>23</sup> <https://csb.org.br/noticias/trabalho-infantil-em-pernambuco>

**FIGURA 11 – Fretista no meio da Feira**



Fretista circulando no meio da feira em dia de sulanca transportando mercadorias diversas.  
Autor: Jonath Tavares, 24-01-2022.

Sobre os feirantes, é possível perceber uma peculiaridade nesse grupo. No trabalho de campo foi possível constatar que esses trabalhadores se caracterizam, de forma destacada, a partir de dois tipos: aqueles que trabalham na atividade que foi passada de pai para filho e outros que estão desempregados e veem na atividade uma alternativa acessível para geração de renda, corroborando com a questão apontada por Sá (2018). Conforme destaca esse autor, esses feirantes não são necessariamente qualificados e apresentam formação escolar não necessariamente completa, pois, ter escolaridade não é condição para “*se dar bem*” na feira (Sá, 2018). Ancorado nessas ideias, a fala de um dos entrevistados demonstra tal questão:

No sentido que, no começo, quando eu comecei a trabalhar, o primeiro lugar que eu trabalhei foi a feira. Primeiro lugar que eu trabalhei... Pronto, eu trabalhei em duas formas na feira. Uma foi vendendo água. Vendendo água na feira.

Na época da escola! Eu estudava, inclusive, no Luiz Pessoa. Eu estava saindo do oitavo ano do Luiz Pessoa. Aí, ou seja, pra mim, principalmente na questão, assim, de desenvolvimento pessoal mesmo.

Facilitou, exatamente! Facilitou bastante. Porque, sinceramente, eu, por incrível que pareça, eu antes, logo quando fazia o quê, o quarto, quinto ano, eu era muito tímido. Eu era aquele menino que, se você me colocasse à frente de mais de três pessoas, eu já não conseguia falar. Está entendendo? Isso aí, inclusive, foi uma coisa que a escola me ajudou. Que foi logo quando eu entrei pro grupo de teatro, está entendendo? Aí foi quando eu fui desenvolvendo. Isso aí, pronto, me ajudou na comunicação. Uma das coisas que a feira afetou diretamente foi eu lidar com muita gente, está entendendo? (Entrevistado 03, 19 anos, trabalhador, 23-09-2022).

Esse relato mostra que a feira foi responsável pela sua primeira atividade remunerada e um elemento impulsionador que contribuiu para a atividade que exerce na atualidade, que é a de vendedor de uma farmácia que fica na subida do Vassoural. Nesse âmbito, de uma forma ou de outra, a feira tem uma importância central para os moradores e feirantes que possuem uma história particular com ela, confirmando assim, a amplitude da feira com aqueles que a frequentam/trabalham nela.

Da mesma forma, é importante destacar que as relações importantes que se estabelecem não são apenas entre moradores/feirantes e a Feira, mas também destes com as outras pessoas, sejam elas feirantes ou clientes. Como destacado por uma entrevistada que tem um restaurante no local desde 1987, atualmente ela ainda recebe visita de alguns dos seus primeiros fregueses, para as pessoas “que eu vendi o meu primeiro prato de comer [...] os que estão na feira, ainda hoje vem pra cá pra comer” (Entrevistada 01, 70 anos, comerciante, entrevista realizada em 03/09/2022). Assim, as relações interpessoais entre trabalhadores e destes com os visitantes também assumem uma importante expressão na dinâmica do lugar.

Em segunda análise e não menos importante, alguns feirantes, sobretudo os que comercializam frutas, verduras e raízes, frequentam outras feiras que acontecem nos diferentes bairros, como por exemplo, a do bairro São Francisco (quinta-feira) e Vassoural (domingo). Essa dinâmica é um exemplo de como esses trabalhadores vendem seus produtos diariamente circulando pelos bairros mantendo uma atividade que acabam trazendo lucro e uma certa segurança. Esses diferentes locais de comércio são importantes para o fortalecimento da imagem comercial da cidade como um entreposto comercial de destaque para o estado e para a região Nordeste. Ao mesmo tempo, não podemos dissociar a ideia de que ela (a feira) está inserida num espaço com uma grande desigualdade social, daí ser vista como uma oportunidade de obtenção de renda. Como menciona Sá (2018, p. 37):

Ou seja, é preciso olhar para a feira e para seus feirantes como também sendo membros da ordem mundial contemporânea e não apenas como representações folclóricas de um regionalismo nordestino – que, obviamente, tem seu papel em termos de representação identitária e histórica de um povo, mas que não nos faz substantivamente diferentes em termos dos dramas de povos de outros países situados na geopolítica mundial em condição periférica similar à nossa.

Outro ponto que merece destaque é que ela apresenta maior movimento nos dias de *Sulanca* (na madrugada da quinta para a sexta)<sup>24</sup> e nos dias de feira livre, momento no qual,

---

<sup>24</sup> Depois de muitos anos acontecendo na madrugada do domingo para a segunda, em abril de 2023, a prefeitura mudou o dia de feira após ouvir mais de 2 mil pessoas em uma pesquisa de intenção. Ver mais em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2023/04/05/prefeitura-de-caruaru-confirma-mudanca-do-dia-da-feira-da-sulanca-para-a-sexta-feira.ghml> acesso em 24/05/2024.

comerciantes de várias partes de Caruaru e de cidades vizinhas vendem seus produtos. A cultura de realizar compras de frutas e verduras nos finais de semana é muito forte na região e tem início nas primeiras horas do dia. Sá (2018) menciona que a Feira de Caruaru possui uma dupla função comercial, sendo a primeira de escoar a produção local, destacando-se, em especial, de confecções<sup>25</sup>. A segunda é revender produtos diversos dentre objetos importados à produtos agrícolas, passando por itens da China e outros inúmeros produtos. Desta forma, as atividades comerciais, os costumes e as práticas sociais acontecem em todos os setores dela solidificando a tradição dela de ‘*ter de tudo*’.

Ainda na perspectiva dos diversos setores da feira é importante frisar da existência de alguns locais que, de certa forma, apresentam-se como espaços de medo e perigo de se transitar, pois, são suscetíveis a assaltos ou outros crimes como podemos analisar nas respostas de alguns de nossos entrevistados (esses espaços de medo podem ser observados no Mapa 06). No decorrer da pesquisa e das entrevistas foi identificado que, sobretudo os moradores, dentre tantas utilidades, usam a feira como uma rota de passagem – diminuindo a distância – saindo dos bairros do Vassoural e Santa Rosa em direção ao centro circulando por dentro de seus setores. Portanto, é possível analisar que andar por dentro dela torna-se perigoso, onde acontecem assaltos, roubos e até violência sexual, a depender do horário que se transita, principalmente se for mulher, pois, após as 14h o trecho se torna perigoso, como podemos visualizar no comentário abaixo.

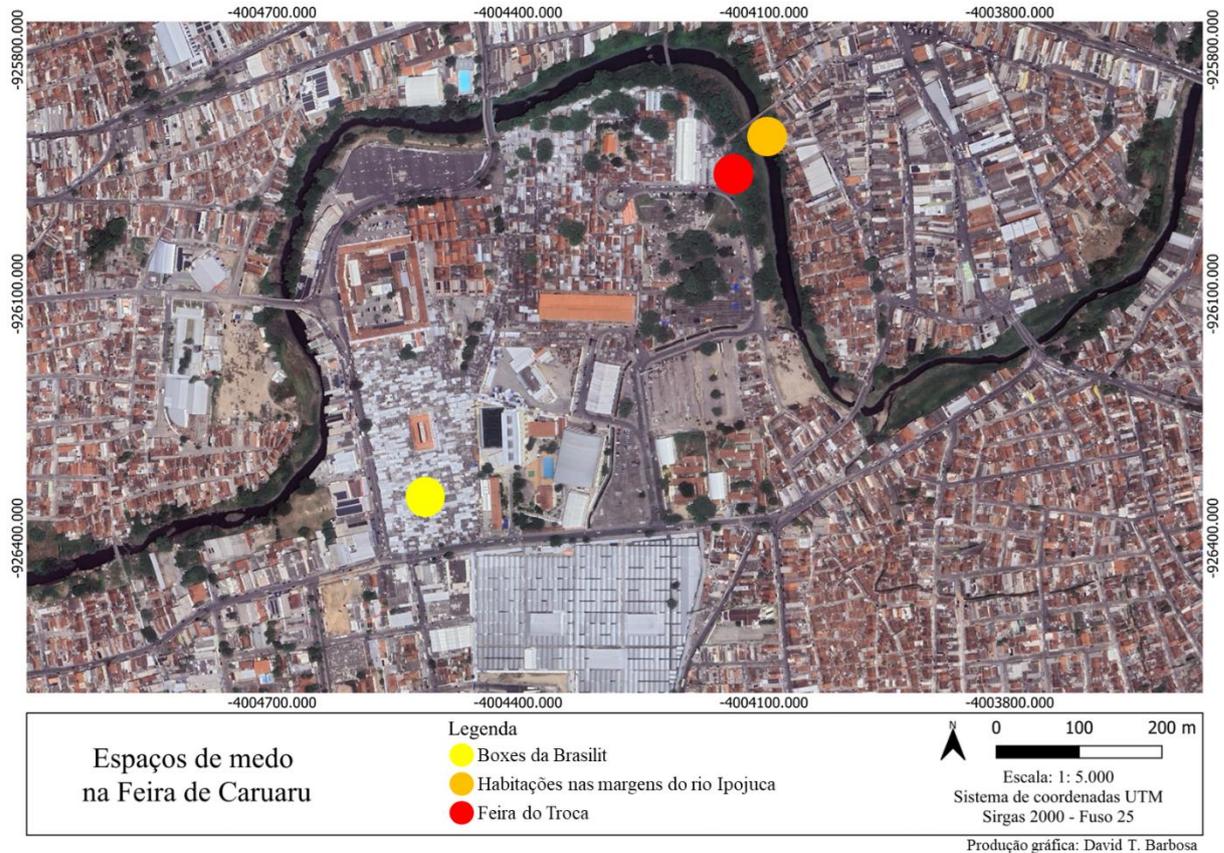
Pronto, então, realmente, nesse trajeto, se você sair daqui da sua casa, for pra feira à noite, não é recomendado. É um tanto quanto perigoso.  
É perigoso! Só não fica perigoso quando a gente chega ali, mais ou menos... O senhor sabe onde é a funerária perto do Mario Sete e Vassoural, não?  
Mesmo à noite! Não vou dizer, assim...  
É mais movimento de carro, de carroceiro; mas pra cá é perigoso, muito perigoso! É perigoso! (Entrevistada 02, 48 anos, trabalhadora, 14-09-2022).

Neste ponto, torna-se importante destacar que, a partir de Tuan (1983), nossos espaços cotidianos e lugares com que nos relacionamos podem despertar sentimentos de apreço – a chamada *topofilia* – ou relações de desprezo – nomeada como *topofilia* – que são expressões individuais das relações dos indivíduos com os lugares. Assim, se a Feira de Caruaru pode ser compreendida por alguns como um lugar afetivo, com relações positivas, para outros, pode se transformar em um lugar de experiências desagradáveis, que induzem medo e ansiedade.

---

<sup>25</sup> Fabricos e facções são os locais que produzem as roupas que são comercializadas na feira da sulanca e funcionam, muitas vezes, em casas ou garagens e captam pessoas de várias idades e de gênero.

**MAPA 06. Mapa dos espaços de medo na Feira de Caruaru**



Elaboração: David T. Barbosa, julho de 2024.

Essa pergunta não estava no roteiro das entrevistas, porém, fez-se necessário entrar no roteiro em virtude dessa movimentação por parte dos moradores, principalmente. Caminhando por esse trecho mencionado pelos entrevistados é perceptível que é uma área onde houve o crescimento desordenado dos bancos destoando de duas áreas próximas que foram pensadas para os turistas: o Polo Gastronômico e o Mercado Cultural Casa Rosa, já discutido anteriormente. Numa outra perspectiva, agora de um homem, é possível identificar algumas semelhanças no que diz respeito à localidade:

Geralmente... Geralmente quando eu vou pro centro, eu passo pelo lado da Feira, principalmente ali quando vai pela Feira de Artesanato, pra poder chegar no Centro. Tá entendendo? Porque é justamente onde você... Até pra comparar preços é bom. Porque às vezes você já vai buscar uma coisa no Centro que aqui, já próximo de casa, já tem. E tem até, muitas vezes, mais barato. Tá entendendo? Ai é bom sempre passar por dentro porque você... Geralmente, quando eu pego, eu pego ali, não tem ali a feira de... Importado, alumínio... Isso, ali, pronto! Eu pego ali e geralmente cortando como se fosse indo pro... Sabe onde é que é o troca, né? Pronto, eu pego como se fosse cortando por ali, tá entendendo? Porque ali pego bem por dentro. Exatamente. Ai corto bem por dentro. (Entrevistado 03, 19 anos, trabalhador, 23-09-2022).

Pensando num melhor entendimento dessa questão, as respostas apresentadas pelos entrevistados indicam esses lugares como *espaços de medo* pois são ambientes onde podem ser

observadas a comercialização de produtos roubados, a existência de pontos de prostituição e a compra e venda de animais silvestres – sobretudo pássaros – numa localidade conhecida por feira *do troca*. Ao mesmo tempo, vale salientar que há uma visão distinta dessa região por parte de outras pessoas, pois, também é chamada de feira *'do rolo'*, porque nela podem ser encontrados utensílios para casa em geral em condições de uso e com valores abaixo do mercado. Usualmente, esses produtos são oriundos de pessoas que vão se mudar e não querem levar alguns de seus produtos ou utensílios domésticos que não usam mais, como: ventiladores, jogos de panelas, ferramentas, liquidificadores entre outros. Tais produtos mencionados são muito bem aceitos na feira *'do troca'*, sendo produtos que *'vendem rápido'*, assim como roupas e sapatos.

Em conversas durante os trabalhos de campo com alguns trabalhadores que tem seus pontos nas calçadas, sobretudo na chamada *feira do troca*, (Figura 12) pode-se observar que é um espaço bastante disputado e com destacado processo de territorialização, sendo mencionado que cada um sabe o espaço do outro e ninguém o invade, pois, é uma delimitação de área que foi conquistada com o tempo e que todos respeitam. Outra questão é que a feira *'do rolo'* funciona todos os dias, independente das dinâmicas das demais feiras, o que reforça as suas atividades econômicas dinâmicas. Porém, os dias de maiores movimentos são a sexta, o sábado e a segunda (antigo dia de feira que ficou no inconsciente das pessoas e eles permaneceram frequentando).

Neste sentido, essa localidade é muito conhecida pelos moradores da cidade, pois, é onde se encontram produtos de diversas origens. Para uns, é um ambiente hostil e perigoso, para outros, um local onde pode encontrar produtos em perfeito estado de conservação num valor mais acessível. As observações de campo apontaram a presença quase que total de homens neste setor. Desta forma, não é muito explorada e citada pelos turistas que chegam à cidade. Da mesma forma, não se pode negar que é um espaço já amplamente desenvolvido e integrado à realidade da Feira, sendo importante destacar um trecho de uma entrevista realizada por Sá (2018) com um feirante local, com comentários sobre a feira *do troca*:

No sentido contrário, o feirante e sindicalista José Carlos da Silva criticou em entrevista a visão “cultural” que muitos estudiosos destacam na feira, e citou a feira do troca como exemplo. Para ele, o que hoje existe na realidade é a “cultura” da comercialização de produtos roubados, da prostituição de jovens à luz do dia, uma favela constituída às margens do Rio Ipojuca (Sá, 2018. p. 42).

**FIGURA 12 – Feira do Troca**



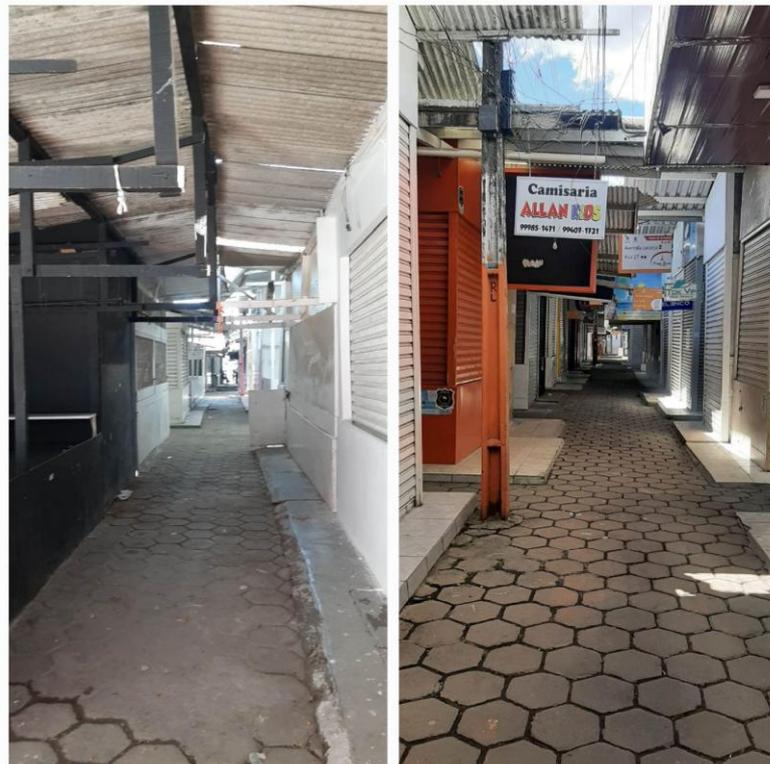
A feira do troca funciona todos os dias nas margens do Rio Ipojuca Autor: Jonath Tavares, 09-04-2022.

Ao comentar sobre ela, a entrevistada 05 destacou que “a feira do troca eu não passo, não [...] A feira do troca eu só passo quando tem que passar”. Conforme destaca essa entrevistada, ela só circula por esse espaço se estiver acompanhada, pois “na feira do troca eu já passei, tive alguns momentos desagradáveis; não passo mais, não” (Entrevistada 05, 18 anos, trabalhadora, entrevista realizada em 23/09/2022). Destacam-se aqui as “geometrias de poder” aludidas por Massey (2017) e que organizam o lugar e seus personagens: neste segmento da Feira os turistas, moradores e “desavisados” podem ser surpreendidos por situações e práticas nada agradáveis. A relação entre os adeptos dos “rolos” e a fiscalização (ou até mesmo a polícia) permanece num limbo entre legalidade e ilegalidade, completando a instabilidade existencial desse subespaço.

Outro local de medo citado nas conversas foi a parte conhecida como ‘Brasilit’, porção que é apenas utilizada em dias de grandes movimentos ou até mesmo como depósitos de alguns feirantes que adquirem esses boxes para tal finalidade (Figura 13). Com isso, essa região da feira, durante os dias de menor movimento, são áreas que apresentam uma certa repulsa à sua utilização como espaço de passagem em função de ser uma localidade que a própria população pouco utiliza e que vira palco de crimes e práticas libidinosas. Conforme destacado na fala a seguir:

Depende do horário. Pronto, ali perto das [telhas de Brasilit] quando fica mais à noite eu não gosto de passar por lá. Porque uma pessoa da minha família já foi esfaqueada ali. Foi, tentativa de estupro. Eu vou contornando, porque eu acho mais fácil ir pelo Guararapes. Não tem? Ai é mais fácil. (Entrevistada 05, 18 anos, Trabalhadora 23-09-2022)

**FIGURA 13 – Boxes da Brasilit**



Corredores desertos na área da Brasilit onde muitos bancos funcionam como depósitos de alguns feirantes e outros abrem apenas em dia de feira. Autor: Jonath Tavares. 03-09-2022

Além desse medo cotidiano de transitar pela área da *Brasilit*, algumas pessoas também relataram o medo de passar nesse espaço em outras épocas do ano, sobretudo aquelas de maior movimento, pelo medo de “*arrastões*”. Como recomendou uma entrevistada que trabalha nessa parte da Feira, ao ter presenciado assaltos e *arrastões* em outros anos, “nunca venha pra Feira, pegada de dezembro pra cá, não! Não venha! E principalmente lá, na parte da Brasilit, porque, realmente, o *arrastão*... Ai eu digo logo à minha patroa: “Dezembro, nas férias que eu sei que é

movimentada, não saio de dentro do banco!”” (Entrevistada 02, 48 anos, trabalhadora, entrevista realizada em 14/09/2022).

Sobre essa questão do medo, é importante destacar como a percepção do espaço e as relações com o lugar se diferenciam a partir da perspectiva particular de cada um. Por exemplo, as mulheres, conforme destacado nas falas destacadas acima, apresentam medo e desconfiança para passar em alguns desses espaços. Entretanto, um outro entrevistado, do sexo masculino, revelou não se sentir incomodado em passar por esses mesmos espaços, conforme pode ser observado no trecho destacado a seguir.

Eu não acho que, tipo assim... Eu acho que, assim... Você pode até argumentar: "Ah, mas depois desse horário, depois de duas horas da tarde já não tem muita gente...", está entendendo? O pessoal já está fechando os bancos, não sei o quê. Porque geralmente é entre duas e cinco da tarde que o pessoal já está fechando e tal. Mas tipo, eu acho que é perigoso em todo canto, não é um local específico. Ali é mais escondido, mas ali eu acho que tem muita gente. Muita gente transitando, principalmente no horário de duas horas da tarde, o pessoal voltando pro trabalho, saindo de seu horário de almoço. Então eu acho bem tranquilo (Entrevistado 03, 19 anos, trabalhador, entrevista em 23/09/2022).

Assim, precisamos considerar que essas experiências e relações com o lugar podem variar de acordo com as particularidades de cada pessoa, não sendo sempre agradáveis ou de afeto, como enfatizavam os pioneiros da geografia humanista Tuan e Relph. Entretanto, faz-se necessário destacar que esse setor, na sua maioria, tem uma pequena circulação de compradores e turistas e fica a maior parte do tempo deserta, foi crescendo ao longo do tempo, sem sequer fiscalização por parte dos órgãos competentes e um local que acabou virando depósitos de alguns feirantes que tem seus bancos e usam essa área para armazenar suas mercadorias. É importante citar que nessa área já ocorreram dois incêndios que acabaram destruindo vários boxes trazendo prejuízos para os feirantes.

Portanto, em toda essa pluralidade que ela representa existe, a meu ver, um elemento que é comum a todos os entrevistados, a relação afetiva – considerando que essa afeição pode ser positiva ou negativa – com a feira em virtude do que ela proporcionou/ proporciona como benefícios para quem faz parte dela. Retomando as ideias do capítulo 1, a concepção de Yi-Fu Tuan contempla tais questões e afirma que o lugar é carregado de simbologias e significados ligados à existência dos indivíduos a partir de uma relação afetiva muito forte, onde ele chama de *‘Topofilia’* esses laços estabelecidos entre os seres humanos e meio ambiente (Tuan, 1983). Silva (2013) aborda que esses laços são parte de uma busca pela identidade e sentimento de pertença de um lugar que procura entrelaçar as falas e os conceitos que dão forma aos espaços. O autor ainda cita que os significados, os sentidos e os valores atribuídos a um espaço são reelaborados a cada momento. Neste sentido, considerando a diversidade de atores sociais que

se relacionam com a Feira, pudemos observar diferentes tipos de vivências com esta, destacando-se três: relações afetivas, de trabalho/negócio e de lazer.

Ao passo que essa relação com o espaço foi criada ao longo do tempo, é importante trazer a perspectiva de relação entre as pessoas, fato que reforça a rede de sociabilidade dos comerciantes com os consumidores. Silva (2013, p. 199) defende que:

A sociabilidade é um tipo de sociação que não contém qualquer finalidade externa a ele e que é valorizado em si mesmo, isto é, os indivíduos se associam, pois valorizam o fato de estarem juntos, embora esse “estar junto” se dê de várias formas. Dessarte, a sociabilidade é valorizada em si mesma, é a forma lúdica de sociação, porque é propriamente a forma pela qual as pessoas apreciam a mútua companhia entre elas, a forma do relacionamento sociável, do entretenimento.

Para além disso é importante trazer o relato de uma das entrevistadas que mantém um vínculo de confiança com alguns feirantes e sempre compram nos mesmos, consumindo assim, produtos que sabem da procedência e dos valores mais acessíveis quando comparados com os grandes empreendimentos que se instalaram bem pertinho da feira da *Sulanca*<sup>26</sup>. Essa relação de confiança contribui para a formação de uma rede de sociabilidade que se apresenta como central para a compreensão das relações de lugar que se estabelecem entre as pessoas que trabalham e convivem cotidianamente na Feira. Conforme destacado na fala a seguir:

É, pronto. Logo antes, quando eu fazia no mercado. Eu comprava no mercado carne também. Mas agora eu conheci um pessoal, que na sexta eles já mandam: "Vai ter algum pedido hoje?". Aí ele já manda. E quando eu chego, eu só faço pegar. Pronto! Esse rapaz, ele já deixa pra mim. Ele já passou uma geração. Era o pai dele, agora o pai dele faleceu e ele continuou com a tarimba, que se chama tarimba, de carne. Aí ele já deixa pra mim a carne pronta. Eu só faço pegar e pagar. (Entrevistada 02, 48 anos, trabalhadora, 14-09-2022).

Por fim, foi possível perceber que a dinâmica dos moradores, feirantes e comerciantes acabam se entrelaçando em virtude da situação deles, pois, muitos são feirantes e moradores ou são comerciantes e consumidores. Ou seja, são parte integrante dessa teia de atores que compõem a feira, onde o objetivo é trazer apenas alguns desses para compreender as relações interpessoais que se desenrolam.

Destacadas essas questões, no tópico a seguir será abordado a forma como ocorre a interferência no bairro, como e quais são os espaços oficiais e não oficiais da feira (aqueles que surgem de acordo com a demanda em dias de feira); as relações afetivas e os espaços

<sup>26</sup> O Assaí atacadista, inaugurado em 2020, foi construído num trecho onde eram montados bancos temporários que comercializavam em dias de feira da *sulanca*. Hoje, seu estacionamento é usado em dia de feira, sobretudo por pessoas que vem comprar e não confiam em deixar seus veículos em qualquer lugar. Um outro ponto a destacar é que existe uma passagem para o setor da FUNDAC a partir desse estacionamento. Outra grande rede de supermercados que fica do outro lado da rua é o atacadão que já tem mais de 10 anos de inaugurado e é também muito utilizado como estacionamento por parte dos consumidores da feira.

topofóbicos (espaços de medo); os significados que a população do Vassoural atribui para a feira e enfatizar os significados culturais que ela possui.

### **3.2. A Feira de Caruaru e o bairro do Vassoural: “um patrimônio de vida”**

Com uma população de 17.603 habitantes<sup>27</sup> de acordo com o Censo de 2010, o bairro do Vassoural possui uma grande quantidade de comerciantes, feirantes e frequentadores da Feira de Caruaru. Como buscamos destacar no tópico anterior, existe uma intersecção entre tais atores, destacando-se que algumas pessoas, além de comerciantes ou feirante, também são moradores do bairro, tendo relações diversificadas com a Feira. Em virtude disso, buscaremos explorar nesta parte um pouco da dinâmica desse bairro que se encontra ligado diretamente com as atividades da Feira, destacando a forma com essa influência na dinâmica do Vassoural.

Inicialmente, assim como a cidade, o bairro também sofre alterações momentâneas durante os dias de feira, destacando-se as transformações que podem ser observadas no dia da feira da Sulanca, que atualmente ocorre entre as quintas-feiras e sextas-feiras: das 15h às 22h da quinta-feira e das 4h às 12h da sexta-feira<sup>28</sup>. Nos dias que ocorrem a feira da Sulanca pode-se observar que as imediações dela ficam intransitáveis por conta do grande fluxo de pessoas, carros e comerciantes, além dos ambulantes que vendem lanches, água e outros itens (Figura 14).

---

<sup>27</sup> Para mais: [http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao\\_formato2.aspx?CodInformacao=1167&Cod=3](http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao_formato2.aspx?CodInformacao=1167&Cod=3) acesso em 03-07-2024 às 19:49

<sup>28</sup> Informações disponíveis no portal oficial da Feira da Sulanca na rede social *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8xTtRhvfUL/>. Acesso em 18 jul. 2024.

**FIGURA 14– Avenida Rui Limeira Rosal em dia normal e em dia de Feira da Sulanca**



Esse trecho fica interditado com muita circulação de compradores e ambulantes que montam suas bancas no chão e comercializam seus produtos. Autor: Jonath Tavares. 17-07-2024 e 24-01-2022.

Diante disso, podemos afirmar que se desenvolvem no bairro novas dinâmicas e novas funções em torno das atividades da Feira pois, o grande movimento promovido pelas atividades comerciais contribui que outros moradores, que não trabalham diretamente com a Feira, realizem atividades comerciais diversas, quer em pontos fixos do bairro do Vassoural ou de uma forma autônoma e improvisada, com o trabalho dos ambulantes. Como destaca Halley (2010), ao refletir sobre o centro comercial do bairro de Água Fria (Recife), ao caminhar e se relacionar pelas ruas e avenidas tomadas por tais atividades comerciais, os indivíduos podem se deparar com um cabedal de experiências vividas, que contribuem para o estabelecimento de suas relações com os lugares. De acordo com suas palavras:

É o burburinho das ruas repletas por feirantes e comerciantes, o fluxo de pessoas e veículos circulando, as celebrações e comemorações especiais (as procissões, o carnaval, as festas juninas, etc.), o diálogo frequente nos pequenos negócios (mercearias, vendas e bodegas), os acenos das pessoas que cruzam umas com as outras... Enfim as diversas manifestações existentes nos endereços centrais de bairro, reconhecidos como lugares do encontro, da festa, do comércio e da brincadeira. É

também o lugar da diversidade de ocupações habitacionais, comerciais, industriais, de prestação de serviços ou de lazer (Halley, 2010, p. 163-164).

No do Vassoural, essas experiências vividas são tão importantes e tão fortes que os horários de funcionamento de outros centros comerciais e atividades desenvolvidas no bairro são ajustados para garantir que o local funcionará e poderá aproveitar o movimento durante o período de chegada dos sulanqueiros. Essa importância das atividades comerciais, além da adequação dos horários e das atividades aos ritmos da Feira, demonstra como a centralidade comercial é central e determinante para a forma como as pessoas (moradores, comerciantes e feirantes) vivenciam o âmago do lugar e estabeleçam as suas experiências vividas, como pode ser observado no trecho a seguir, destacado por um entrevistado:

O dia de feira as vendas aumentam, eu costumo dizer que é um dia diferenciado lá na farmácia. Não à toa, é um dia de plantão. Porque é um dia que a gente passa mais horas trabalhando, que é o dia que a gente... Como é que se diz? É o dia que tem mais movimento na farmácia. **Pergunta:** *Então quer dizer que, no caso, você cumpre um horário maior durante a segunda-feira?*<sup>29</sup> Não, durante a segunda-feira, não. De domingo pra segunda. Na segunda-feira, não, porque é um dia de semana normal e aí é o pessoal da manhã que está lá. Mas do domingo... Porque, assim, o movimento começa no domingo, geralmente por volta de umas cinco da tarde, quando está... É até fácil ver, de lá mesmo você vê a quantidade de ônibus subindo pra entrada da Feira, a quantidade de carros com carregamento, tá entendendo? De pessoas já chegando pra ir pra Feira. Está entendendo? Se instalando pra poder visitar a Feira. (Entrevistado 03, 19 anos, trabalhador, 23-09-2022).

Assim, observando tal organização, torna-se mais fácil compreender e enfatizar que o bairro, de certa maneira, vive em função da feira, pois, devido ao grande fluxo de visitantes para a Feira, as atividades comerciais locais adaptam seus horários buscando aumentar as vendas e garantir um lucro mais robusto. Ainda nesse viés, observa-se que a circulação de pessoas movimentada toda uma rede de comércio que vai do ambulante ao dono de restaurante, que sabem do fluxo e da necessidade de se estar preparado para ele, caso contrário, não terá o retorno esperado.

Além disso, a expansão momentânea da feira é algo bastante interessante, pois, ela toma conta das ruas do bairro com ônibus, vans, carros particulares e tantos outros meios de transportes utilizados para chegar o mais próximo possível da feira, com o objetivo de diminuir a distância para quem vai realizar muitas compras. Porém, ao mesmo tempo que a quantidade de pessoas circulando aumenta, os comerciantes também possuem sua rede de trabalhadores que vão desde atendentes até fretistas para levar as mercadorias de seus clientes, medida que

---

<sup>29</sup> A entrevista foi realizada antes da mudança do dia de feira da sulanca, na época ela acontecia do domingo para a segunda-feira.

acaba fidelizando os clientes e garantindo o retorno. Sobre esse aspecto, cumpre destacar a resposta dada à questão em entrevista:

**Pergunta:** *E outra coisa, vocês têm alguma relação... Por exemplo, a loja lá, né, tem alguma relação com aqueles fretistas, alguma coisa assim? Tem um que é contratado especificamente pra isso? Eles trabalham todo dia ou eles trabalham só naquele dia mesmo?* Professor, o... Eu digo coroa porque ele já tem, eu acho que cinquenta anos. Que pega lá o... Faz tempo que ele trabalha lá na loja. Só que ele não é daqui. Ele é de Cumaru. **Pergunta:** *Aí ele vem pra cá só em dia de Feira?* Eu não sei lhe dizer se ele vem no sábado e já fica até a segunda. Eu sei que ele dorme lá num estacionamento. Entendeu? E ele fica lá no estacionamento. Agora, eu não sei se é do sábado ou se é do domingo pra segunda. Porque a maioria dos carroceiros... Tem muitos por aqui, agora, tem muitos também que são de cidades vizinhas. São Caetano, Cuma... Feito esse... Todo domingo e segunda eles estão aí. (Entrevistada 02, 48 anos, trabalhadora, 14-09-2022).

Neste sentido, as ruas próximas do gargalo da feira ficam tomadas de pessoas e ambulantes, tornando-se impossível a circulação dos carros que normaliza apenas após o meio-dia, quando a movimentação reduz e o trânsito no local pode voltar ao normal como se nada tivesse acontecido. Toda essa situação traz uma reflexão de que a ocupação dessas ruas do entorno é uma situação que já faz parte da dinâmica de vida dessas pessoas que sabem que naquela madrugada a cidade para e recebe pessoas de diversas cidades e estados em busca das mercadorias encontradas na feira. De forma complementar, as pessoas que possuem carros e residem nas redondezas sabem que não poderão sequer sair de casa com seus veículos, pois, as ruas estarão tomadas e sem condições de transitar veículos.

Neste sentido, observa-se que as ruas e avenidas que circundam a Feira de Caruaru, as ruas que dão acesso à Feira a partir do centro da cidade e do bairro do Vassoural, assim como as principais ruas deste bairro, têm as dinâmicas de circulação e de relações com os lugares totalmente alteradas nos dias de Feira. De forma destacada, algumas das feiras, como o caso da feira dos importados (também conhecida como feira do Paraguai) e da feira *do troca* ocorrem em algumas ruas e espaços públicos, que são ocupados e ressignificados nos dias de maiores fluxos. No caso dessas duas feiras, a *do Paraguai* ocorre nos dias da grande feira, sendo parte na rua e outra parte em uma parte fechada, junto à FUNDAC. A *do troca*, por sua vez, ocorre todos os dias em espaços públicos nas margens do rio Ipojuca.

Assim, nos dias que ocorrem a grande feira, podemos observar um *transbordamento* das atividades comerciais para os logradouros e espaços públicos (Figura 14), indicando outros usos e formas de apropriação da cidade. Sobre esse *transbordamento* da Feira de Caruaru em dias de Sulanca para as ruas da cidade, Araújo (2011) comenta que, a partir dos anos 2000, esse crescimento passou a ser considerado como uma “invasão” pela Prefeitura Municipal,

considerando que essa expansão poderia causar riscos e impactos negativos às dinâmicas comerciais da Feira, como um todo. Conforme destaca essa autora:

A partir do ano 2000, apesar de o Parque 18 de Maio ter sido construído com uma perspectiva de ocupação de área total com espaço suficiente, conforme observamos anteriormente, na atualidade, em decorrência dos impactos gerados pelo mundo do trabalho, a feira da Sulanca tem-se expandido crescentemente, “invadindo” as vias do entorno do parque, como um fenômeno de ocupação irregular, obstruindo os corredores de circulação no interior do parque, além de algumas ruas do centro da cidade. Estes feirantes são chamados de “invasores”. E foram desta maneira cadastrados na Prefeitura. [...] Tal fenômeno é benéfico em função de corresponder a um mercado de trabalho para aqueles que encontravam-se desempregados, mas acarreta muitos inconvenientes, como por exemplo o transtorno causado no trânsito local. Críticas são apontadas nesta direção: “Em uma cidade que é desprovida de avenidas largas, uma vez por semana retira-se dela algumas de suas principais ruas de ligação, e neste mesmo dia coloca-se mais uma quantidade exacerbada de carros, toyotas, bicicletas, carroças e pedestres, o trânsito não pode funcionar nunca!”. Estas críticas não foram apontadas somente pelos cidadãos que transitam pelo centro da cidade às terças-feiras, mas a dificuldade de acesso também foi motivo de preocupação por parte do Ministério Público Estadual. Referimo-nos aos muitos “chamamentos” desta entidade jurídica à Prefeitura Municipal, exigindo que providências fossem tomadas para solucionar este problema de acesso, dentre outros (Araújo, 2011, p. 504-505).

Essas questões apresentadas pela autora na citação destacada acima correspondem aos pontos apresentados no debate realizado sobre a requalificação e transferência da feira da Sulanca do entorno do Parque 18 de Maio para outro trecho que fica nas margens da BR-104 com um grande espaço para estacionamento de carros, vans e ônibus. Desse debate, importa-nos destacar neste momento a importância que a Feira de Caruaru tem para alterar as dinâmicas e relações das pessoas no bairro do Vassoural. Essas mudanças são de ordem econômica, dos deslocamentos e das práticas sociais realizadas no bairro com relação às atividades da Feira.

Entretanto, se esse *transbordamento* da feira é visto por algumas pessoas como uma dinâmica normal, como um comportamento esperado das atividades econômicas desenvolvidas, alguns moradores e trabalhadores revelam preocupações e incômodos com esses impactos. Por exemplo, a entrevistada 04, moradora do Vassoural e trabalhadora da feira vendendo flores, demonstrou nas entrevistas preocupações com a “bagunça” observada em alguns dias e alguns espaços da Feira. De acordo com suas palavras:

[...] ali naquele local onde eu trabalho, é muita desorganização. Porque é uma coisa muito junta à outra, é muito difícil pra pessoa... Se locomover também e... Como é que eu posso falar? Como se fosse separar as coisas, entendeu? Porque os bancos são muito colado um com o outro. Aí tem essa questão. Tem banco que é muito desorganizado. Aí tem a desorganização. Aí fica aquele negócio bagunçado. Mesmo que a pessoa não queira, mas acaba se tornando, pelo ambiente. [...] teria que haver mais organização, porque é um ambiente, em alguns locais, muito desorganizado. E também, muita gente acaba se afastando, sabe, pelo fato da organização (Entrevistada 04, 19 anos, trabalhadora, entrevista realizada em 20/09/2022).

Portanto, o bairro se transforma e sofre uma metamorfose que, por um momento, tudo que existe nele vai confluír para aquela situação (dia de feira), assim como a cidade que, concomitantemente, também é afetada, pois, sobretudo o congestionamento acaba afetando também a região central devido especialmente à localização da feira. Nesse sentido, como a cidade cresceu por conta da Feira, a população tem consciência disso e, como já foi visto anteriormente, muitos são trabalhadores da feira em seus diversos setores.

Um aspecto complementar sobre a interferência da Feira na dinâmica do bairro pode ser observado na rua principal deste bairro, a rua do Vassoural, mais conhecida como *ladeira do Vassoural* (Mapa 07). Devido à sua proximidade da Feira, por ser um logradouro central ao bairro, além de ser uma importante via de chegada ao polo comercial da Feira, essa rua se caracteriza por ter importantes atividades comerciais diretamente ligadas à Feira, como fabricos que produzem produtos para serem vendidos na Feira ou outros comércios como restaurantes, lanchonetes e serviços em geral. Sobre a importância da Feira para o desenvolvimento de outras atividades no bairro, podemos destacar as questões apresentadas por um entrevistado. A partir das suas palavras:

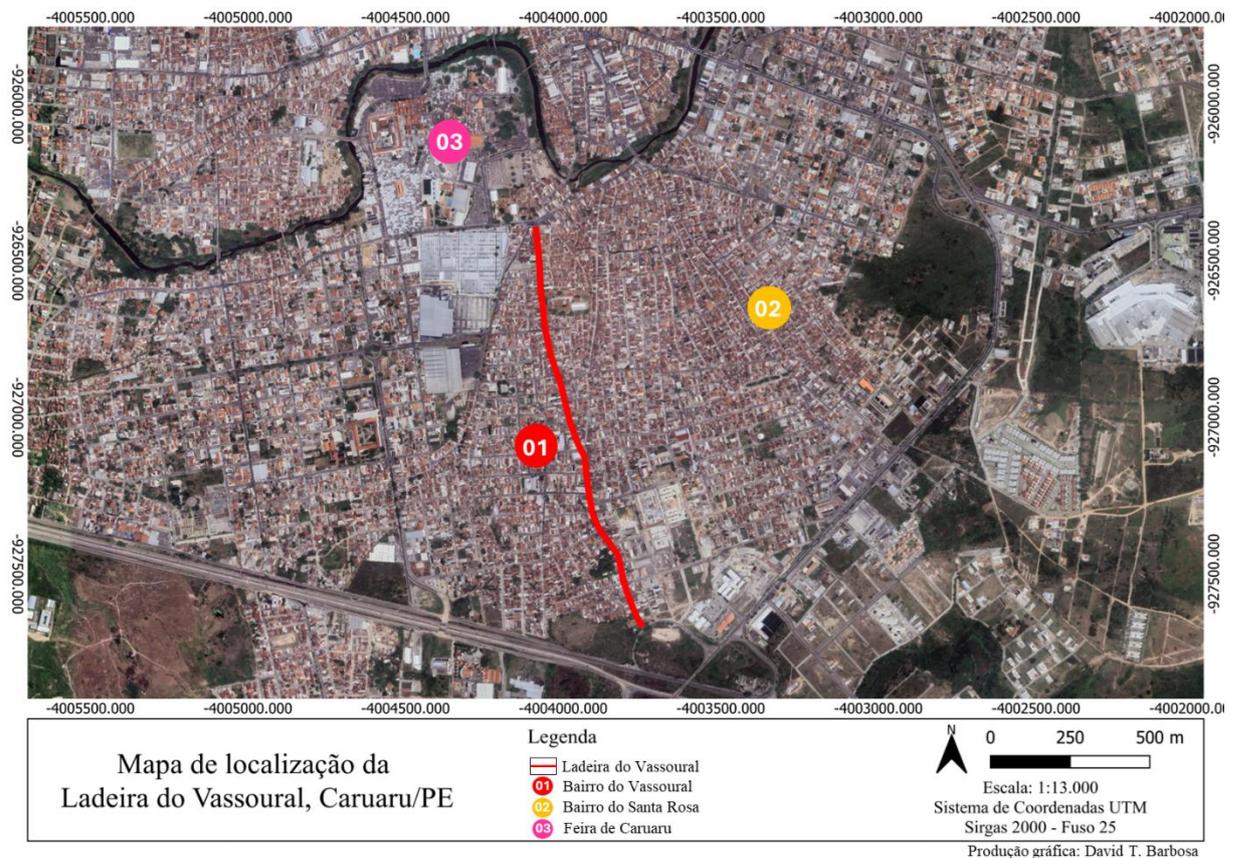
[...] a Feira afeta diretamente a farmácia em que eu trabalho - eu sou atendente da Farmácia DrogaMed, do começo do Vassoural - de diversas formas. Uma, no movimento, já que a Feira acontece do domingo pra segunda, aumenta muito a quantidade de clientes que vêm pra farmácia. Não só clientes de... Como é que se diz? Daqui de Caruaru, que visitam a Feira de Caruaru, que comercializam na Feira de Caruaru; mas também muita gente de fora. Isso aí é muito comum, que, tipo, na farmácia chegue muita gente tipo, "Ah não, eu vim de...", de cidade, inclusive, até longe. Tá entendendo? De cidades longe pra ver não sei o quê. Uns, às vezes, pra visitar a Feira. Tipo, visitar porque está fazendo uma espécie de turismo aqui próximo. Outros pra comercializar e outros também pra comprar. Tá entendendo? (Entrevistado 03, 19 anos, trabalhador, entrevista em 23/09/2022).

Articulado com as atividades econômicas da Feira e dos serviços encontrados no bairro do Vassoural, pode-se destacar a presença de alguns importantes equipamentos no local: o caso dos *fabricos* existentes no bairro que costumam e produzem alguns produtos que são vendidos na Feira. Por exemplo, a entrevistada 05, moradora do bairro, destacou que trabalha em um *fabrico* de produção familiar, localizado no Vassoural, que produz algumas roupas voltadas principalmente o período do final do ano, com aceleração da produção a partir de outubro. Quando questionada sobre a forma de produção no bairro e a relação deste com a Feira, destacou que:

Tem de tudo um pouco [no bairro]. Pronto, muitos confeccionam, trabalham para a Feira assim. Eu conheço gente que trabalha lá até com frete, carregando frete. Mas a maioria é confeccionando. [...] É, com roupas. Lá na minha rua é muita confecção, muito fabrico. [...]Dentro de casa (Entrevistada 05, 18 anos, trabalhadora. Entrevista feita em 23/09/2022).

Ainda nessa perspectiva, o dia que antecede a feira da Sulanca é de preparação das mercadorias e do espaço que será utilizado, especialmente para aqueles que montam seus espaços nas ruas, e no final do dia, muitos desses espaços já estão nos locais apenas esperando para o momento de começar a movimentação. Além do bairro do Vassoural e do Santa Rosa, é importante citar também o bairro do Petrópolis, onde a feira está situada e suas ruas ficam lotadas de carros, ônibus e vans, além dos estacionamentos em terrenos baldios que somente funcionam nesses dias.

**Mapa 07. Mapa de localização da Ladeira do Vassoural, Caruaru/PE**



Elaboração: David T. Barbosa, julho de 2024.

Em segunda análise, é importante ressaltar que a população de Caruaru, sobretudo a do Vassoural, possuem uma ligação afetiva muito forte com a Feira, em função de tudo que ela representa. Conforme buscamos demonstrar, a relação que os moradores estabelecem com a Feira não é uma mera relação de consumidor e vendedor ou apenas como um espaço de lazer, ela (a feira) faz parte de uma questão identitária que é inerente à população do Vassoural. Foi percebido nas entrevistas, que as pessoas falam com um certo orgulho, satisfação e alegria por fazer parte da rede que é a Feira de Caruaru desde muitas gerações. Como podemos ver nos relatos abaixo:

Significa meio que fosse um pontinho, assim; no círculo é aquele pontinho que muita gente conhece, Caruaru, não só pela capital, que é chamada a capital do forró, mas também pela Feira de Caruaru. E é um ambiente muito... Deixa eu ver uma palavra que eu possa encaixar. Desde pequena, eu sempre gostei de acompanhar a minha avó quando ela ia, tanto no sábado quanto na segunda. Precisava de alguma coisa, pelo fato da Feira ser um local mais prático e mais... (Entrevistada 04, 19 anos, Trabalhadora 20-09-2022).

Olha, a Feira pra mim representa uma vida. Representa uma vida e uma... Uma superação e um tudo! Um patrimônio de vida! Porque você veja, aqui meus filhos cresceram, estudaram, não se formou porque não quiseram. Que nem você conhece a minha menina. E tudo foi dentro desse barracão aqui na feira. Quer dizer que essa Feira foi minha vida, professora e mãe. Pra mim essa Feira foi tudo isso. Minha vida, minha professora e minha mãe. Hoje eu tenho uma casa pra morar, na Feira; meus filhos se formaram, na Feira. Eu estou aqui conversando com vocês, com quase setenta anos, na Feira. É ou não é? (Entrevistada 01, 70 anos, Comerciante, 03-09-2022).

Ao observar tais relatos, é possível perceber que a Feira vai muito mais além de qualquer ambiente de comércio ou de lazer, fazendo parte da vida e do dia a dia das pessoas que vivem e fazem ela acontecer: patrimônio de vida, ancestralidade, aprendizados. Desde os mais novos aos mais velhos, demonstram uma satisfação em fazer parte dela, em tirar o sustento ou até mesmo por apenas frequentá-la como forma de lazer, é o suficiente para se sentir parte desse lugar carregado de elementos identitários.

Em acréscimo, é importante destacar que o reconhecimento da Feira de Caruaru como um patrimônio cultural do Brasil pelo IPHAN, como já foi destacado neste trabalho, buscou valorizar a sua importância enquanto lugar, considerando suas relações cotidianas de trabalho e sociabilidades. Como destaca Araújo (2011, p. 492):

**O registro da feira pernambucana no Livro dos Lugares associa-se à noção contemporânea de lugar.** Estando este relacionado não à concepção clássica moderna de “sagrado” e “profano”, concebida pelos sociólogos Émile Durkheim e Mircea Eliade quando distinguem espaço, ritual, local religioso e não-religioso, mas, sobretudo, à noção de sítio de Michel de Certeau e Marc Augé, **relacionada à vida cotidiana, ao trabalho, às lutas pela sobrevivência.** Ou seja, local – e neste caso a feira de Caruaru – **como espaço que se constrói culturalmente a partir dos significados da sociedade, dos valores simbólicos cultivados pela memória e experiência para aqueles que o habitam, cultuando um sentimento de pertença** (Araújo, 2011, p. 492, grifos nosso).

Assim, os usos e práticas cotidianas dos moradores, comerciantes e feirantes, assim como as suas apropriações simbólicas e materiais do lugar e suas redes de sociabilidade são questões centrais para o reconhecimento da Feira de Caruaru como patrimônio cultural do Brasil. Apesar do reconhecimento oficial, as pessoas aqui entrevistadas (além daquelas que deram depoimentos informais) não comentaram o fato do tombamento, nem se referiram ao órgão federal responsável. Conforme o Dossiê do IPHAN para a Feira de Caruaru, é a relação desta com as pessoas que nela trabalham e as dinâmicas econômicas e culturais que nela são observadas que garantem à Feira a condição de ser um tipo de “lugar estruturante de relações

socioculturais” (IPHAN, 2009). Considerando essa importância, buscaremos destacar esses usos, apropriações e redes de sociabilidade no próximo tópico.

Assim, podemos destacar que existem alguns significados culturais e apreensões sobre os lugares identificados na Feira de Caruaru que foram observados nos trabalhos de campo e nas entrevistas realizadas, destacando-se que esses sentimentos são construídos a partir das experiências individuais, de forma material (nos comércios, *fabricos* e demais atividades comerciais) mas também de forma imaterial, revelando expressões de uma identidade cultural. Dentre esses distintos significados, consideramos alguns principais: a existência de expressões topofóbicas, principalmente por parte das mulheres que relatam o medo de transitar em certos lugares e em determinados horários; a construção de expressões identitárias construídas de forma direta com a Feira, sendo esses lugares essenciais à reprodução da vida cotidiana desses moradores e trabalhadores; a afirmação se significados culturais e patrimoniais para as ações e atividades observadas na Feira.

### **3.3. A Feira de Caruaru: usos, apropriações e redes de sociabilidade**

Dentre tantas relações que a população possui com a Feira de Caruaru é importante frisar que ela se manifesta de diversas maneiras e neste tópico buscaremos apresentar um pouco como funcionam, qual o grau de relevância dado pelos diferentes grupos, buscando relacionar com as ideias apresentadas no capítulo 1. Essas discussões e reflexões foram possíveis a partir do diálogo estabelecido com os feirantes, comerciantes e moradores que possuem visões opostas e, ao mesmo tempo, complementares sobre ela.

Inicialmente, para aqueles que tiram dela seu sustento, percebe-se que possuem um vínculo tão profundo que chega a fazer parte da identidade pessoal, onde o lugar é sempre falado com bastante orgulho em função da experiência vivida como forma de construção da personalidade que o caracteriza como sendo daquele espaço. Dos vários lugares existentes nos setores da Feira, o artesanato consegue ser um espaço que remete às atividades manuais, sobretudo os bonecos de barro do Mestre Vitalino e Galdino – ambos citados nesse trabalho – que se conectam diretamente com o Alto do Moura. Tais lugares são acolhedores e promovem uma conexão com o que tem de mais artesanal na feira (Figura 15).

**FIGURA 15 – Feira de Artesanato com banda de Pífanos animando os frequentadores**



Um destaque para a imagem é a presença de algumas pessoas utilizando máscaras devido à pandemia de COVID-19. Autor: Jonath Tavares. 14-05-2022.

Nesse âmbito, não é segredo que esse pedaço é um dos mais visitados pelos turistas que consomem os produtos de um setor tradicional e bastante antigo. Além de ser um polo turístico, a população local frequenta a área do artesanato em busca de produtos para suas casas. Sendo assim, corresponde a um trecho que promove um entretenimento especialmente por conta de sua organização e aconchego, que são elementos que atraem os visitantes e os fazem percorrer seus corredores. Um outro ponto que merece destaque são alguns grupos que enfatizam a cultura nordestina, destacando-se a presença de grupos de forró circulando por esse setor, animando os frequentadores.

Neste ponto, é importante destacar que, inicialmente, partimos da hipótese que a Feira de Artesanato corresponderia a um ponto de identificação mais destacada por parte dos turistas. Entretanto, ao longo da pesquisa, pudemos observar que esta feira também é destacada como um importante espaço para identificação para as pessoas que trabalham e residem no bairro. Essa identificação pode ser observada no trecho destacado a seguir:

Geralmente, eu gosto muito de ir naquela feira de artesanato. Eu gosto muito por ser próximo e também por ter muita coisa, assim, daqui da nossa região e que é muito massa. Não só, assim, de você ver... Porque a gente é daqui da região, mas nem sempre a gente convive com as coisas da nossa região. Até por conta das coisas da era moderna que a gente tem agora. Tipo, o hype agora é internet, essas coisas, tá entendendo? Mas eu gosto muito de ver. Aí eu sempre passo lá. Geralmente quando eu vou comprar... Ontem mesmo eu passei quando eu fui comprar... Porque eu fui comprar uma cortina, comprar umas coisinhas que a gente ia organizar aqui, aí eu já passei já olhando já as coisas porque eu gosto muito de olhar (Entrevistado 03, 19 anos, trabalhador, entrevista em 23/09/2022).

Uma questão importante destacada por esse entrevistado nos ajuda a compreender, de forma complementar, sobre o cruzamento dos olhares “de dentro” e “de fora” sobre a Feira, destacando-se o exemplo da feira de artesanato. Se para aqueles que vem “de fora”, como foi o

nosso caso, o espaço do artesanato se apresenta como um dos principais pontos turísticos da Feira, esse entrevistado destacou que essa feira “um ponto de comércio do que como um ponto turístico” (Entrevistado 03, 19 anos, trabalhador, entrevista em 23/09/2022). De acordo com sua leitura, as coisas que são vendidas nesse espaço têm relação direta com suas necessidades cotidianas, o que nos permite observar que as relações com o lugar estabelecidas pelos moradores e pelos trabalhadores apresentam outras camadas simbólicas que aquelas apresentadas pelos “de fora”.

Entretanto, ao mesmo tempo que existem lugares que remetem à uma relação afetiva, a Feira possui espaços que não são bem vistos ou frequentados em virtude da falta de segurança ou até mesmo porque são áreas que os feirantes usam como depósitos, como na área da *Brasilit*. Por conta dessas questões, esses espaços acabam ficando esquecidos ou invisibilizados por tudo que representa um dos principais setores da feira de Caruaru, o artesanato. Sendo assim, esses espaços mencionados abrangem uma região de maior perigo para quem passa por ela em dias de feira ou sem movimento, como por exemplo a área da *feira do troca* ou *feira do rolo*. Assim, a feira pode ser compreendida a partir da conjunção da diversidade de vivências e relações com seus lugares, que envolvem dinâmicas legais e ilegais, afetivas e de medo, comerciais, identitárias e afetivas.

Portanto, os espaços da Feira são bem diversificados e acabam atraindo cada um seu público, principalmente no que diz respeito ao produto desejado, pois, como já foi visto aqui nesse trabalho, os setores estão divididos e localizados cada um em seu ponto facilitando quem vai em busca de carne, flores ou de farinha, por exemplo, produtos esses que possuem espaços organizados e planejados para tais feirantes.

É importante citar que tais espaços trouxeram organização e facilitaram a circulação pelos setores da feira, porém, também é pertinente mostrar que, existem ainda bancos de feira fixos nas áreas externas (Figura 16), principalmente ao redor do mercado de carnes, daqueles feirantes que trabalham a semana inteira. Essa localização fixa nesse ponto estratégico, a meu ver, se dá pela necessidade de compra de carne, legumes, frutas e verduras praticamente em um único local, facilitando a vida de quem vai na feira.

**FIGURA 16 – Bancos de feira livre fixos**

Bancos de feira livre que funcionam todos os dias da semana e estão localizados ao redor do mercado de carne. Autor: Jonath Tavares 17-07-2024

Em segunda análise, como já é sabido, Caruaru cresceu ao redor da feira e dada sua importância econômica para a região, houve uma expansão rápida e desordenada que promoveu a ocupação de áreas de risco, sobretudo nas margens do rio Ipojuca o crescimento de habitações irregulares, o qual foi praticamente invadido, e essas construções acabam despejando o lixo e o esgoto diretamente nele, contribuindo assim, para sua poluição. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de mencionar que tal situação é fruto da expansão urbana acelerada das cidades brasileiras e Caruaru, por todas as questões já mencionadas, é um centro regional que atrai pessoas oriundas de outras cidades ou até mesmo de bairros vizinhos e distantes.

Tal problema mencionado acontece em Caruaru assim como, na maioria dos municípios brasileiros. Com isso, um outro ponto que merece destaque é a grande circulação de pessoas, carros, vans e outros veículos que, nos dias de maior fluxo, acabam ficando em congestionamentos no centro da cidade, em suas vias principais que não comportam mais o grande número de veículos que aumenta a cada ano. Todas essas questões são reflexo da centralidade do município que acaba atraindo ano após ano um contingente de visitantes e compradores cada vez maior.

Apesar da percepção desses problemas, as pessoas que trabalham na Feira percebem e buscam destacar a importância – história e contemporânea – desse espaço para o município de Caruaru e toda a região. Conforme destacado por uma das entrevistadas:

Eu acho que a Feira, ela abriga muita família ali. Assim, praticamente Caruaru todinha depende da Feira. Se a Feira um dia parasse, misericórdia, aqui em Caruaru não seria...

Eu não sei o que seria porque muita gente depende, realmente. [...]Minha mãe trabalha juntamente também com a Feira, mas meu pai trabalha já em outra área. [...] Minha mãe, com costura, trabalhando assim ligado com a Feira já faz mais de trinta anos (Entrevistada 05, 18 anos, trabalhadora, entrevista realizada no dia 23/09/2022).

Sendo assim, nos últimos anos há uma discussão sobre a retirada da Feira do centro<sup>30</sup> e deslocando ela para uma área próxima do Polo comercial e do Hospital Mestre Vitalino que fica nas margens da BR-101 com uma estrutura de 60 hectares e um estacionamento com mais de 3,5 mil vagas para carros e 600 ônibus. Essa situação é cercada de opiniões diversa e em conversa com os entrevistados, foi mencionada essa possível mudança ocasionada pelos transtornos causados em dia de feira da sulanca na cidade e as respostas foram:

Eu acho que vai ser ruim. Pra mim vai ser ruim. Pra mim vai ser ruim. Porque, assim, pra onde estão querendo colocar - é lá perto do Polo - já vem a parte da madrugada. Isso interfere bastante porque, assim, eu não posso... Minha filha tem moto, mas eu não posso tirar ela três horas da manhã pra me levar e voltar. É muito esquisito. Então, tem um pessoal que também trabalha lá na feira e a gente vai de taxi. Aí ele pega o pessoal e vem me pegar. Se for pra mais longe, aí já vai interferir. Assim, certo que essa feira aí, na parte em que eu trabalho, ela não tem muita infraestrutura boa. Como assim? Fiação, banheiros, não tem. Mas se tirar dali eu acho que interfere muito. E não só pra mim... **pergunta:** *E também tem a questão que vai ter que acordar mais cedo, né isso?* **Resposta:** Pois é. E não só pra mim, eu acho que pra um monte de pessoas, viu. Porque a maioria do pessoal aqui, Vassoural, Santa Rosa, Rosanópolis, ali, a maioria trabalha na Feira. (Entrevistada 02, 48 anos, trabalhadora, 14-09-2022).

Por ser longe, e o acesso ocorrer pela BR-104 a mudança de local afetaria os bairros próximos promovendo uma expansão urbana leste-oeste na área e o próprio “coração da cidade”. O poder público vem cogitando essa possibilidade de levar a feira da sulanca para o Polo em função de uma melhor logística, pois, todo o acesso seria feito por fora da cidade, contornando pelas rodovias federais que cortam Caruaru (BR-232 e BR-104) não levando em consideração que muitos dos comerciantes que trabalham diretamente na feira moram nas proximidades e não seria muito interessante essa mudança para um raio distante do centro. Ao mesmo tempo, uma possível mudança poderia gerar uma nova configuração comercial nas margens da rodovia e surgirem novos pontos comerciais.

Porém, como esse não é o objetivo desse trabalho, não vamos **nos** aprofundar nessa discussão. Basta deixar registrado que haveria consequências profundas e danosas ao sentido de lugar da Feira, suas relações espaciais com a cidade e o rio Ipojuca, representando uma calamidade para as relações interpessoais que estruturaram esse fenômeno comercial singular de Caruaru e justificaram, em última instância, a sua patrimonialização. Mudanças políticas, logísticas e infraestruturais de grande monta e que obedecem a forças do desenvolvimento

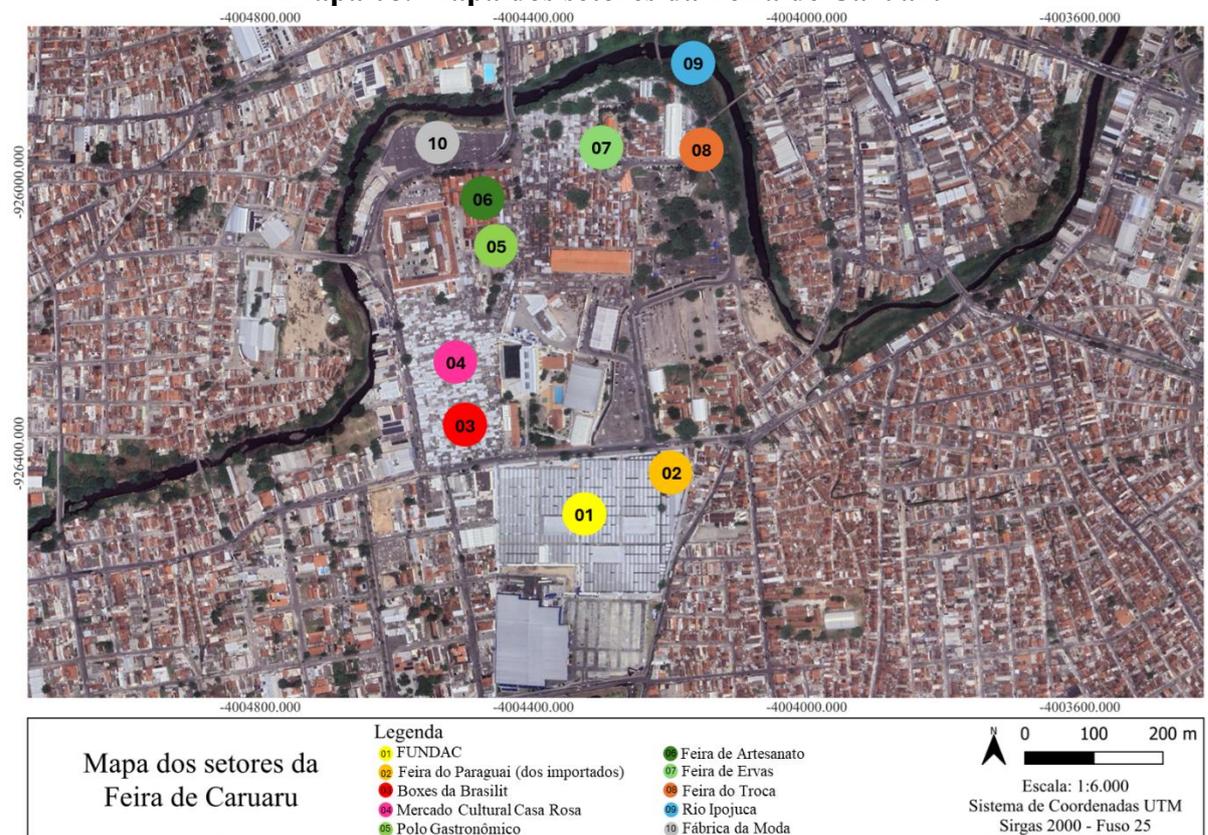
---

<sup>30</sup> Para saber mais sobre esse tema: <http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2014/04/feira-da-sulanca-de-caruaru-tera-60-hectares-e-sera-margens-da-br-104.html>. Acesso em 24/04/2021

capitalista da cidade (ressaltadas pelos geógrafos críticos Massey e Harvey) podem vir a afetar o próprio sentimento topofílico como descrito pelos geógrafos humanistas (Tuan e Relph).

Portanto, devido à sua centralidade econômica e cultural, fato já discutido nesse trabalho, a Feira de Caruaru apresenta-se como uma grande teia de atores sociais que a utilizam de diversas formas, quer seja como fonte de renda, como consumidor ou até mesmo apenas como frequentador, mas, cada um que chega até ela vem porque algo o atraiu e se faz importante compreender alguns desses usos e apropriações. Esses diferentes usos, apropriações e redes de sociabilidade podem ser observadas através dos diferentes setores identificados na Feira, que podem ser observados através do mapa a seguir (Mapa 08).

**Mapa 08. Mapa dos setores da Feira de Caruaru**



Fonte: Pesquisa de campo Jonath T. Barbosa, 2023-2024. Elaboração: David T. Barbosa, julho de 2024.

Inicialmente, podemos iniciar mencionando e retomando as relações de sociabilidade presentes na Feira, onde pode-se identificar que existem redes que representam relações diretas e próximas como entre feirantes e moradores; feirantes-feirantes; turistas e comerciantes, são alguns de tantos exemplos que temos dessa teia complexa de atores que compõem esse lugar. Diante disso, ao trazer para o debate o exemplo de um visitante que está de passagem pela cidade e visita a Feira, ele logo será atraído para a região do artesanato ou até mesmo o ambiente

aconchegante do Mercado Cultural Casa Rosa, pois, são os lugares mais frequentados pelos turistas e esses espaços estão num cenário de destaque quando se fala na Feira.

Outras redes de sociabilidade presentes são bem internas e sólidas, pois, são comerciantes que possuem fregueses fiéis que sempre voltam ao seu estabelecimento pelo tratamento recebido, pela qualidade do produto e do serviço prestado. Essa relação de proximidade é tão forte que os consumidores ajudaram essa comerciante com alguns produtos que ela perdeu durante um incêndio que ocorreu na feira como pode ser visto na fala a seguir.

Teve o problema do incêndio duas vezes. Foi queimada as coisas, pegou fogo. Duas vezes. Agora, naquele incêndio, minha cozinha não queimou, não. Queimou tudo ao redor, minha cozinha ficou no meio, não queimou nada meu. Só queimou a caixa d'água e as grades, vazia. Nem bebida não tinha nas grades. E a minha cozinha ficou intactazinha, sem queimar nada.

Aí eu fiquei lá. Aí os meus fregueses, que comiam lá, me deram as grades de queimou, me deram a caixa d'água que queimou, me deram as mesinhas que queimou. E minha cozinha, eles me deram os pratos tudo; mas porque quiseram dar, meu pratos estavam lá. Quando eu comecei lá, num fogãozinho de carvão de duas boquinhos, a barraquinha de dois metros e oitenta, eu cozinhava em panelinha de barro com prato que o pessoal me doou. Eu comecei de doação até chegar aqui. (Entrevistada 01, 70 anos, Comerciante, 03-09-2022).

Assim, percebe-se que a construção de um sentimento de pertencimento dessas pessoas com a Feira que envolve questões como a solidariedade interpessoal (“eu comecei de doação”), o orgulho do negócio que construíram, as memórias que foram e ainda são construídas e vivenciadas histórica e cotidianamente, assim como pela satisfação de “encontrar de tudo” nos comércios locais. Como destacado por uma entrevistada:

Eu acho que a Feira... Assim, a Feira pra mim representa... Eu acho que eu tenho muito carinho pela Feira, porque representa muito a minha infância. Aí eu sempre, assim, no final de semana, na feira de artesanato. Sempre representa muito. Eu acho que a Feira é um lugar também muito familiar (Entrevistada 05, 18 anos, trabalhadora, entrevista realizada no dia 23/09/2022).

Como destacado pela entrevistada 05, uma trabalhadora da Feira e moradora do Vassoural, trata-se de um lugar de memória (“representa muito a minha infância”) repleto de lembranças. Ela frequenta a feira para vender seus produtos, comprar e passear, demonstrando como o mercado de rua se torna em um lugar de relações e sentimentos diversos para aqueles que trabalham e moram em sua proximidade. Assim, podemos observar que na Feira de Caruaru podem ser constatadas diferentes relações com seus lugares, que são construídos a partir de diferentes usos, de distintas formas de apropriação e de um conjunto de relações de sociabilidade, complementares e complexas – e, sobretudo, sedimentadas pelo tempo. A compreensão dessa multiplicidade dos lugares e das relações que se estabelecem com tais

revela-se como uma questão central para reforçarmos a importância deste espaço e da sua importância patrimonial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como foco central a perspectiva do uso e apropriações do espaço a partir do conceito de lugar e abriu perspectiva para um debate fenomenológico, mas também, um debate que remete à geografia crítica, pois, a centralidade econômica e cultural de Caruaru e de sua Feira são pontos importantes e ao mesmo tempo distintos no que diz respeito à concepção das pessoas sobre elas. Sendo assim, ainda é necessário um aprofundamento maior nesse debate em função da complexidade das diversas ligações em questão.

Inicialmente, o debate teórico acerca do conceito de lugar foi fundamental para a compreensão das relações, usos e apropriações por parte de todos que, de certa forma, são envolvidos pela zona de interferência da Feira. A afetividade e a sensação de pertencimento são perceptíveis nas falas dos entrevistados sendo reflexo do elo construído ao longo dos anos de vivência, pois, muitos nasceram e cresceram no bairro e tiveram na feira a sua primeira oportunidade de emprego.

A pesquisa possibilitou o conhecimento da Feira de Caruaru e de seus atores sociais de forma um pouco mais profunda, mas ainda assim, de um pequeno recorte de tantos outros existentes nela. Sendo assim, foi possível entender da dinâmica instalada em dias de feira e de como os bairros do Vassoural e Santa Rosa se organizam a forma de funcionamento em '*dias normais*'. Sua diversidade e complexidade chamam atenção, sobretudo pela influência que gera não apenas no agreste pernambucano, mas também, em toda a região nordeste não esquecendo que ainda há – em menor quantidade – sulanqueiros de estados da região norte.

Em primeiro plano, a cidade de Caruaru é um centro comercial bastante importante que surgiu a partir da Feira que se formou por conta da passagem tornando-se parada obrigatória de abastecimento daqueles que iam em direção ao sertão. Nesse sentido, ela foi ganhando representatividade e a cidade foi crescendo e se desenvolvendo transformando-se no polo de confecções do agreste juntamente com Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Além do destaque econômico, Caruaru também é conhecida pela questão cultural, pois, as festividades juninas atraem pessoas de diversas regiões para a '*Capital do Forró*', período no qual, há um aquecimento da economia.

Em segunda análise, de todas as interferências promovidas por ela (feira) o ambiente escolar foi um dos locais mais explorados em virtude de minha atuação enquanto professor e da observação que a frequência dos discentes nesses dias de sulanca acabava reduzindo, ponto de partida para essa pesquisa que não finda nessa dissertação. Com isso, ao conversar com

alguns desses estudantes foi notado que muitos deles tinham na feira uma fonte de renda que era construída, principalmente, em dias maior movimento.

Um ponto de destaque e que vai permanecer como um desdobramento é sobre o processo de patrimonialização por parte do IPHAN, onde todos os entrevistados não sabiam o significado cultural e histórico desse título que teve sua revalidação em julho/ 2021<sup>31</sup>, mas ainda assim sem a devida valorização do mesmo e a participação da comunidade como um todo, pois ela sabe quais são os saberes e ofícios, os costumes e a culinária pertencentes à feira. Sendo assim, faz-se necessário um trabalho de esclarecimento e conscientização da sociedade sobre a importância desse título e acredito que esse cenário pode mudar dentro das escolas através da promoção de um inventário participativo com o objetivo de esclarecer a importância do patrimônio.

Dentre todas as questões levantadas por essa dissertação uma chama atenção, sobretudo no espaço da Feira, é a sua setorização com destaque para a área do artesanato, setor mais organizado e pensado para o turista que chega até a cidade e vem conhecer ela. Cada subespaço desperta sentidos e sentimentos específicos, de acordo com as vivências interpessoais que possibilitam, indo desde o senso de memória e ancestralidade, lugar de afeto e solidariedade, até a constituição espaços de medo, sobretudo para mulheres. Além desse setor do artesanato, logo após, o polo gastronômico com suas comidas regionais tem uma arquitetura peculiar e uma padronização dos restaurantes, desde a estrutura física, disposição das mesas e da placa com o nome deles. Ainda nesse sentido, convém citar o Mercado Cultural Casa Rosa, antigo matadouro, que após sua reforma transformou-se num ponto turístico no meio da Feira da ‘Brasilit’, local que difere totalmente da proposta do mercado.

Diante das discussões estabelecidas uma questão que fortalece o argumento da centralidade de Caruaru são os geossímbolos que caracterizam a cidade mesmo em locais distantes da capital do Agreste, como por exemplo, as placas espalhadas na região metropolitana do Recife e em outros pontos do território estadual. Outra situação que a cidade e sua feira são lembradas é por intermédio da música composta por Onildo Almeida que traz uma mensagem de valorização e destaque fazendo com que ela tornasse o cartão de visita da cidade.

Portanto, ao mergulhar no mundo que é a feira, foi possível entender o quanto de peculiaridades existem dentro dela, desde áreas mais frequentadas à locais visitados apenas por quem é assíduo nela, como a feira do ‘troca’ onde, para muitos, é um ambiente que inspira cuidados ao transitar e ao mesmo tempo, para outros, é um setor onde existem produtos de

---

<sup>31</sup> Para saber mais <https://www.gov.br/turismo/pt-br/secretaria-especial-da-cultura/assuntos/noticias/feira-de-caruaru-pe-e-revalidada-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em 24-07-2024 às 15:00

utilidade diversificada por um preço mais em conta quando comparados às grandes lojas. Esse setor possui uma variedade de produtos que chama a atenção, pois, encontram-se roupas, ferramentas, ventiladores, ervas medicinais (mesmo existindo o setor de ervas bem próximo, tem pessoas que trabalham com ervas na feira do troca); controles de televisão, bombas d'água, jogo de panelas etc.

Dessa forma, foi possível entender que existe uma “simbiose” entre a feira e a cidade onde as duas se misturam e crescem mutuamente: a metáfora biológica aqui refere-se ao contexto das interações humanas profundas, necessárias e historicamente sedimentadas entre as pessoas que fazem existir o fenômeno feira em Caruaru, gerando interdependência na busca de benefícios mútuos, enfatizando a importância das conexões sociais e emocionais com o lugar. Com isso, os espaços dela estão ultrapassando os limites do parque 18 de maio aproximando-se dos bairros do Vassoural e Santa Rosa, alterando a dinâmica de funcionamento local, assim como, do próprio centro da cidade. Sendo assim, para muitos, essa grande movimentação e crescimento desordenado dela acaba sendo prejudicial para o andamento da cidade que para nesses dias. Por outro lado, a nossa visão é de que existe um grande fluxo de pessoas que circulam na cidade em busca de mercadorias ajudando comerciantes locais e trabalhadores ambulantes, visto que, tem nesses dias um maior retorno financeiro.

Por fim, a conclusão para este momento é que cada vez mais existe um crescimento da feira por motivos diversos, como vimos nesse trabalho, causas dentre as quais o desemprego acaba atraindo trabalhadores para esse mercado informal robusto da cidade. Nesse sentido, não podemos deixar de citar a expansão urbana de Caruaru que, por ser um centro comercial, naturalmente aglutina um número de pessoas vindas de outras cidades em busca de melhores condições de vida e emprego, dada a sua característica comercial. Estudos futuros precisam ser realizados acerca de duas possibilidades interligadas: por que as pessoas comuns não têm se apropriado devidamente do tombamento da Feira como patrimônio imaterial e como isto pode representar uma fragilidade frente às recorrentes ameaças de remoção?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Anthony de Pádua Azevedo. **Caruaru/PE: De Fazenda a Cidade Média**. 2015. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

\_\_\_\_\_. **Entre a reestruturação urbana e a reestruturação de uma cidade média: o papel das grandes superfícies comerciais em Caruaru/PE**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2018.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da Questão Agrária no Nordeste**. 7. ed revista e aumentada. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: Um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Minho, Braga, 2011.

BARBOSA, Carla Cristina. A FEIRA E O TURISMO: PONTENCIALIDADES E ATRATIVOS<sup>1</sup>. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, ano 2008, v. 9, n. 28, p. 53-63, 22 dez. 2008. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BERNARDES, Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções. *Formação (Online)*, v. 27, n. 50, p. 275-299, 2020.

BONNEMAISON, Joël. *La Géographie Culturelle: Cours de l'université Paris IV – Sorbonne, 1994-1997*. Paris: Éditions du C.T.H.S, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê IPHAN 9 – Feira de Caruaru**. Brasília, DF, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O LUGAR NO/ DO MUNDO**. São Paulo: Hucitec, 1996

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo. Hucitec, 1996.

CLAVAL, Paul. “A Volta do Cultural” na Geografia. In: *Revista Mercator*, Fortaleza, Ano 01, número 01, jan/jun de 2002, p. 19-28. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192>. Acesso em: 27 mar. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Economia, Cultura e Espaço: Uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Economia, Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 07-14.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Geografia Cultural: Uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 219-237.

Cresswell, T: Place: a short introduction. Progress in Human Geography vol. 29, issue 5 (2005), pp. 678-680

DO RIO, Gisela A. Pires. Jogo de Espelhos: A dimensão cultural do econômico. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Economia, Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 15-36.

FERREIRA, Euzébio Josué. **Ocupação humana do agreste pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru**. (2ª edição revista) [recurso digital] / Josué Euzébio Ferreira. Maceió, AL: Editora Olyver, 2021.

GERTLER, Meric S. Uma Geografia Econômica Cultural da produção. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Economia, Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 37-98.

GONÇALVES, Luiz Antônio Araújo. A metamorfose da feira nordestina: a inserção da confecção popular / Luiz Antonio Araújo Gonçalves. São Paulo : Blucher/ Edições UVA, 2019. 248 p.

HAESBAERT, Rogério. **Por amor aos lugares**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HAESBAERT, Rogério. LUGARES QUE FAZEM DIFERENÇA: ENCONTROS COM DOREEN MASSEY. **GEOgraphia**, Niterói, ano 2017, v. 19, n. 40, p. 6-10, 10 ago. 2017.

HALLEY, Bruno Maia. **Água Fria: Tramas de enredos de um bairro na cidade do Recife**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

HALLEY, Bruno Maia. **DE CHAPÉU DO SOL A ÁGUA FRIA NUMA TRAMA DE ENREDOS, A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM BAIRRO NA CIDADE DO RECIFE**. Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel. 2010. 238 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O LUGAR COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL. **Revista formatação**, [S. l.], ano 2007, v. 2, n. 14, p. 48-60, 23 out. 2007.

NÓR, Soraya. **PAISAGEM E LUGAR COMO REFERÊNCIAS CULTURAIS RIBEIRÃO DA ILHA - FLORIANÓPOLIS**. Orientador: Profa. Dra. Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2010. 231 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2010.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989. **Revista Brasileira de Geografia**, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, v. 54, n.1, jan./mar. 1992, p. 95-120.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de; DOLZANI, Miriam C. S. Feira Livre: Territorialidade da cultura popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, ago./2008, p. 72-87.

MACIEL, Caio Augusto Amorim. **Metonímias Geográficas: Imaginação e Retórica da paisagem no semi-árido pernambucano.** 2004. 527p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global do lugar.** In: ARANTES, Antônio (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

MASSEY, Doreen: **Pelo Espaço: Uma Nova Política da espacialidade.** Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MASSEY, Doreen. **A mente geográfica.** *GEographia*, Niterói, vol. 19, n. 40, 2017: mai/ago, p. 36-40. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798/8998>>. Acesso em 27 mar. 2024.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino fundamental / Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação.** Recife: A Secretaria, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar.** São Paulo: Edusp, 2008.

SÁ, Márcio. **Feirantes: quem são e como administram seus negócios.** 2º ed – Recife – Ed. Universitária da UFPE, 2018. 269p

SILVA, Kleber Costa da. **Dinâmicas regionais de cidades de porte médio: Um estudo de caso sobre a concentração de serviços de saúde em Caruaru-PE.** 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.